

1º livro
primeiro amor

Os sentimentos são imensamente importantes.
Mas, quanto ao que realmente os envolve,
é o que é para sempre, muitos amam.

Dez razões para amar

DEZ RAZÕES

69



Dez Razões para Amar
Liesa Abrams
Coleção Primeiro Amor

Sinopse:

Erica acha todo tipo de romantismo fútil e desnecessário. E ela tem certeza que jamais se renderá a uma paixonite aguda, mesmo gostando de Frank London, o sério e compenetrado editor do jornal da escola. Frank é o cara perfeito: inteligente, sério, maduro... e também não dá a mínima para bobagens do coração. Bem diferente de Paul, melhor amigo de Erica. Mas é com Paul que ela faz as coisas que ela mais gosta e sabe que ele a entende como ninguém. Será que na verdade Erica é uma romântica de plantão? Ou pior: será que está apaixonada – o mais sentimentalmente possível pelo seu melhor amigo?

Prólogo

SETEMBRO

-É melhor você se exhibir para sua torcida organizada – dei um largo sorriso para Paul, inclinando minha cabeça na direção das meninas superanimadas que jogavam boliche na pista ao lado. Será que elas conseguiriam babar ainda mais por ele?

-Vamos ver – murmurou Paul com as bochechas levemente rosadas.

Eu não sabia o que me divertia mais: as garotas que devoravam meus amigos com os olhos ou ele que mal parecia nota – lás.

Ajeitei – me na cadeira pensando também se eu não agia como aquelas garotas quando estava perto de Frank London.

A gente sabe quando está se oferecendo muito para um garoto não sabe? Eu tinha certeza que aquelas garotas sabiam exatamente o que elas estavam fazendo. Mas eu não era assim: toda vez que via Frank, mesmo com o cérebro e os joelhos amolecendo, eu tentava disfarçar com toda as minhas forças.

E era por isso que Frank não tinha a menor idéia de que eu era apaixonada por ele.

-Observe e aprenda Erica – anunciou Paul, enquanto esperava sua bola retornar. – Eu vou acabar com você.

“Sim”, pensei, “observe e aprenda como as mulheres se comportam como verdadeiras debilóides”. Dei uma espiada nas garotas da torcida organizada de Paul: elas estavam encarando meu amigo dando risadas e cochichando. Não ficavam envergonhadas de serem tão atiradas assim?

E por que eu tinha que ficar? Se continuasse assim Frank nunca saberia o quanto eu gostava dele.

Será que queria que ele soubesse?

Sim.

Não.

Sim.

Não.

Mas e se houvesse uma minúscula chance de que Frank gostasse? E se ele me convidasse pra sair?

“Certo, certo. Continue sonhando Erica. O cara não está na sua.”

Paul puxou as mangas de seu agasalho azul – escuro até os cotovelos e abaixou a bola para pegar a bola. Nossas vizinhas ficaram hipnotizadas pelos seus antebraços. Ele

lançou a bola na pista, e eu observei o modo como ela fez uma pequena curva para a direita, acertando em seguida os dois pinos que faltavam. Um deles balançou por um segundo e caiu para o lado, derrubando o outro.

-Há – disse Paul triunfante. A torcida aplaudiu e soltou gritinhos. Paul dirigiu um sorriso sem graça pra elas e se esparramou na cadeira ao meu lado.

-Eu ainda tenho uma chance de derrotar você – falei.

Levantei e caminhei em direção a pista. As meninas lançaram um olhar de desprezo e correram para suas cadeiras disputando o melhor lugar para ver Paul.

“Quem precisa de vocês, garotas?”, disse – lhes silenciosamente. “Eu também tenho a minha torcida organizada pessoal: meu melhor amigo. Ainda que ele queira ganhar de mim”.

Afinal era para isso que serviam os melhores amigos.

Coloquei o cabelo atrás das orelhas e apanhei minha bola. Uma bola de três quilos e meio que Paul havia me dado um ano atrás no meu aniversário de catorze anos. Lancei – a com toda força em direção aos pinos.

Virei para ver o rosto de Paul e ouvi o estrondo prazeroso do strike que veio em seguida.

-Jogada de sorte – disse ele sorrindo para mim.

Nenhuma comemoração nem salva de palmas das meninas da pista ao lado.

Assim que Paul parou de se vangloriar e dizer que meu strike final não havia sido suficientemente bom, nós seguimos para o balcão de entrada para devolver nossos sapatos.

Dei uma ultima espiada nas fãs de Paul, que agora estavam com os pescoços esticadíssimos para conseguirem uma boa visão da bunda dele.

Meu Deus, eu sabia que o cara era super gatinho, mas elas podiam ser mais discretas? Na verdade, acho que quando um cara é seu melhor amigo e você não sente “um algo mais” por ele, fica difícil de entender esse tipo de comportamento.

Por outro lado o Frank...

Paul e eu colocamos os sapatos de boliche sobre o balcão e ficamos esperando a atendente encontrar nossos tênis.

-Ei! – quase gritei ao enxergar um casal debruçado sobre um dos terminais que marcam os pontos do boliche -Olha aquilo! Que coisa vulgar!

Paul virou – se e avistou o cara e a garota que se amassavam loucamente. Eles estavam espremidos sobre a maquina: os lábios dele grudados no pescoço dela, as mãos dela em algum lugar entre os cabelos encaracolados dele.

-E? – falou Paul virando o rosto para mim. -Eles estão apaixonados. O que há de tão vulgar nisso?

-O quê?! É repugnante!

Demonstrações Públicas de Afeto, também chamadas por mim de DPAs, me dão nojo.

Por que os casais pensam que todo mundo quer ver eles se lambendo?

Paul abriu um sorriso e me deu uma cutucada de lado com o cotovelo:

-Você é reservada demais, Erica. Como você acha que vai mostrar a um cara que está interessada? Mantendo suas mãos longe dele?

Eu revirei os olhos, prestes a soltar um comentário mordaz, mas Paul estava olhando fixamente para o chão com uma expressão estranha.

-Paul? O que aconteceu?

Ele levantou a cabeça assim que o atendente largou os nossos sapatos sobre o balcão.

-Nada. Vamos lá, “Senhorita Eu – Odeio – DPAs”.

No caminho para a lanchonete passamos diante do casal de namorados. Agora eles trocavam olhares profundos, as mãos ainda entrelaçadas. Acho que eu estava preste a

vomitou.

Algumas coisas deviam ser pessoais. Não que eu tenha algo contra um beijinho aqui e ali, ou andar de mãos dadas, mas duas pessoas coladas na frente de todo mundo já é um pouco demais.

-Eu só acho que esse tipo de coisa deve permanecer entre duas pessoas e mais ninguém – expliquei pra Paul, enquanto nos sentávamos diante do balcão da lanchonete. -Quem precisa ver todo aquele sentimentalismo? É grosseiro.

Paul deixou sua mochila sobre o banco.

-Se você sentisse aquilo por alguém, não acharia DPAs tão grosseiras.

Nesse momento, sentimos o cheiro delicioso dos hambúrgueres e das batatas fritas que vinha de dentro da lanchonete.

-Eu to morrendo de fome – falou Paul. -Quase deixar você ganhar me fez gastar muita energia.

Eu dei um tapinha em seu braço e soltei uma gargalhada.

Mas eu não conseguia parar de pensar em DPAs: com certeza Paul estava errado, não estava? Quer dizer embora eu me sentisse apaixonada por Frank London, não conseguia imaginar a gente se espremendo sobre uma das máquinas do Bowl – a Rama.

O problema era comigo ou com os outros? DPAs aconteciam por todo o lado em nossa escola. Atravessar o corredor sem ver o relacionamento de alguém exposto era quase impossível.

-Ei Lee – chamou Paul. -Faz o de sempre pra gente.

O homem troncudo que mexia na máquina de refrigerante virou – se e sorriu para nós.

-Já está saindo – prometeu ele, caminhando para a cuba de batatas fritas.

Lee McKean, de cinqüenta e poucos anos, trabalhava na Bowl – a – Rama em Pikesville desde a primeira vez que eu e Paul havíamos ido lá, o que significava há muito tempo.

Lee sempre escutava as divagações sobre nossas vidas completamente sem acontecimentos.

Mas minha vida não deveria permanecer sem acontecimentos por muito mais tempo.

Um dos meus sonhos havia se tornado finalmente realidade: agora eu fazia parte da redação do Potscript, o jornal da nossa escola. E isso significava que o meu outro sonho também tinha uma pequena chance de acontecer: eu iria trabalhar ao lado de Frank London durante todo o tempo! Eu mal podia acreditar!

Jornalismo era o máximo – apenas fatos. Preto no branco. Quem, o que, quando, onde, por que e como. Coisas que eu podia entender facilmente.

Meu único problema era tudo aquilo que existia de cinza nos intervalos.

Como, por exemplo, o que fazer para Frank me notar. Não existem manuais de onde – quando – como para isso.

Lee colocou uma grande porção de batatas fritas com molho de queijo na nossa mesa.

Paul e eu nos empanturramos imediatamente.

Comer me ajudou a parar de pensar em Frank.

O quanto ele era lindo.

O quanto ele era alto.

O quanto ele era inteligente.

O quanto ele era interessado em jornalismo.

Frank era assistente dos dois editores do jornal, que estavam no último ano da escola. O que significava que ele tomaria o cargo de editor no ano seguinte, ou seja, ficaria responsável pela função mais importante e prestigiada do jornal.

-Eu fico imaginando qual será o meu primeiro trabalho no jornal – falei, jogando uma batatinha na boca.

E não conseguia acreditar que o cara que mexia com meu coração como nenhum outro

tinha o mesmo interesse que eu! A mesma paixão! Não poderia ser mais legal!

Paul sorriu para mim.

-Você quase não para de falar sobre isso desde que entrou para o jornal na semana passada.

-Eu não posso evitar – falei alcançando um punhado de guardanapos. -Você sabe o quanto eu queria isso. É o máximo!

Na nossa escola, estudantes do primeiro ano podiam contribuir com artigos para o jornal, mas apenas estudantes do segundo ano em diante faziam parte da equipe fixa.

Erica Park, assistente editorial, Escola Emerson, *Postscript*!

-Você está tão interessada nesse jornal que algum galã do cinema deve trabalhar lá – brincou Paul. -Não que você seja capaz de dar em cima de alguma celebridade. Você nunca daria em cima de ninguém.

Eu me mantive concentrada em tomar um longo gole do meu refrigerante. Nunca diria a Paul algo sobre meu interesse por Frank London.

Eu ficara caída por Frank na primeira vez que o vira, na primavera passada, quando ele se mudou para Pikesville e começou a estudar na Escola Emerson.

Mas o interesse aumentou quando eu comecei a ler seus artigos para o *Postscript*. Ele era tão inteligente! Tão cheio de integridade jornalística! Ele escreveu sobre diversos assuntos importantes que afetaram Emerson e Pikesville. Frank era sério, dedicado, apaixonado pelo jornalismo...

“Como seria ter um pouco dessa paixão direcionada para mim?”

Eu poderia apostar que Frank London jamais ficaria lambendo o pescoço de uma garota em público. Eu poderia apostar que nós concordaríamos em varias coisas.

Então, por que nunca contei ao meu melhor amigo que estava louca por esse cara?

Inocência. Pura inocência.

Quando Frank se transferiu para a escola faltavam apenas dois meses para acabarem as aulas. E eu não o vi durante as férias. Assim, fiquei imaginando que quando as aulas recomencessem já estaria curada da minha “paixonite”.

Mas não estava. Na verdade, o interesse tinha se multiplicado.

E Frank estava mais alto.

Mais forte.

Mais loiro.

Será que eu estava com medo de falar sobre o meu interesse para Paul? Com medo de deixar que alguém soubesse disso, talvez o próprio Frank? Por que eu precisava ser assim?

Paul sempre foi o meu melhor amigo. Eu podia confiar nele plenamente. E agora que o ano letivo estava começando eu trabalharia lado a lado com Frank e começaria a remoer um monte de coisas na minha cabeça.

Como eu conseguiria guardar isso só para mim? Eu precisava contar a Paul.

Provavelmente ele teria algum bom conselho! Talvez eu até contasse para minhas duas grandes amigas, Linda e Sharon, desde que elas jurassem manter segredo, é claro.

-Você não está, humm, totalmente errado sobre o lance do tal galã de cinema – disse, olhando Paul de relance.

Ele se virou e me encarou, então agarrou o tubo de ketchup, virou sobre as batatas fritas e começou a aperta – lo.

-E...? – ele instigou.

-Tem um cara, ele também está no segundo ano, um editor assistente – falei sem pensar.

-Eu fiquei um pouco interessada por ele durante um tempo. Mas, no ano passado, a gente não fez nenhuma matéria juntos, então eu não tive oportunidade de conversar com ele. Acho que talvez pudesse ter dito a ele o quanto eu gostava dos artigos que ele

escrevia, ou algo parecido, mas sei lá... Eu acho que ele enxergaria através de mim, sabe? Como se conseguisse descobrir tudo o que eu sentia.

Olhei Paul. Ele me fitava com uma expressão estranha.

-Desculpe – falei. -Deve ser estranho ouvir tudo isso quando você nem desconfia de nada – soltei uma gargalhada. -Eu acho que estava com vergonha de contar pra você. Por que provavelmente eu não farei nada a respeito disso. Você acha que é tudo uma grande besteira?

-Não é besteira. É normal. – Paul fez uma pausa no meio do movimento, e o ketchup pingou lentamente do tubo para o nosso prato. -Bem, por que você não corre atrás disso?

O fato de ele não ter ficado louco comigo por ter guardado esse segredo foi como receber uma luz verde. Então, agarrei suas mãos. Podia sentir meus olhos piscarem, meu rosto corar.

-Eu não sei. Quer dizer, eu acho que estou esperando por algum tipo de sinal primeiro. Paul, foi incrível. A semana passada, na minha primeira reunião... eu mal conseguia tirar os olhos dele! Ele é tão atraente, tão impressionante! No final da reunião eu finalmente tomei coragem para dizer algo, uma idéia para um artigo. E ele até falou que tinha um mérito!

Paul tomou um gole da sua bebida.

-Isto foi demais da parte dele! – disse sarcasticamente, levantando uma sobrancelha para mim. -E quem é ele?

-Eu sei que não tenho chance nenhuma – eu franzi a testa enquanto afundava uma batatinha num monte de ketchup. -Acho que ele não tem namorada, mas eu me sinto medíocre ao lado dele. Ele escreve super bem e é editor assistente do jornal. E eu sou apenas uma assistente editorial. E ele é tão bonito, e...

-Por acaso o capitão do time de futebol virou um intelectual e entrou para o jornal? Quem é o cara?

-Frank London – respondi de uma só vez, fechando meus olhos por um segundo enquanto os seus cabelos loiros, olhos verdes e ombros largos passavam flutuando pela minha mente.

Abri os olhos e vi Paul de queixo caído me fitando com espanto.

-Frank London? – repetiu ele, como se eu tivesse acabado de revelar que estava apaixonada pelo Frankstein. -Você deve estar brincando! Ele é irritante! Eu fiz duas matérias com ele no ano passado e agora estou atolado com ele no comitê do livro anual. É um panaca, Erica. Veio para cá seis semanas antes das aulas terminarem e se sentiu o rei do pedaço.

Agora era a minha vez de fitar Paul com o queixo caído. Frank London? O cara mais incrível do planeta?

-Você deve ter encontrado ele em um dia ruim ou algo parecido, Paul – voltei – me para o prato de batatas fritas, a raiva subindo pela garganta. Isso é incrível. Eu finalmente arranjo coragem para contar para contar ao meu melhor amigo o quanto eu gosto de um cara, e ele me fala que Frank é um panaca!

Paul balançou a cabeça.

-Não, ele é sempre irritante. Com certeza não vale a pena ficar obcecada por ele. E ele não...não merece você – disse, encolhendo os ombros. -Você merece coisa melhor.

Além do mais eu acho que ele não tem amigos, de tão arrogante que é.

-Tenho certeza que ele tem amigos – devolvi, embora eu nunca tivesse visto Frank com ninguém. Mas não havia nada de errado com isso. E, se por acaso ele não tinha muitas coisas em comum com pessoas da nossa idade, não era algo tão ruim.

-E, ele é tão inteligente, Paul! – acrescentei. -Acho que você está errado em relação ao

Frank. Mas não importa, por que ele nunca vai me dar bola mesmo. Eu não sou exatamente a Miss Sedução ou coisa parecida.

O rosto de Paul amoleceu.

-Erica, você é...

-Eu não sou o tipo de garota que tem todos os homens aos seus pés – balancei a cabeça.

-Então vamos esquecer isso, certo? Não devia ter falado nada.

-Erica...

-Sabe – falei cortando ele - -, eu não consigo entender por que você não aproveita toda essa atenção. Você tem idéia de quantas meninas já pediram para serem apresentadas a você? Se você se apaixonasse por uma garota, não teria nenhum problema em fazê-la perceber isso e conquista-la. Você não sabe como é.

As bochechas de Paul estavam vermelhas. Estudei sua aparência por um segundo, passando pelos ombros largos, o cabelo escuro, os olhos quentes que faziam as garotas delirarem. Qualquer uma concordava que ele era um gato. Mas eu conhecia aqueles olhos desde os cinco anos de idade. Estava imune. Éramos companheiros, e acho que nunca olhei para Paul de modo diferente. A gente sabe quando sente alguma coisa a mais por alguém – como aquilo que eu sentia por Frank. Estar com Paul era como estar com alguém da minha família. Como um irmão.

-Talvez eu saiba como é – Paul falou mais para a batatinha do que para mim.

-Hã? – resmunguei.

Paul também estava alimentando uma paixão por alguém? Ele raramente namorava. Eu sempre havia pensado que ele estava concentrado apenas na escola, no hóquei e no comitê do livro anual de alunos. Mas talvez Paul também fosse muito tímido para ir atrás de quem ele gostava.

-È a Karen? Da sua aula de inglês? – arrisquei. Era uma garota magra com cabelo escuro encaracolado. Eu já havia reparado que ela olhava muito para Paul.

-Não é a Karen.

-Então, quem é? – perguntei, morta de curiosidade. Que garota tinha finalmente conquistado Paul?

-Estão precisando de um reabastecimento, garotos? – interrompeu Lee, olhando para mim e em seguida para Paul, como que esperando uma resposta. Ele nunca havia nos visto conversando tão seriamente.

-Não, estamos bem – respondi rapidamente. Lee deu de ombros e nos deixou a sós. Paul passou a olhar fixamente para baixo, como se o antigo balcão amarelo tivesse se tornado hipnótico e interessante.

-Olhe, deixe para lá, ok? De qualquer modo, agora não importa mais.

-Hã? Por quê? Ela tem um namorado?

“Quem é ela?”, eu me perguntava, passando mentalmente todas as fotos do livro de aluno do ano passado.

-Erica... – Paul levantou a cabeça e olhou para mim.

Era como se ele estivesse em um tormento enorme. Talvez essa menina estivesse fora do alcance dele, do mesmo modo que Frank estava para mim. Mas havia algo na expressão de Paul – quase a mesma expressão das pessoas que se olham no filme quando estão loucamente apaixonadas, mas com muito medo de confessar como se sentem e...

“Ai meu Deus! Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!”

Meu corpo todo congelou, com exceção do coração, que estava batendo um milhão de vezes por segundo. Virei o rosto para o outro lado, olhando para baixo, sem saber o que dizer ou o que fazer.

“Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Ele vai me dizer que sou eu!”

-Então, agora você sabe – ele falou baixinho. Mesmo pelo canto do olho eu podia ver o quanto seus ombros estavam tensos e sua boca travada.

Engoli em seco.

-Desculpe – falou Paul, contorcendo o rosto.

Eu não sabia o que dizer. O que dizer depois que o seu melhor amigo te conta depois de centenas de anos que a garota que ele deseja é você?

-Humm, eu... humm, Paul, eu...

De repente eu me senti zozinha, como se fosse cair do banco caso minhas mãos não estivessem agarradas ao balcão.

“Como isso é possível?”, eu me perguntava. “Como Paul pode gostar de mim dessa maneira? Eu sou Erica Park, sua melhor amiga. Eu o vi de cuecas quando ele tinha cinco anos de idade. Eu o vi chorando quando ele tinha seis anos. Eu o vi vomitando quando ele tinha dez anos e comeu comida estragada. Ele é meu melhor amigo. Ele não é um cara cara, e eu não sou uma garota garota.”

Mas agora ele dizia que eu era.

-Mas você gosta do Frank – ele recostou – se no banco. -Eu nem posso acreditar que contei pra você.

“Ai, meu Deus. Ai, meu Deus.”

-Paul, você é o meu melhor amigo do mundo. Eu, eu...

Ele expirou com força, apoiou os cotovelos sobre o balcão e passou a mão pelos cabelos.

-Eu gosto de você, mas não desse jeito – sussurrei.

Paul respirou profundamente mais uma vez.

-Olhe, saber que você gosta do Frank London me deixa meio mal, e se eu não contasse pra você, eu, bem...

-Eu nunca pensei em você dessa maneira – falei de supetão, mantendo meus olhos no chão. -Da mesma maneira como eu penso em Frank London – acrescentei sem saber o que falar.

Paul endireitou a postura.

-É, bem... – continuou ele. -Não posso te culpar. Afinal de contas, você me viu quando eu estava coberto de catapora dos pés a cabeça. Lembra – se como todo mundo me chamava de Cara de Pizza?

Eu abri um sorriso, o clima tinha ficado mais leve.

-Lembro – então peguei uma batatinha que já estava mole e gelada e joguei nele. -Isso vai atrapalhar as coisas entre a gente? Você é meu melhor amigo. Eu não consigo imaginar...

-Não se preocupe – disse ele virando a cabeça para me olhar. -Pelo menos agora não temos mais segredos, certo? – disse abrindo um sorrisinho meio sem graça. -Talvez seja apenas uma paixãozinha, ou talvez eu tenha ficado com ciúmes do Frank. Não é o fim do mundo, Erica, mesmo.

-Então...estamos bem? – perguntei, aliviada.

-Estamos bem – ele falou, com um sorriso mais natural agora.

Mas será que estávamos mesmo?

UM

Fevereiro

“Por que eu tinha que escolher justamente hoje para ser um dia monótono?”, resmungava silenciosamente, enquanto atravessava o corredor em direção ao escritório

do *Postscript*. Dei uma olhada no meu jeans desbotado e no meu agasalho dois números maior. Se ao menos eu morasse do lado da escola como minha amiga Linda Hitchen, poderia correr para casa e trocar de roupa.

Não podia imaginar que o Sr. Serson anunciaria uma reunião de emergência com a equipe do jornal justamente hoje.

Eu tinha passado os últimos quatro meses tentando atrair a atenção de Frank. Aparecer vestida desse jeito não ajudaria em nada.

Uma olhada rápida pela janela do escritório revela que Frank ainda não havia chegado. Ufa.

Abri a porta e me dirigi para o fundo da sala, despencando na cadeira ao lado de Linda. Ela me examinou dos pés a cabeça, então levantou suas sobrancelhas.

-Alguém não esperava encontrar certa pessoa hoje, não é mesmo? – cantarolou Linda, piscando seus olhos pretos. -Por acaso achou que hoje seria um dia monótono?

-È. – respondi, me afundando na cadeira. -Não tive muita sorte na minha escolha. É claro que tudo daria certo se a reunião fosse amanhã como estava marcado.

Linda criara os dias monótonos no ano passado. Era o seguinte: nos dias em que você não encontraria o cara dos seus sonhos, poderia se vestir do jeito que quisesse, sem maiores preocupações. Roupas confortáveis, como um agasalho de moletom ou roupas largas. Cabelos presos num rabo de cavalo comum. Uma maquiagem rápida.

Então, no dia seguinte, quando estivesse certa de que encontraria o cara (ou quando armasse um jeito de encontra – lo), você vestiria uma roupa que lhe fizesse sentir realmente linda. Faria um penteado especial, abusaria do brilho labial, do rímel e do perfume caro de sua mãe.

O contraste entre os dois dias ajudaria você a ficar ainda mais atraente.

Não que alguma vez eu tivesse me sentido atraente, visto que eu não era exatamente uma garota glamurosa. Mas o dia seguinte ao dia monótono sempre ajudava.

Linda balançou a sua cabeça.

-Isso vai ser um sofrimento – falou ela. -Você – sabe – quem pode chegar a qualquer momento.

-Você pensou que eu já tinha apreendido depois do desastre do dia monótono do ano passado, não é?

Linda soltou uma gargalhada.

-O quê? O dia em que anunciaram de surpresa que os alunos do primeiro ano da escola Emerson iria tirar fotos, exatamente no dia mais monótono de toda a nossa vida?

-Eu estou totalmente horrível? – perguntei, checando se nenhuma mecha rebelde de cabelo havia se soltado do meu rabo de cavalo.

-Você está adorável como sempre – ela me assegurou.

“È claro.”, pensei. “Ela é minha amiga. È claro que diria isso.”

Eu havia contado para Linda e para nossa outra amiga Sharon sobre o meu interesse por Frank. Isso apenas algumas semanas depois que Paul confessou seus sentimentos para mim. É claro que não comentei nada sobre Paul.

Linda, Sharon e eu éramos íntimas, mas Paul era meu melhor amigo. E apesar delas serem meio amigas de Paul, eles não chegavam a sair juntos ou coisa parecida.

Ambas ficaram surpresas quando souberam da minha paixão. Elas achavam Frank muito bonito, mas tinham a mesma impressão de Paul: ele se sentia superior a todos.

Mesmo assim, estavam torcendo por mim.

Mas eu continuava na mesma situação de quatro meses atrás. Ainda não havia conseguido fazer Frank perceber que eu estava interessada por ele.

E, também, ele nunca havia me dado um simples sinal de que poderia estar interessado por mim.

Mas manter a paixão escondida não estava sendo difícil. Eu havia transformado toda minha energia acumulada em dedicação absoluta ao jornal, o que acabou rendendo bons resultados: uma promoção para editora assistente em novembro.

E isso era o máximo, por que Frank havia sido promovido para um dos cargos de editor em dezembro. Se eu tivesse continuado como assistente editorial minha chance com ele seria tão pequena que eu poderia esquecer tudo.

Concluindo, passei todos esses meses olhando Frank apenas quando tinha certeza de que ele não estava percebendo. Evitava parecer uma apaixonada idiota quando ele vinha falar de idéias para novos artigos. Eu nunca suspirei, desmaiei, gemi ou bati palmas.

Afinal de contas eu era uma profissional. E se existia uma coisa sobre Frank London que todos concordavam era que acima de tudo ele era um super profissional.

Pelo menos eu havia conversado um pouco com ele sobre jornalismo. E não o achei um cara metido. Na verdade, eu o achei incrível. Ele trabalhava tão bem que mesmo os alunos do terceiro ano não se incomodavam de seguir instruções de um cara mais novo.

-Quais serão as notícias do Sr. Serson? – perguntei para Linda.

-Tenho certeza que não será nada importante. – ela deu de ombros.

Linda trabalhava no jornal apenas para que seus pais ficassem satisfeitos por ela estar participando de atividades extracurriculares. Era assistente das colunas do jornal e escrevia apenas futilidades.

Mas tudo bem, pois escrever não era a razão da vida dela como era para mim.

-Então, já te contei a ultima? – perguntou Linda, curvando – se para tirar uma lixa de unha da bolsa. -Dave me falou que Carla ligou para ele ontem a noite. Ela o quer de volta. Dá pra acreditar?

Eu sorri. A vida amorosa de Linda era uma novela emocionante, ao contrario da minha, totalmente inexistente.

-Bem, pelo menos ele te contou que ela ligou – aponte. -A maioria dos namorados não iria mencionar um telefonema da ex namorada.

-É, acho que sim – falou enquanto começava a lixar suas unhas. -Mas eu que não encontro aquela garota... – ameaçou.

E eu fingi ouvir o monólogo de Linda sobre o fato de Dave ter namorado Carla antes dela.

A porta do escritório se abriu. Lá estava ele. “Que lindo.”, pensei, lançando olhares para Frank enquanto ele se sentava em uma cadeira mais a frente. O tum – tum – tum do meu coração se alterou do normal para o descompensado e eu tinha certeza de que todos podiam ouvir o barulho.

Observei seus cabelos loiros. Ele abriu a mochila e retirou um punhado de folhas de papel, passando o dedo por elas como se procurasse por algo.

Este era o Frank. Sempre trabalhando, sempre sério em relação aos seus escritos. Ele não estava fofocando sobre a ex de alguém. Ele não estava vestindo um moletom ridículo. Ele estava sempre seguro de si.

-Olá, todos – o Sr. Serson entrou e parou em frente a mesa em que Frank estava sentado. -Os artigos devem ser entregues aos editores de cada sessão amanhã, como vocês já sabem. Mas não é esse o motivo de eu ter convocado essa reunião de ultima hora.

Linda inclinou – se para o meu lado.

-Para um professor, até que ele é bem bonitinho... – sussurrou ela. -Nós temos sorte que ele seja o nosso coordenador.

Afastei – a com meu cotovelo e ela soltou uma risadinha.

-Neil Daldin está se mudando – continuou o Sr. Serson – portanto, há uma vaga para o cargo de editor.

“Por favor, não o deixe anunciar uma garota para o cargo”, eu rezava. “Era só o que me faltava. Alguma menina pegando a vaga e trabalhando ao lado de Frank. Bem que podia ser o Jerry ou o Marco ou...”

“Eu.”

Eu sabia que o Sr. Serson gostava do meu trabalho, mas por causa da minha paixão por Frank eu ficava super quieta. Tinha vergonha de sugerir pautas, com medo de que ele achasse minhas idéias estúpidas. Eu sabia que isso era errado, mas não conseguia evitar que acontecesse. De qualquer modo eu falava metade daquilo que eu pensava, o que já era melhor do que nada não é?

-Frank e eu escolhemos uma pessoa que trabalha bastante, escreve artigos excelentes e tem mostrado um grande comprometimento com o jornal. Se você quiser, o cargo é seu, Erica.

O Sr. Serson estava me fitando. Frank também me olhava.

Levantei o meu queixo, que havia acabado de cair. Tudo o que eu conseguia fazer era balançar a cabeça, uma vez que estava completamente sem palavras. Eu! Editora junto de Frank London, o cara de todos os meus sonhos.

Será que isso estava mesmo acontecendo?

Dei uma olhada para Frank. Ele sorria para mim, aqueles incríveis olhos verdes quentes e receptivos. Ele nunca havia me dirigido um sorriso como aquele antes!

De repente, tomei consciência total do rabo de cavalo desganhado que estava usando e de que não havia um pingo de maquiagem em meu rosto. “Lembre – se sempre disso”, pensei. “Dias monótonos, nunca mais! Nunca!”

Linda apertou o meu braço.

-Parabéns – falou baixinho. Eu sabia que ela não sonhava com uma carreira jornalística como eu.

Retribui o sorriso de Frank, então recompus minha voz e virei meu olhar para o Sr. Serson.

-Eu quero! – anunciei.

“Meu Deus, Erica, você poderia falar como se tivesse mais do que apenas dez anos de idade?”

-Ótimo – disse o professor. Frank aprovou com a cabeça, então virou o corpo para olhar o Sr. Serson novamente. -Certo pessoal, era tudo o que eu precisava contar para vocês, mas, já que estamos aqui, vamos nos dividir em seções e conversar sobre a edição da semana que vem.

-Ele é seu! – sussurrou Linda, puxando o meu rabo de cavalo. Toda a equipe veio me cumprimentar e todos disseram que não era nenhuma surpresa terem me escolhido.

Uau!

Era tudo de bom. Minha chance de ter o emprego com o qual eu havia sonhado por um ano e meio. Além disso, minha chance de fazer Frank me notar. Afinal, ser uma das editoras significava que tínhamos o mesmo cargo, éramos colegas de trabalho. Não estava mais tão distante dele!

Eu mal percebi Linda levantando de sua cadeira para se juntar ao grupo dela. Mas fiquei bem ciente de que Frank estava caminhando em minha direção, sentando – se ao meu lado e prestes a dizer algo para mim.

Tum – tum – tum. Tum – tum – tum.

-Parabéns – Frank estendeu sua mão, e eu coloquei a minha sobre a dele. Esse pequeno contato fez um formigamento subir pela minha coluna. -Você foi a única pessoa que cogitamos para o cargo – sussurrou ele.

“Diga algo normal. Não mostre a ele o quanto você está nervosa. Não...”

-Ah eu também – falei sem pensar.

“Aquilo realmente saiu da minha boca?”

-Quer dizer, eu queria muito essa oportunidade – acrescentei o mais rápido possível. -Eu adoro trabalhar no jornal e eu tenho tantas idéias que mal posso esperar para me dedicar mais a isso e...

Frank soltou uma gargalhada.

-È uma gracinha ver você ansiosa desse jeito.

Ele me chamou de gracinha!

-Já que não temos muito tempo agora – falou -que tal nos encontrarmos aqui amanhã depois das aulas para repassarmos tudo? Eu poderia ouvir suas idéias com muito mais calma.

-Só nós dois? – perguntei, tentando disfarçar o tremor na minha voz.

Frank fez que sim com a cabeça.

-Estou louco para trabalhar com você. Seus artigos têm sido muito bons ultimamente – contou.

“Louco para começar a trabalhar comigo. Meus artigos...!”

-Obrigada. Vindo de você é um grande elogio – sorri e ele me olhou de modo esquisito, como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

Ah!

-Tá certo, então, amanhã. Hmmm, aqui depois da escola. Combinado!

“Eu posso lidar com isso”, pensei. Ao menos eu pensava que podia. Eu mal conseguia levar uma simples conversa com o cara!

-Legal – falou, se levantando. – Agora preciso mostrar umas coisas para o Doug.

Então... te vejo amanhã.

Doug? Que máximo! Frank tratava o Sr. Serson pelo primeiro nome! Ele era tão maduro!

-É, com certeza. Eu também tenho que...hummm...fechar uns detalhes sobre o artigo que eu estou fazendo com o Jerry – sorri, enquanto Frank saía, imaginando se a sala inteira poderia ouvir o meu coração martelando.

“Eu sou uma editora”, apertei meus lábios, apreciando o som daquelas palavras. “E amanhã estarei sozinha em uma sala com Frank London”.

Onde estava Paul? Olhei para o corredor pela décima quinta vez nos últimos trinta minutos da minha aula de história. Nenhum sinal dele.

Puxei a mochila das costas da cadeira e peguei meu caderno vermelho. Eu havia escolhido vermelho para essa aula, por que vermelho me lembrava guerra, que era praticamente tudo que aprendíamos em história.

Paul era o único que sabia do meu hábito estúpido de criar um código de cores para os meus cadernos, e já tinha desistido de implicar com isso há alguns anos.

Recostada em minha cadeira respirei profundamente e pensei como apresentaria as novidades. Ele ficaria emocionado ao saber do meu novo cargo. Mas quanto a eu trabalhar com Frank...isso poderia ficar um pouco chato.

Havia sido duro retornar nossa amizade desde que ele contara os sentimentos que tinha por mim. Paul havia me evitado duas semanas, e eu também não forcei um encontro por que ele precisava de um tempo longe de mim. Quando ele finalmente apareceu na minha porta com dois ingressos para um filme de horror, eu soube que as coisas ficariam bem.

E ficaram. Ele nunca havia me perguntado sobre Frank, e como nunca havia nada novo

para contar, eu não trazia esse assunto a tona. Ele agia normalmente ao meu lado, do mesmo jeito de sempre.

Depois de um mês parecia que aquela conversa nem tinha acontecido. Algumas vezes pensei sobre ela, e imagino que ele também tenha pensado. Mas nunca voltamos a falar sobre isso. Tivemos alguns momentos de constrangimento, como quando Linda ou Sharon pronunciavam o nome de Frank na presença de Paul. Mas ele nunca disse nada. Eu acho que ele ficaria feliz por mim, se eu e Frank ficássemos juntos. Talvez com ciúmes, ou até um pouco triste, mas, apesar disso, feliz. Ele era meu melhor amigo.

-Ei senhorita Park! Acorde!

Levantei rapidamente a minha cabeça. Paul estava caindo na cadeira ao meu lado. Ele parecia completamente agitado. Decidi que não deveria mencionar nada sobre o *Postscript*. Só por garantia.

-Eu encontrei com a Linda e ela me contou que você pegou a vaga de editora – falou. - Isso é incrível!

Era por isso que ele parecia tão excitado? Por que ele havia ouvido a novidade e sabia o quanto isso era importante pra mim? Ainda que Linda tivesse mencionado algo sobre Frank? Paul era mesmo um grande amigo.

-Eu nem pude acreditar! – exclamei. -Você devia ter me visto. Eu mal conseguia falar. Eu, Erica Park, editora! E aí... – cortei o assunto no meio sem saber se devia mencionar o lance sobre Frank. Talvez Linda não tivesse comentado nada sobre isso.

-E aí o que? – instigou Paul.

Eu mordi meu lábio.

-E aí todo mundo falou coisas maravilhosas para mim. Sabe, tipo...como eu merecia o cargo e tudo mais.

-Você realmente merece – replicou ele. -E eu imagino que agora você irá trabalhar bem perto de Frank London.

Eu engoli em seco. Concordei com a cabeça, observando a expressão dele. Totalmente indiferente. Era claro que ele não estava me cumprimentando da mesma maneira que Linda, mas também não parecia triste.

-Eu sei que isso deve ter te deixado feliz, Erica. – falou. -Então, pode sorrir. Está tudo bem. Mesmo.

Eu me inclinei para abraça – lo.

-Por que vocês não se casam de uma vez? – brincou, Vanessa Peid que estava sentada atrás de nós.

Nós nos separamos e trocamos sorrisos.

-Eu tenho novidades também – disse Paul. Ele tinha aquela expressão tímida em seu rosto, aquela que aparecia covinhas ao lado da sua boca e seus olhos ficavam quase fechados.

-Eu convidei Katie Wing para sair – sussurrou ele. -E ela aceitou.

-Uau!. – exclamei, surpresa, Katie era a dupla de Paul na aula de química. Ele havia falado que ela era muito legal, mas nunca passaria pela minha cabeça que estava interessado. -Não acredito que não tenha me contado que gostava dela!

-Eu não queria falar nada sobre isso e estragar tudo – replicou ele. -Bom, não é nada demais. Só um encontro. Vamos ver como vai ser, você sabe.

-Lógico que é importante! – exclamei. -Quer dizer, você está, finalmente...você está, humm... – engasguei. Eu tinha certeza de que minhas bochechas estavam completamente vermelhas. Olhei para Paul sem saber como continuar.

-Tudo bem – ele me falou, sorrindo. -Eu realmente to a fim dela. E acho que ela também gosta de mim. Quer dizer, eu espero.

-Eu acho que não posso agüentar nem mais um minuto do seu ego enorme – brinquei,

tentando tornar a conversa mais leve. -Você precisa dar um tempo com isso.

Paul riu.

Nosso professor entrou na sala, então passamos a prestar atenção no que ele começava a escrever no quadro negro.

Paul estava realmente interessado em outra garota. Essa era a primeira vez em quase um ano que ele convidava alguém para sair. Reparei bem no seu rosto: refletia uma expressão de completa felicidade.

Isso era o máximo certo?

Paul sairia com Katie, eles se apaixonariam, e talvez, finalmente, Frank começasse a me notar e nos tornássemos um casal fabuloso. Tanto Paul quanto eu ficaríamos felizes, e com certeza continuaríamos sendo os melhores amigos. Talvez, os dois casais até pudessem sair juntos.

“Katie Wing?”, pensei.

Ela não parecia ser exatamente o tipo de Paul – um tanto frívola e supervaidosa. Mas e daí? “Tenho certeza de que Paul só gostaria de alguém legal. E estou feliz por ele estar seguindo adiante”, conclui.

Isso era muito bom, de fato. Eu queria que ele gostasse de alguma outra menina, não queria?

E agora que isso tinha acontecido não havia mais nada que me prendesse – ou melhor, que prendesse meu coração.

DOIS

-Erica Park apresentando – se para o trabalho – anunciei enquanto entrava no escritório do *Postscript*.

“Apresentando – se para o trabalho? Bem, pelo menos demorei apenas dois segundos para revelar o quanto era babaca.”

Mas Frank nem parecia estar me ouvindo. Estava curvado diante do computador, superenvolvido.

-Ah...ahá – murmurou distraidamente.

Eu me sentei. Dessa vez estava vestindo uma minissaia o que era super raro para mim (Sharon havia me emprestado), um legging preto, e uns sapatos pretos lindos (que destruíam os meus pés). Eu havia colocado o meu suéter da sorte, uma coisa verde, felpuda que Paul me dera no Natal, dois anos atrás. Bem diferente de ontem.

Meu cabelo, estava solto, escovado e brilhante. A maquiagem era suficiente para ficar naturalmente bonita, mas sem exageros. Linda e Sharon tinham me ajudado a fazer – lá. Fiquei olhando para as costas de Frank enquanto ele digitava no computador. Olhando. E olhando.

Depois de cinco minutos comecei a me inquietar, mas finalmente ele se virou.

-Desculpe por isso – falou ele, apontando para o computador atrás dele. -Eu estava no meio de um texto bem complexo.

-Ah, eu entendo... – assegurei a ele. -Eu sei o quanto é difícil parar quando a gente está no meio de uma idéia.

Ele concordou com a cabeça.

-Neil costumava desaparecer quando eu não lhe dava atenção imediatamente – suspirou ele. -Certamente você imagina que um aluno do último ano é maduro o suficiente para respeitar alguém que está concentrado. Não foi nenhuma perda ver ele sair.

Então ele queria dizer que eu era madura, uma vez que não me queixei sobre ser ignorada e ter ficado esperando. Isso era bom! A última coisa que eu queria era que ele soubesse como eu era impaciente. Era algo que Paul odiava em mim, ele tinha toda a

paciência do mundo.

Fiquei surpresa em ouvir Paul falar mal do Neil. Todos os achavam super legal e estavam desapontados com a sua saída da escola.

-Vou limpar isso aqui pra você – falou Frank, levantando – se e guardando uma pilha de papéis em uma caixa.

“Os ombros dele poderiam ser mais largos?”, eu me perguntei, fitando novamente as costas de Frank. Ele era tão maravilhoso.

Ele agarrou um pedaço de papel e deu uma olhada.

-É tão estúpido – disse ele. -Eu mal consigo acreditar que Serson pensa nisso como uma boa matéria – completou ele, me passando o papel.

Era o artigo de inda sobre os presentes que as garotas gostariam de ganhar no dia dos namorados, que seria em duas semanas. De um modo geral, a idéia me soava boba também. Mas eu não diria que era estúpida. Só um pouco tola. Quase como uma DPA impressa ou algo parecido.

-Acho que é um pouco patético – concordei, devolvendo o artigo. -Quer dizer, o assunto – acrescentei rapidamente, -Não a redação de Linda, que é boa, apesar de faltar um pouco de edição – arrematei.

Eu não podia acreditar que tinha acabado de destruir minha própria amiga na presença de Frank! Ele tinha muita influencia com o Sr. Serson. E se ele pensasse que Linda deveria sair do jornal?

-Essa é a marca de uma verdadeira profissional – disse Frank, jogando o papel de volta na caixa. -Eu tenho notado que você e Linda são muito amigas, então fico impressionada que você seja profissional o suficiente para avaliar o trabalho objetivamente – ele sorriu para mim. -No entanto eu não diria que a redação dela é realmente boa. É razoável. Mas não chega nem aos pés da sua.

Senti o meu corpo brilhar com o elogio. Frank não gostava de coisas fúteis, era só isso. Fazia sentido que não aprovasse nada do que Linda escrevia.

-Eu falei para o Doug que ele não deveria dar muito destaque ao Dia dos Namorados. – disse Frank.

Eu tinha que me lembrar que Doug significa Sr. serson, Frank continuou:

-Mas ele não me deu atenção, e insistiu que as pessoas amam isso. Os jornais não deveriam trazer coisas sentimentais assim. É tão piegas e estúpido.

-Eu entendo – falei. Eu fico doida quando trabalho um monte em um artigo sério, como aquele que fiz sobre a necessidade de alunos voluntários no hospital...

-Que a propósito, foi um excelente artigo – interrompeu Frank.

Meus batimentos cardíacos dispararam. Definitivamente, ele me respeitava.

-Obrigada – retruquei. -Bem, aquela matéria acabou sendo publicada na mesma edição em que saiu a crítica sobre a festa de volta às aulas. E foi sobre a festa que todo mundo leu e discutiu.

Frank sorriu para mim, como se entendesse o que eu estava falando.

-Acostume - se com isso. A edição do dia dos namorados vai desaparecer mais rápido do que qualquer outra. É a mentalidade aqui.

"Uau". Ele até usava palavras como "mentalidade" - palavras que faziam meus amigos debocharem de mim toda vez que eu as pronunciava. Palavras de gente velha, como eles diziam.

-É tão engraçado ver todos ficarem excitados só por que está chegando o dia dos namorados - comecei a divagar, apoiando em minha cadeira. -É um feriado tão ridículo. É como uma competição livre de beijos e amassos.

-Concordo plenamente! – exclamou Frank. -Eu achei que era o único a não comprar essa idéia estúpida.

“Eu também”, pensei me contraindo de felicidade.

Nós éramos feitos um para o outro!

-Ei, e se fizéssemos um artigo anti – Dia dos Namorados para essa edição? – sugeri.

Frank balançou a cabeça:

-No que você está pensando?

-Bem, a maioria dos artigos dessa edição será completamente boba e sentimental, certo?

-Com certeza – respondeu.

-Então, nós podemos fazer uma matéria objetiva sobre o quanto tudo isso é idiota. Sobre o modo como as pessoas ficam ansiosas por causa dessa data, que na verdade não significa nada. Como aconteceu no ano passado: três casais desmancharam por que as pessoas se irritaram com os presentes. Uma garota perdeu a paciência porque o namorado não comprou um daqueles sacos de bombons da escola para ela. Você pode acreditar nisso? Um saco de bombons que você encomenda na cantina da escola e eles entregam na frente de todo mundo no Dia dos Namorados. Grande coisa! É tão ridículo! As expectativas, o sofrimento, as obrigações...

-Adorei isso! – respondeu Frank. -Vamos analisar o feriado de um modo totalmente não sentimental para mostrar como todos se comportam de maneira idiota. Erica, você é brilhante!

“Brilhante. Eu adorei isso...”

-Um tipo de estudo sociológico e psicológico sobre a reação humana – disse empolgado, com seus incríveis olhos verdes brilhando. -Será o artigo do dia dos namorados para o homem que pensa.

“Você que é brilhante”, pensei. Frank era a única pessoa que eu conhecia que podia falar daquele jeito.

-Isso é demais – ele agarrou um bloco amarelo que estava sobre a mesa e começou a fazer anotações. -Você precisa trabalhar nessa matéria. Eu não confio em nenhum dos nossos outros redatores para fazer isso. Quer dizer, você e eu somos os únicos que podemos fazer um artigo desses. Mas quando todos o lerem... nós iremos redefinir a opinião pública.

Um sentimento de orgulho tomou conta de mim. “Redefinir a opinião pública.” Isso era demais! Até mesmo Paul veria que DPAs são vulgares se nós explicássemos de uma forma que fizesse as pessoas pensarem.

-Vamos transformar uma seção toda do jornal em uma página anti – Dia dos Namorados. Nós levaremos esse feriado tão sério que as pessoas verão o quanto é absurdo leva – lo a sério.

-Perfeito! – exclamei. -Eu posso entrevistar os alunos sobre as suas opiniões e expectativas, mostrando tudo de uma perspectiva diferente da que Linda usou em seu artigo. Tenho certeza de que ela não irá se importar. Além disso, é incrível nós podermos mostrar os dois lados no mesmo jornal. É assim que tem que ser.

Frank concordou com a cabeça.

-Ei, enquanto você estiver trabalhando no assunto sobre esse ângulo, eu posso escrever algo sobre a história do feriado. Ninguém nunca fala sobre isso – disse, largando a caneta e o bloco sobre a mesa. -Graças a Deus, Neil não está mais aqui! Trabalhar com você vai ser... – sua voz sumiu quando enquanto direcionou seu olhar para baixo por um segundo, depois voltou – se para mim. -Muito, muito bom – terminou ele.

Tum – tum – tum. Tum – tum – tum.

De repente, notei que estava fitando os lábios dele, imaginado como seria beija – lo.

Ele me passou um bloco, então virou a cadeira e debruçou – se sobre a mesa, escrevendo como um maluco. Eu estava tão inspirada! Comecei a escrever também.

Minhas idéias vinham rapidamente: quem eu deveria entrevistar, que perguntas eu faria,

quem eram os casais da escola, quais eram as estratégias das lojas para balas, jóias e bichinhos de pelúcia.

-Uau – falou ele. -Já está ficando bem tarde. Preciso ir para casa.

-Ah, eu também. – repliquei, olhando para o meu relógio, ainda que pudesse ficar naquela sala por muitas e muitas horas.

-Então, eu acho que depois nós podemos conversar como será dividida a página de editoriais, né? – falei, enquanto fechava a mochila. -Quer dizer no geral, não apenas na edição do Dia dos Namorados. E provavelmente nós vamos precisar ter alguns encontros além das reuniões com toda a equipe do jornal, certo?

“Será que eu estava soando tão pateticamente desesperada para ficar mais tempo com esse cara quanto eu imaginava?”

-Sim, com certeza – concordou Frank. -Sexta á noite?

Eu pisquei os olhos, sem acreditar no que estava acontecendo. “Ele tinha me convidado para sair?”.

-Humm, claro – falei.

-Talvez pudéssemos jantar juntos? – continuou ele.

“Um jantar na sexta feira a noite era definitivamente um encontro”, eu reafirmei para mim.

-Ok.

-Legal – falou ele. -Vejo você amanhã a noite, então. Daí nós podemos decidir a estrutura do editorial do Dia dos Namorados.

Concordei com a cabeça.

-Até amanhã – me despedi. Peguei minha mochila e fui embora, resistindo ao impulso de sair saltitando pelo corredor da escola. Isso não seria algo maduro.

-Olá, todos, cheguei! – gritei assim que entrei na minha casa. Larguei a mochila no hall de entrada e corri para a cozinha.

Parei de repente. Paul estava sentado diante da longa mesa de carvalho da cozinha junto com meu irmãozinho, Charlie. Meu pai estava perto do fogão, cozinhando algo com um cheiro delicioso.

-Oi, querida – falou papai, esticando a cabeça sobre o ombro para me olhar. -Sua mãe e Ellen foram ao mercado comprar refrigerante. Ah, e Paul está aqui.

-Mesmo? – brinquei.

“Paul deveria estar obcecado sobre a roupa que deveria vestir em seu encontro com Katie”, pensei.

-E aí? – perguntei a ele. -Veio comer a carne cozida maravilhosa do meu pai? – brinquei. Paul já havia almoçado e jantado tantas vezes lá em casa desde que nos conhecemos que meus pais brincavam que ele estava me usando só para comer de graça.

Tudo o que eu queria fazer era voar para o meu quarto e ficar pensando sobre a noite seguinte. Eu e Frank em um encontro. Num jantar. Sentados, um diante do outro. Eu queria relembrar todas as coisas maravilhosas que ele havia me dito em nossa reunião na escola. Mas era impossível sonhar com Paul ali.

-Ele está aqui para me ver – anunciou Charlie, todo orgulhoso. -Não é, Paul?

-Claro que sim – Paul piscou para mim. -Mas agora que sua irmã chegou, eu vou ficar um pouco com ela. Assim ela não fica enciumada.

-Então, onde você tava? – perguntou Paul, enquanto saíamos da cozinha e nos esparramávamos no sofá macio da sala. -Eu cheguei faz uma hora, certo de que te

encontraria. Charlie e eu fomos até a quinta fase daquele jogo novo do Playstation.

-Tava fazendo umas coisas para o jornal – disse. -Por que você veio?

Paul sorriu, levantou – se e agarrou sua mochila.

-Feche os olhos – ordenou ele, voltando a sentar.

-Mas para quê? – perguntei.

-Apenas feche, bobinha.

Fechei os olhos.

-Tá bom – ele colocou algo que parecia um livro em minhas mãos. -Agora pode abrir.

Nas minhas mãos estava uma coleção dos ensaios que Anna Quindlé's escrevia para o jornal The New York Times. Paul sabia que eu era fã dela.

-Obrigada – falei, meu coração espremendo dentro do peito. Isso tinha sido tão incrivelmente carinhoso da parte dele! -Adorei! Mas qual o motivo?

Paul revirou os olhos.

-Leia a dedicatória, palerma.

Eu abri o livro; uma mensagem com a letra confusa do Paul estava escrita na primeira página.

Para minha melhor amiga.

Parabéns pela nova conquista no *Postscript*. Estou muito orgulhoso de você, e tenho certeza que um dia estará autografando o seu próprio livro de ensaios. Serei sempre o seu maior fã, não importa o que esteja fazendo.

Com amor, Paul.

“Não importa o que esteja fazendo.” Coloquei o livro no colo e olhei para Paul, que estava sorrindo timidamente.

-Isso é tão lindo – falei, lançando os meus braços ao redor dele. -Muito obrigada!

Ele se afastou após me dar um rápido abraço.

-Não precisa agradecer. E parabéns novamente, garota.

-Ei, e como as coisas estão rolando com a Katie? – perguntei.

-Tá ótimo. Ela parece estar realmente ansiosa com o nosso encontro – disse Paul. Não entendia como ele não percebia o quanto as garotas gostavam dele.

-E você, também está ansioso? – perguntei, curiosa.

Seu rosto ficou um pouco vermelho.

-Eu acho...eu acho que ela é bastante bonita. Hoje ela estava vestindo uma calça jeans bem justa e uma camiseta rosa curta...

-Legal. Bem legal...mesmo! – disse cheia de empolgação, interrompendo ele. As roupas de Katie Wing não me interessavam. -E, eu, humm, na verdade também tenho um encontro neste fim de semana.

-Ah, é? – disse Paul, os olhos arregalando de surpresa. -Quem é o azarado?

-Frank London – respondi, passando os dedos pelas franjas da manta que ficava sobre o braço do sofá. -Ele me convidou para sair – dei um sorriso. -Finalmente.

Paul franziu a sobrancelha.

-Finalmente? Eu pensei que você já tinha desistido dele. Agora que você já o conheceu melhor.

-O que você quer dizer com isso? – disse irritada. Eu não esperava que Paul fosse festejar ou algo parecido, mas queria que pelo menos ficasse feliz por mim. Ele sabia o quanto eu gostava de Frank, e quanto tempo eu havia esperado para que isso acontecesse.

Paul apenas deu de ombros.

-Eu imaginei que quando o conhecesse melhor acabasse mudando de idéia. Você devia vê – lo nos nossos encontros do comitê do Livro do ano. Ele age como se fosse o rei de tudo.

Cruzei os braços.

-Eu não sei do que você está falando. Ele é sempre agradável comigo.

-Ele nem sabia quem você era até a alguns dias atrás – Paul falou de modo grosseiro.

-Bem, agora ele me conhece – retruquei. -No nosso encontro de hoje, nós concordamos em tudo. Como com a minha sugestão de um artigo contra o dia dos namorados. Ele quer fazer uma seção inteira sobre isso.

-Agora sim é impressionante – murmurou Paul. -Você conseguiu conhecer alguém que odeia flores e corações tanto quanto você?

-Exatamente – disse. -Então, você poderia tentar ficar um pouco feliz por mim?

Paul abriu um sorriso descaradamente falso.

-Aqui está. Fiquei feliz.

Dei um chute de leve no pé dele.

-Ah, vai... Finalmente eu vou sair com o cara pelo qual eu fiquei interessada durante o ano todo. Fico triste que você não goste dele, mas eu gosto. – meu coração começou a disparar com essas palavras, eu iria sair com Frank London! Mal podia esperar pra contar isso pra Linda e pra Sharon. Sorri para Paul. -Ei, de qualquer modo você não tem tempo para se estressar em relação a isso. Você precisa começar a planejar o seu encontro com Katie.

-È – ele esticou as pernas. -Eu queria achar um lugar realmente...

-Erica! – avoz do meu pai ressoou da cozinha. -O jantar está pronto.

Olhei para Paul.

-Você vai ficar?

Ele balançou a cabeça negativamente.

-Eu tenho que voltar para casa.

Agarrei a sua mão e a apertei.

-Obrigada novamente pelo livro. Eu amei.

-Fico feliz. Fala pro seu pai que eu me despedi dele. E diga ao Charlie que eu voltarei em breve para uma revanche.

-Tá bem. E se você precisar de ajuda para planejar o seu encontro, ou qualquer coisa, eu estou disponível.

-Você, a anti – romântica? Seria melhor pedir ajuda do Bill e do Steve do time de basquete – ele sorriu. -Não, eu me viro, Erica. Mas obrigado mesmo assim.

-Ok. – falei, acompanhando – o até a porta e observando – o sair correndo pela calçada. Fique me perguntando: onde ele levaria Katie? Para um restaurante elegante? Pro cinema? Pro shopping?

Então um pensamento mais interessante passou pela minha cabeça. Onde Frank me levaria?

TRÊS

“Eu não posso acreditar que estou em um restaurante de verdade, num encontro de verdade com Frank London”, pensei pela terceira vez enquanto observava Frank estudando o cardápio. “Obrigada meu Deus por eu não ter vestido calça jeans!”

Depois de quase duas horas vasculhando o meu armário (e três telefonemas para Linda e Sharon), eu tinha finalmente decidido colocar uma calça preta e um suéter azul – gelo que eu comprei no shopping duas semanas atrás. Eu tinha planejado vestir jenas, mas Linda disse “nem pensar” e Sharon concordou com ela. Frank era sofisticado, elas insistiram. E isso exigia uma roupa de verdade.

“Eu sou tão grata por ter amigas que entendem dessas coisas”, pensei, enquanto admirava a decoração do restaurante italiano.

Estávamos sentados numa mesa iluminada por velas com guardanapos de pano e taças. O nome do lugar era La Dolce Vita. Frank havia me dito que significava “a vida doce”, e certamente era como eu estava me sentindo. Lindos quadros decoravam as paredes, e a única luz que nos iluminava vinha de uma longa vela no centro da mesa.

-Esse lugar é incrível – sussurrei. Parecia errado falar muito alto lá. -Foi muito legal o seu pai ter nos trazido de carro.

Sem levantar a cabeça, ele me olhou e abriu um sorriso. Parecia que alguma coisa estava voando dentro do meu peito.

-Tinha certeza de que você gostaria – falou, e seus lindos olhos não poderiam estar mais verdes. Seria por causa da luz da vela? Ou por causa da camisa de gola role verde escura que ele vestia? -Você já escolheu?

“Obrigada, meu Deus, por essa iluminação romântica.” Quando abaixei os olhos para ver o cardápio, uma sensação de pânico tomou conta de mim. Tive a impressão de que minhas bochechas coradas iriam denunciar que eu não conseguia entender uma palavra sequer naquela página. Eu nunca ouvira falar de nenhuma daquelas massas.

-Humm...eu não estou muito certa ainda...

-O penne vodka deles é fabuloso – ele me falou.

“Penne o quê?”. Meu conhecimento de comida italiana se resumia a espaguete e almôndegas. Mas eu não confessaria isso de jeito nenhum.

-Parece bom – disse num tom confiante. -È o que você vai pedir?

Frank assentiu com a cabeça.

-È o meu prato predileto.

-Querem fazer o pedido? – um garçom apareceu subitamente ao nosso lado.

Engoli em seco. Eu tinha um problema idiota de timidez com garçons, vendedores e caixas – eles me intimidavam completamente. Na minha primeira experiência em um acampamento de férias, eu havia passado uma semana comendo apenas as saladas do bufê self – service por que não conseguia suportar a idéia de anunciar o que eu queria na fila dos pratos quentes.

Melhorei muito com o passar do tempo, mas situações como essas ainda eram desesperadoras. Toda vez que Paul e eu íamos em algum lugar, ele sempre fazia o pedido para mim. E nunca havia debochado por causa disso.

Mas Paul não estava lá. E eu não podia declarar para Frank London que era incapaz de dizer ao garçom o que eu queria comer!

-Eu quero o penne vodka – Frank disse ao garçom entregando – lhe o cardápio.

-Muito bem – o garçom fez uma pequena anotação em um bloquinho, depois virou – se para mim. Senti um calor familiar subir pelo meu rosto. -E a senhorita?

-Perdão? – perguntei ao garçom, lançando um olhar desconcertado para Frank.

-O que a senhorita vai querer? – o garçom refez a pergunta.

-Eu quero o mesmo que ele. – falei abruptadamente, aliviada assim que ele foi embora.

-Minha família não tem o hábito de comer fora – disse sentindo que precisava explicar minha falta de jeito.

Ninguém que eu conhecia jantava fora, a menos que fosse por alguma comemoração. La Dolce Vita era o tipo de restaurante onde meus pais iriam celebrar o aniversário de casamento deles.

Frank tomou um pequeno gole de sua água gelada, que tinha uma rodela de limão no fundo da taça.

-Então, como aquele artigo sobre o sistema de água em Maryland está indo? –

perguntei, ansiosa por evitar que ele percebesse o quanto eu era desinteressante.

Eu sabia que Frank estava trabalhando nessa matéria por duas semanas, além de suas tarefas regulares no *Postscript*.

O rosto de Frank se iluminou.

-Doug deu uma olhada no que eu já fiz e disse que eu devia enviar para o Baltimore Sun.

-Tá falando sério? – perguntei. -Uau!

-Doug disse que é um dos melhores artigos que ele já viu em nossa escola – ele franziu a testa. -É claro que não faz nenhum sentido em publica – lo no *Postscript*.

Certo, o *Postscript* não era o Sun, mas ele não pensava realmente que o nosso jornal era imprestável...ou pensava?

-O que você escreve é maravilhoso – disse Frank, como se estivesse lendo meus pensamentos. -Para um jornal de escola não é ruim, mas...

Eu congelei por um segundo, atenta as sensações dos dedos dele; quentes, fortes e másculos, acariciando minha mão. Isso significava que ele estava atraído por mim, certo? Mesmo quando ele retirou seus dedos, eu ainda podia sentir a impressão deles sobre a minha mão.

-Você é a única do staff que escreve bem – continuou ele.

“Ele realmente tem consideração pelo meu trabalho”, eu me dei conta. E pensar que todos esses meses eu havia ficado nervosa com a opinião dele. Frank sempre havia respeitado meu trabalho! Mas eu não era a única pessoa do jornal que podia colocar uma série de frases juntas. Todos escreviam bem.

-E você já decidiu como vai abordar a pesquisa do artigo sobre o Dia dos Namorados? – perguntou Frank.

Assenti com a cabeça.

-Eu vou basear o artigo em entrevistas e observações do que acontece nos corredores da escola. Vou falar sobre o comportamento dos casais em geral, que, muitas vezes, chega a ser bastante ridículo. E por fim falarei sobre como os casais são afetados pelo Dia dos Namorados.

-Parece ótimo – disse Frank. -Mal posso esperar para ver como você vai apresentar isso. O garçom colocou dois pratos quentíssimos com uma massa em formato de tubo mergulhado em um molho rosa na nossa frente. A massa parecia estar deliciosa e o cheiro era incrível.

Mas eu mal conseguia comer. Meu apetite havia desaparecido com essa sensação bizarra de felicidade – excitação – pânico que tinha tomado conta do meu estômago. Era tão estranho! Todos esses sentimentos, tudo o que um simples toque dos dedos deles na minha mão podia fazer. Um leve sorriso de Frank podia fazer meus joelhos dobrarem.

“É essa a definição de sentimentalismo e melação”, eu pensei.

De repente entendi o que Paul quis dizer quando me falou que “ se fosse sentisse aquilo por alguém, não acharia DPA’s algo tão grosseiro”.

Mas Paul ainda estava bem errado quanto a isso. Um pequeno carinho na mão não era uma DPA. Era um gesto de bom gosto para indicar um sentimentalismo romântico.

Acabei me forçando a engolir umas grafadas de massa, que estava realmente deliciosa.

Mesmo depois de terminarmos, nenhum de nos mencionou como já era tarde ou que devíamos voltar logo para casa. Nós conversamos sobre jornalismo durante a maior parte do jantar – tínhamos muito em comum. Eu nunca conseguia conversar com Paul ou com Sharon, ou até mesmo com Linda sobre o universo do jornalismo. Basicamente por que eu não queria deixa – los entediados. Mas com Frank eu podia falar sobre isso pro resto da vida.

O garçom pôs uma carteira de couro com a conta sobre a mesa. Frank conferiu a conta, então pegou um cartão de crédito. Ele tinha um cartão de crédito? Que sofisticado!

-É por minha conta, é claro – falou com aquele sorriso incrível. -É um prazer.

-Obrigada Frank – sussurrei. Então nos olhamos diretamente dentro dos olhos por um momento sem pronunciar uma palavra sequer. Ele era tão maduro. Tão adulto. Tão diferente dos outros alunos da escola.

E, definitivamente, gostava de mim!

-Erica, eu tenho uma proposta para você – disse.

“Uma proposta?”

-Bem, você sabe que a edição do Dia dos Namorados não vai sair antes da terça feira depois do dia dos namorados... – começou ele.

-Sei – falei, rezando para que ele não pudesse perceber que eu estava quase ficando sem ar. -Assim o pessoal do jornal pode escrever sobre o baile de sábado a noite e revelar as fotos para serem publicadas.

-Então, eu pensei que talvez nós devêssemos ir juntos ao baile – disse Frank. -Nós poderíamos fazer anotações para escrever um artigo especial sobre o baile. Um artigo anti – baile. Vai ser o máximo.

Tum – tum – tum. Tum – tum – tum. Tum – tum – tum.

Eu estava tão atordoada que mal conseguia falar. O cara dos meus sonhos estava me convidando para o baile do Dia dos Namorados. E com semanas de antecedências.

-Com o propósito de pesquisa, é claro – completou Frank.

“Propósito de pesquisa?” Isso era tão adorável. Frank achava que realmente precisava de uma desculpa para me convidar para dançar. Eu sempre havia pensado que Frank London era totalmente confiante. Mas agora ele me mostrava um lado da sua personalidade que eu nunca tinha visto antes. Um lado vulnerável. E era eu quem estava deixando – o inseguro.

-Ótima idéia, Frank.

Ele abriu aquele sorriso incrível e apertou a minha mão.

Frank London era praticamente meu namorado.

Logo que fechei a porta do meu quarto, pulei em cima da cama e comecei a soltar risadinhas compulsivamente. Na verdade, desde o momento em que eu saí do carro do pai de Frank – que me deixou em casa após o jantar – um sorriso enorme não desgrudava do meu rosto.

Risadinhas. Os mesmos sons ridículos que Linda fez quando o Sr. Serson a elogiou. O som que sempre me causou náuseas.

Eu já havia tido outros encontros antes com outros garotos. Mas durante toda a minha história sentimental, eu nunca havia chegado em casa me sentindo desse jeito.

Era assim que as pessoas se sentiam quando estavam apaixonadas?

O telefone miou e eu agarrei a cabeça do Garfield. O telefone em formato de Garfield foi um presente do Paul, é claro. Só ele sabia o quanto eu gostava de coisas assim. Todo aniversário e feriado ele me dava um presente de verdade e um de brincadeira, algo que fosse o mais escandaloso possível. Meu quarto era cheio dessas lembranças engraçadas do Paul.

-Alô – falei.

Já chegou do seu encontro dos sonhos? Surpresa, surpresa!

Tentei ignorar o sarcasmo do Paul.

-Se você achava que eu não estava aqui, por que ligou então?

Paul fez uma pausa.

-Eu calculei que Frank fizesse algo tão detestável que você sairia correndo aos berros. Eu só liguei para checar.

-Paul...

-Brincadeirinha – interrompeu ele, e eu pude ouvir um tom malicioso em sua voz. -E aí, se divertiu?

-Muitíssimo – falei entusiasmada. -O restaurante era incrível! E ele me convidou para o baile do dia dos namorados! Não é demais?

-Peraí – disse Paul. -Os dois maiores “anti – romantismo” da escola vão juntos a um baile? E justo no dia dos namorados?

-Bem, Frank e eu estamos acima dessa coisa toda – expliquei. -Nós iremos trabalhar também. Faremos uma pesquisa para o artigo que eu estou escrevendo sobre o baile, sobre como é idiota toda essa agitação.

Silêncio.

-Ah, é um tipo de trabalho? – perguntou ele, após alguns segundos sem palavras. -Então não significa que vocês vão ao baile juntos?

-É obvio que nós vamos juntos – retruquei. -Quer dizer, nós vamos dançar, beber ponche e tudo mais. Mas considerando o modo como nós dois encaramos toda essa coisa, faz muito sentido para ele agir como se estivesse me convidando apenas por razões profissionais.

-Mas se vocês dois encaram o baile dessa maneira por que você vai? Quer dizer, se vocês são tão superiores a isso? A menos que seja realmente para escrever um artigo anti – sentimentalismo, anti – baile, anti – dia dos namorados.

Silêncio. Ele estava tentando me enlouquecer?

-Bem, é lógico que é pra isso. É o nosso objetivo. Mas nós também temos permissão de gostar um do outro. E me dá um tempo, ok? Então – disse, doida pra sair do assunto “eu e Frank” - , você vai convidar Katie para o baile?

-Se amanhã a noite tudo correr tão bem quanto eu imagino, então sim, vou convidar – lá. Romanticamente, no entanto. Espero que isso não te deixe tão enjoada.

Eu gargalhei. Paul me entedia completamente. Tudo bem, ele não gostava de Frank. De modo algum. Mas ele me entendia, me respeitava, do mesmo modo que eu o respeitava. Nós simplesmente tínhamos idéias diferentes sobre romance, era só isso. Paul era do tipo que se expõe, sentimental. Beijando e andando de mãos dadas. Coisas doces assim. O tipo de coisa que eu sentia por Frank, mas guardava só para mim.

Eu sempre havia fantasiado que quando encontrasse o homem dos meus sonhos, ele seria exatamente como Paul... mas eu teria por ele todos aqueles sentimentos. Aqueles sentimentos que eu nunca teria por Paul por que ele era como um irmão para mim, meu melhor amigo desde os cinco anos de idade. E agora eu experimentava aqueles sentimentos, mas o cara não era parecido nada com Paul.

Isso era um tanto estranho.

Não conseguia imaginar Frank me entregando um cartão do Garfield no natal. Insistindo em um concurso de comer batatas fritas. Apostando corridas comigo ao redor do quarteirão da casa. Esse era o Paul.

Por outro lado, eu podia imaginar Frank me dando aquele livro, a coleção de ensaios da minha jornalista favorita. Mas esse também era Paul.

-Ah! – falou Paul repentinamente. -Quase me esqueci de te dizer... espera um segundo – ouvi o barulho de papéis sendo jogados para o lado, e pude visualizar Paul procurando alguma coisa pelo seu quarto nada organizado. -Achei – falou. -Não perca a Convenção Anual dos Amantes de Histórias em Quadrinhos – ele leu em voz alta, com uma voz empostada. -Catorze de fevereiro no Centro de Convenções de Baltimore, da uma às quatro da tarde.

-Legal! – exclamei. -Eu estava mesmo querendo saber quando a feira aconteceria esse ano.

A convenção de histórias em quadrinhos era uma das nossas muitas “tradições”, provavelmente a minha favorita. Paul e eu íamos todos os anos e gastávamos horas percorrendo os infindáveis stands cheios de revistas em quadrinhos, desejando poder

comprar cada uma delas. E várias pessoas iam fantasiadas como seus super – heróis favoritos. Era bem engraçado.

Apanhei meu calendário e escrevi Conv. De HQs. Dentro do quadrinho de catorze de fevereiro.

-Você tem certeza que ainda quer ir? – perguntou ele.

-Hã? – falei, escrevendo Baile Dia – Nam. Com Frank abaixo da anotação da convenção. E desenhei um pequeno coração ao redor do nome de Frank.

-Por que eu não iria?

-Alô – o? É dia dos namorados. Você ainda quer ir?

-É claro – fiz uma pausa, sem entender aonde ele queria chegar. -De novo, meu caro, por que eu não iria? Vai ser a tarde, então nós dois ainda vamos ter tempo suficiente para nos arrumar para o baile.

-Ótimo, então vamos – disse ele.

Eu apoiei a minha cabeça sobre o travesseiro e o calendário sobre a minha barriga.

-Acho melhor ir dormir – disse.

-Eu também – concordou Paul. -Amanhã eu vou te ligar antes de pegar a Katie, assim você me ajuda a diminuir meu ataque de pânico.

-Boa noite – falei.

-Bons sonhos – falou e desligou o telefone.

Bons sonhos. Exatamente o que eu esperava ter.

Peguei o meu calendário e fitei a anotação para o dia catorze. Baile Dia – Nam. Com Frank. Uma outra risadinha saiu da minha boca.

Então me levantei espantada.

Eu havia desenhado um coração ao redor do nome de Frank. Mas quando eu tinha feito aquilo? Era exatamente o tipo de coisa que eu deveria ser contra. Exatamente o tipo de coisa que eu havia planejado ridicularizar em meu artigo anti – sentimentalismo, anti – dia dos namorados.

Estranho. Muito estranho.

Transcrição de entrevista com Linda Hitchen

Erica: Você tem alguma recordação especial do dia dos namorados?

Linda: O meu feriado favorito foi na época do meu primeiro namorado, Randy Thomas, na sexta ou sétima série. Tenho quase certeza que era na sexta, por que eu estava com o cabelo mais curto naquela época. A menos que tenha sido na...

Erica: O que tornou aquele dia especial?

Linda: Eu acho que é por que finalmente eu tinha um garoto fazendo todas aquelas coisas para mim. Você sabe, dando flores, chocolates e tudo mais. Foi na sexta série com certeza.

Erica: Então não foi especial por que você gostava realmente de Randy. Mas por que você queria todas aquelas coisas de dia dos namorados. Ok, próxima pergunta. Na sua opinião, qual o propósito dessa data?

Linda: Ah, espera, podemos voltar para a pergunta anterior? Eu gostava dele. Gostava realmente. Fiquei tão triste quando ele me largou! Chorei por ele, tipo durante um fim de semana inteiro. De qualquer modo, o que foi mesmo que você me perguntou? Ah, tá.

Eu acho que o propósito é ser um dia em que as pessoas podem demonstrar o quanto se gostam. Você sabe como os garotos costumam ser... eles não conversam sobre os sentimentos deles ou fazem coisas tão gentis frequentemente. Então no dia dos namorados, eles devem, ou talvez podem demonstrar o que sentem. Se eles te derem um cartão piegas ou presente realmente legal e te convidarem para jantar fora, os amigos não deboçam dele, por que é permitido fazer algo assim no dia dos namorados.

Erica: Então você está dizendo que não há problema em um cara agir como idiota durante o ano todo e compensar tudo no dia dos namorados? Apenas por que o cara te deu uma caixa de chocolates? Isso parece um tanto estranho, não é?

Linda: Garotos são garotos. É assim. Por que você acha que as garotas dão tanta importância ao dia dos namorados? Por que finalmente elas podem esperar um pouco de romantismo dos seus namorados. Faz bastante sentido para mim.

QUATRO

-Quero ver como é que ela vai nos aborrecer hoje – sussurrou Frank em meu ouvido, enquanto a diretora Martin adentrava o palco de auditório para a nossa reunião semanal. Esforcei – me para não soltar uma gargalhada.

-Talvez seja aquele discurso de “mantenha a escola limpa” – a Sra. Martin, uma mulher baixinha e rechonchuda com um enorme topete alaranjado, era definitivamente enfadonha.

Mas, pelo jeito que as coisas caminhavam, eu achava que tudo era possível. Até mesmo um discurso interessante da minha diretora. Além do mais, quem imaginaria que Frank ficaria esperando do lado de fora da minha sala para que nós pudéssemos sentar juntos na reunião?

Aquilo foi realmente romântico.

-Bom dia, alunos da escola Emerson – começou a Sra. Martin. -Nesse fim de semana eu estava pensando sobre responsabilidade...

-Não – murmurei pra Frank. -È o discurso de dever de casa.

Ele sorriu para mim. Eu achei ótimo que nós pudéssemos fazer gozação juntos. Talvez existisse um pouco de Paul nele, afinal de contas.

Enquanto a Sra. Martin divagava sobre a importância de estudar, percebi que tinha a oportunidade perfeita para analisar os casais na platéia: vendo o quanto eles se sentavam próximos um do outro, se eles ficavam de mãos dadas ou não, se trocavam olhares ou estavam realmente prestando atenção a diretora.

Anthony Perez e Shay – Lee Ibanez. Eles estavam no último ano e eram populares na escola Emerson. Estudei o modo como se recostavam um no outro, como ele segurava a mão esquerda sobre o seu colo. Como ela chegava a esticar todo seu braço esquerdo – que estava livre – para coçar seu ombro direito sem desvencilhar a mão direita do namorado. Isso era sentimental demais? Ou apenas carinhoso?

Eu estava tão ocupada observando os casais que nem percebi a Sra. Martin chamando o consultor do livro anual dos alunos, o Sr. Kensington para um pronunciamento especial. O Sr. Kensington anunciou que a eleição para o historiador da escola aconteceria em duas semanas, e que os candidatos poderiam começar a colar cartazes da campanha a partir do dia seguinte. Ele mencionou algo sobre um debate, no qual os alunos poderiam ouvir o que os candidatos haviam planejado.

O historiador da escola era responsável por documentar os altos e baixos do ano para o livro anual dos alunos. Era algo bem importante na escola Emerson.

Olhei ao redor na platéia, procurando mais casais para estudar enquanto o Sr. Kensington continuava falando.

Uau! Um momento! Aqueles dois que estavam completamente grudados eram Paul e Katie? É verdade que não estavam de mãos dadas ou coisa parecida, mas o cabelo dela estava praticamente espanando o ombro dele.

Paul havia me telefonado antes e depois do seu encontro com Katie no sábado a noite. E depois havia revisado cada detalhe durante a nossa ida habitual ao Bowl – a – Rama para comer batatas fritas. Ele e Katie tinham se dado super bem e se beijado duas vezes. Na boca.

Frank e eu não tínhamos nos beijado na boca em nosso primeiro encontro. Mas eu podia apostar que ele beijava incrivelmente bem.

“Será que o Paul também beijava bem?”

Virei – me para frente, chocada com o pensamento que havia acabado de passar em minha cabeça. De onde eu tinha tirado aquilo? Paul e eu já tínhamos abraçado e nos beijado mil vezes. Não beijo de namorados, é claro, mas dar bitoquinhas não era problema nenhuma para nós. Dei mais uma espiada de canto de olho em Paul e Katie. Ela fitava os olhos dele, ambos concentrados em uma conversa.

-Terra chamando Erica – Frank sorria para mim. Eu nem tinha percebido que a reunião já terminara. -Você ouviu alguma palavra que o Sr. Kensington falou?

-Tudinho – menti, enquanto nos levantávamos para sair. Eu não queria que ele soubesse que eu havia bisbilhotado os casais da platéia durante o pronunciamento sobre o livro anual dos alunos. -Ei, então você está interessado em concorrer ao cargo de historiador? – perguntei. Neste momento já estávamos espremido por um zilhão de estudantes que tentavam deixar o auditório.

-Com certeza – disse ele. -Eu quero mesmo ganhar.

-Não vai ser muito trabalho? – perguntei. -Você já tem tanta responsabilidade no jornal!

-Eu preciso de desafios, Erica – retrucou ele. -Caso contrário, eu fico entediado.

Imediatamente eu percebi que estava “secando” Frank – olhando – o com aquela expressão descarada de admiração. Mas eu não podia evitar. Ele era tão ambicioso. Tão empreendedor. Tão capaz de fazer tudo.

-Sabe – falou ele, se aproximando de mim - , essas eleições não são nada mais do que concursos de popularidade. Um monte de gente aqui sabe quem eu sou, mesmo com o costume de fica à parte da multidão. Por isso eu tenho certeza que se pessoas mais extrovertidas concorrem ao cargo de historiador, eu posso perder. O que seria uma grande pena para toda a escola, pois eu trabalharia muito e levaria muito à sério.

-Eu votaria em você – disse, sorrindo.

-Ei, você se interessaria em me ajudar com a campanha? - perguntou ele. -Você é uma ótima redatora, e tenho certeza de que poderia criar uns bons slogans. Além disso você poderia me ajudar a escrever o meu discurso para o debate. Seríamos um time como já somos lá no *Postscript*.

Um time...

-Uau, então eu seria uma espécie de diretora da sua campanha? – falei.

Eu conseguiria ter soado mais excitada do que isso? Era preciso manter minha alegria sob controle, ou eu começaria a pular como uma louca na frente de Frank! Tudo bem, com toda a calma, agora.

-Pode contar comigo!

Isso foi tão lisonjeiro. Ele estava pedindo a minha ajuda. Frank London!

Mal podia esperar pra contar pra Paul.

-Isso é incrível! – exclamou Linda, fechando com força a porta de ferro do seu armário.
-O que é incrível? – perguntou Sharon, assim que chegou perto de nós.
-Olha isso – Linda falou pra Sharon - -primeiro Frank a leva para um restaurante caro e a convida para o baile do dia dos namorados. Agora o cara quer que ela ajude na campanha dele para historiador da escola. Ele está apaixonado, sem dúvida!
-Você acha mesmo? – perguntei quase histérica. -Essas coisas significam que ele gosta de mim, gosta, muito? Gosta como namorado e namorada?
Linda olhou perplexa para mim, então colocou sua mão sobre minha testa.
-Tá se sentindo bem? Tá com febre? Porque essa não é a Erica Park que eu conheço. Você tá completamente perdida!
Sharon soltou uma gargalhada e prendeu seus longos cabelos loiros em um nó frouxo.
-Então, talvez ele não seja um “mala”, afinal de contas. Ele até parece ser legal.
-Ele é – garanti a ela. -Muito, muito, muito legal. Ele é tão diferente dos outros garotos...
-O Paul ainda tem as desconfianças dele? – perguntou Sharon.-Por que pode ser bem estranho o seu melhor amigo achar seu namorado um chato.
Eu já havia mencionado a Linda e Sharon que Paul não tinha muita simpatia por Frank. As duas falaram que talvez Paul estivesse com ciúmes de que outro garoto estaria tomando todo o meu tempo. Elas nem desconfiavam do quanto estavam certas. Mas durante o resto do fim de semana, eu tinha ficado pensando se o problema era apenas ciúme, de fato. Parecia que Paul não gostava de Frank por motivos próprios.
-Ele não é meu namorado...ainda. – corrigi Sharon. -Tenho certeza de que se Paul conhecer Frank um pouco melhor vai ver que ele é um cara legal.
Mas e se isso não acontecesse? E se meu melhor amigo e o meu pretendente – a – namorado se odiassem profundamente?

Espiei as mesas da lanchonete a procura de Paul, carregando minha bandeja com muito cuidado para que minha salada não acabasse com molho de refrigerante. Ei, lá estava ele: eu reconheceria aquele cabelo grosso e brilhante e aquele suéter azul felpudo em qualquer lugar. Mal podia esperar para contar que eu ia ajudar Frank em sua campanha. Caminhei, me desviando das pessoas, em direção a um lugar vazio na mesa de Paul. Mas eu não havia percebido que Katie também estava lá.
-Oi, Erica – disse Paul. -Que bom que achou a gente.
-É...oi – falei, percebendo a mão de Katie segurando suavemente o braço de Paul.
-Oi, Erica – disse Katie. O cabelo dela estava preso em uma longa trança que pendia sobre um dos ombros. Timidamente, eu passei os dedos pelos meus cachos que chegavam um pouco abaixo da orelha. Paul havia tido um ataque quando eu cortara meu cabelo há alguns anos atrás. De fato, meu cabelo, já havia sido mais longo que o de Katie.
“Mas cabelos longos estão fora de moda”, pensei.
-A gente tava conversando sobre uma coisa engraçada que aconteceu hoje na aula de química – explicou Paul, que olhou para Katie, que desatou a rir.
Eu balancei a cabeça, sem saber o que fazer. Será que eles queriam continuar falando sobre isso sozinhos? Dei uma olhada pela lanchonete. Estava cheia de mais para eu conseguir um outro lugar. Coloquei minha bandeja na mesa e sentei – me na cadeira em frente a Paul.
-Então, o que aconteceu? – perguntei, enfiando o garfo em minha salada. Eu não

gostava de me sentir constrangida daquele jeito. -O que foi tão engraçado?

-Bem, o Briam Potter pegou o béquer, aquele copo de vidro no laboratório – começou Paul.

-E, na mesma hora, a sra. Hunt entrou na sala – continuou Katie. Logo em seguida, ela e Paul se entreolharam e começaram a gargalhar compulsivamente.

-Você tinha que estar lá – disse Paul, balançando a cabeça.

-Parece que sim – disse e abriu um pequeno sorriso.

-E aí, como está o seu dia? – Katie perguntou sorridente, sua cadeira terrivelmente grudada a de Paul. Eles estariam com as mãos dadas debaixo da mesa? Tive que conter o meu impulso de examinar.

-Tudo bem – respondi educadamente, mastigando um tomate sem gosto. Notei que havia uma pequena espinha se formando na bochecha esquerda de Katie. Por algum motivo, aquilo me deixou feliz.

Por um minuto ou dois, ninguém pronunciou uma palavra. Eu não conseguia acreditar que estava me sentindo acanhada ao lado de Paul. Era como se a presença de Katie tivesse tampado as minhas cordas vocais.

-Então, Katie... – falei, vasculhando a minha mente a procura de algo simpático para dizer. Eu tinha obrigação de fazer isso pro Paul, independente de quem fosse sua namorada.

-Erica!

Olhei para o alto, surpresa.

Frank estava em pé, sorrindo para mim, incrivelmente sexy com seus cabelos loiros balançando ao vento. Ele tinha uma sacola de papel marrom em suas mãos.

-Ei, esse lugar tá ocupado? – perguntou, apontando para a cadeira ao meu lado.

-Não! – falei sorrindo, feliz pelo encontro inesperado. Frank não só estava me salvando de uma situação constrangedora, mas estava procurando uma ótima chance para que Paul pudesse conhece – lo melhor.

Ao sentar, Frank balançou a cabeça, cumprimentando Paul e Katie.

-Você já entrevistou alguém para o artigo do dia dos namorados? – perguntou ele, antes de dar uma garfada enorme em sua salada de frango.

-Só uma pessoa – contei a ele, arrependida por não ter feito mais entrevistas. Eu estava tão ansiosa e preocupada em fazer um bom trabalho que eu vinha adiando o começo.

-Ei, você já entrevistou esses dois? – perguntou Frank, apontando para Paul e Katie. -Há quanto tempo vocês são um casal?

-Não faz muito tempo – respondeu Katie, soltando uma risadinha. Paul sorriu, mas eu tinha certeza que ele estava desconfortável.

-Então, vocês seriam perfeitos para a entrevista! – comentou Frank, entusiasmado. - Seria ótimo entrevistar casais em diferentes etapas do namoro – ele me disse, levantando sua sobrançelha direita como se eu estivesse entendendo as reais intenções dele.

-Eu acho que isso poderia ser divertido – anunciou Katie. -Eu adoraria que você nos entrevistasse – continuou, enquanto colocava a mão sobre o braço de Paul. -Se não tiver nenhum problema pra você.

-Por mim, tudo bem – respondeu Paul, com a expressão ligeiramente mais tranqüila. Eles começaram a sussurrar entre si e Frank virou – se para mim.

-Um casal recente, eles são perfeitos para o nosso artigo. – então, ele abaixou o tom de voz. -E você viu como os olhos dela brilharam quando ouviu a palavra “casal”? Todo mundo precisa de rótulos. É como se ninguém fosse maduro ou seguro o suficiente.

-Como você sabe que eles são um casal recente? – sussurrei, impaciente.

Frank fez uma expressão de satisfação.

-Eu sou um jornalista, Erica. Faz parte do meu trabalho decifrar a linguagem corporal. Observe os dois. – olhei para Paul e para Katie como se estivesse vendo – os pela primeira vez. -Preste atenção como eles trocam olhares, as duas cadeiras estão praticamente coladas, a mão dela sobre a perna dele...

-É você está certo – falei cortando – ° -Eu to vendo – afirmei. De repente, me chamou a atenção de que minhas mãos estavam sobre a mesa, bem na minha frente. As de Frank estavam sobre o colo dele. Nós também não havíamos começado a sair juntos? Por que estávamos tão distantes um do outro? Por que não estávamos de mãos dadas?

“Dãh, Erica”, falei para mim mesma. “Você já esqueceu qual é o mote da matéria do dia dos namorados? Esse tipo de coisa é completamente contra tudo que você e Frank conversam. DPAs, sentimentalismo, romantismo exagerado. Aquelas coisas todas deixam vocês enojados, não é?

Então, por que, de uma hora para outra, eu estava imaginando como seria experimenta – lás?

-Parece divertido – falou Katie, interrompendo o meu devaneio. -Assim que você quiser nos entrevistar, estamos disponíveis.

Paul concordou com a cabeça.

-Basta falar a hora e o local.

-Falando em “hora e local” – disse Frank, cirando – se para mim -, amanhã vai acontecer uma palestra na qual eu estou interessado. Uma das amigas do meu pai, a Dra. Muzacz, que é professora de redação da faculdade de Hopkins, vai falar sobre as matérias de opinião no jornalismo. Pode ser uma boa ajuda para a edição do dia dos namorados.

-Uma palestra de faculdade? – perguntei. Eu nunca havia colocado os pés em uma faculdade. Isso soava como um programa maravilhosamente adulto.

-Que outro tipo de palestra poderia ser? – perguntou Frank. Eu soltei uma gargalhada, então percebi que ele não estava brincando.

Paul revirou os olhos para mim. Eu fechei a cara para ele.

-È claro que eu tenho interesse. Adoraria ir. – contei a Frank.

Claro que assistir palestras de jornalismo não era algo que eu e Paul fazíamos quando saíamos juntos, mas isso não significava que eu não fosse gostar.

-A Dra. Muzacz vai falar sobre aquele filme “Todos os homens do presidente” – falou Frank. -È uma historia sobre dois jornalistas que...

-Sei, eu já ouvi falar – disse Paul, dando um pateleco numa migalha de pão sobre a mesa.

-Ei, vocês dois já viram aquele novo filme sobre uma apresentadora de telejornal? – perguntou Katie. -Intimo e pessoal? Tem uma trilha sonora incrível com a Celine Dion. Minha irmã comprou o cd e ...

Frank franziu a testa.

-Difícilmente a Dra. Muzacz discutira sobre a trilha sonora de Todos os Homens do Presidente. Ela irá analisar o tema do filme dentro do seu contexto histórico.

-Estou morrendo de vontade de assistir Intimo e Pessoal – falei abruptadamente, antes que Katie ou Paul pudessem falar algo mais sobre a trilha sonora do filme. Quer dizer, faça – me o favor. Eles não percebiam que Frank era um profissional? Que a musica de um filme não interessa a uma pessoa assim?

-Eu também to doida pra ver – Katie deu um sobressalto. -Vocês não querem assistir conosco?

Eu olhei para Frank. Ele não parecia estar entusiasmado.

Paul encolheu os ombros:

-Eu não sei. Nós poderíamos, talvez.

-Você sempre fica falando que eu tenho que conhecer a Erica – Katie lembrou a ele. -
Essa seria a chance perfeita.
-Que tal no sábado? – sugeri. -Cinema e Jantar? – essa seria a chance perfeita do meu
namorado e do meu melhor amigo se conhecerem melhor. Talvez Paul e Frank
descobrissem algo em comum. Cheeseburgue. Jogos de futebol nas noites de segunda
feira. Enfim alguma coisa.
E mais, eu conheceria Katie. Afinal de contas, se ela faria parte da vida de Paul, também
faria parte da minha. Gostasse ou não.
-Então, sábado – declarou Katie. -Tudo bem pra vocês?
-Certo – resmungou Paul.
Frank balançou a cabeça e eu entendi que sim.
Um programa com Frank e Paul. Eu mal podia esperar.

CINCO

-Qual dos dois? – perguntei a minha irmãzinha, levantando dois suéteres. -Eu acho que
o vermelho me deixa com aparência mais velha, mas eu fico melhor vestindo azul, não
é?
Ellen olhava alternadamente para os dois, com seus bracinhos cruzados sobre o peito.
Pedir a opinião da criança de onze anos mais indecisa do mundão não tinha sido uma
boa idéia.
-Mãe – gritei. -Mãe, eu preciso de sua ajuda!
-Não, espera – insistiu Ellen. -Eu posso resolver isso.
-Vermelho ou azul? – perguntei, segurando os suéteres sobre o meu corpo. -Eu não
posso acreditar que estou tendo dificuldade para resolver isso!
-Por quê? – perguntou Ellen, sentando – se ao meu lado. -Você está indo para um
encontro, certo? É normal você se importar com a sua aparência.
Sorri. Até mesmo minha irmãzinha de onze anos entendia mais de encontros do que eu.
-Então fala a sua decisão. Rápido.
-O azul – anunciou ela.
Eu mordi o meu lábio.
-Tem certeza? Por que essa é uma palestra de faculdade. Você não acha que o vermelho
me faz parecer mais velha? Mais madura?
Ellen revirou os olhinhos.
-Certo. Veste o vermelho.
-Mas eu achei que você tinha gostado do...
-Erica! – ela levantou – se com um pulo e colocou as mãos no quadril. -Por que você me
pergunta, então?
Dei um suspiro.
-Você tá certa. Ok, eu vou vestir... – fechei os olhos e estiquei o braço para escolher o
suéter que eu tocasse primeiro. Senti meus dedos percorrerem pelo tecido suave do
cardigã azul. -Este aqui! – disse, abrindo os olhos.
O telefone miou, eu puxei a cabeça do Garfield.
-Alô?
-Ei – disse Paul. Eu olhei para minha irmã, acenando para que ela saísse do quarto.
Ela lançou um olhar indignado para mim e eu falei um rápido “obrigada” antes que ela
fosse embora.
-E aí, o que manda? – eu fui para a cama, carregando o telefone. -Eu não posso ficar
muito tempo falando – falei para ele, me espremendo para fora do meu jeans e pegando
a calça preta que eu havia separado. -Eu tenho aquela palestra hoje a noite com o Frank.

-Eu sei – disse Paul. -A palestra de faculdade que você não parou de falar.

-Bem, é muito excitante para mim – eu me defendi, encolhendo a minha barriga enquanto eu vestia a calça e sofria para abotoar – lá. A última vez que tinha usado essa calça tinha sido antes de ter desistido de fazer abdominais. Eu gostaria de poder ir com a calça preta que eu havia comprado havia algumas semanas, mas já a usara no meu primeiro encontro com Frank.

-Bem, eu também não posso ficar muito tempo no telefone. Tenho que começar a fazer uns cartazes.

-Cartazes? – repeti, passando um cinto preto pela minha calça;

-Eu queria ter te falado num outro dia: eu decidi concorrer para historiador da escola.

-Você o quê?! – exclamei, despencando na minha cama. Isso só podia ser um pesadelo.

-Eu sei que eu preciso ter algumas atividades extras no meu currículo, e eu acho que não sou popular o suficiente para ser eleito representante da turma. – começou Paul. -Mas eu gosto de escrever e sou ótimo para registrar coisas, então eu pensei que o cargo de historiador seria perfeito pra mim. Além do mais, não é um cargo com muita importância ou muita glória, mesmo. Quer dizer, eu provavelmente não vou ter nenhum concorrente.

Bem...

-Mas não pense que eu vou deixar você escapar de me ajudar – acrescentou Paul. -Eu poderia usar os seus talentos maravilhosos no discurso que eu vou fazer.

Eu engasguei.

-Paul...hmmm...na verdade, você vai ter uma certa concorrência.

-Quem? Você? – brincou ele.

-Não. Frank.

Silêncio.

-Ótimo – Paul falou finalmente. -Eu devia ter imaginado.

-Eu não posso ajudar vocês dois – falei lentamente.

-Bem, tenho certeza que ele irá entender – disse Paul. -Afinal, eu e você somos amigos a tanto tempo, e...

-Eu já prometi a Frank que o ajudaria – interrompi, sentindo o meu estômago revirar. - Eu não posso voltar atrás agora e dizer que irei ajudar você.

-O que você vê nele? – Paul perguntou. -Sinceramente, eu não entendo. Ou você vai me dizer que o jeito que ele agiu aquele dia foi legal?

-Certo, eu desisto. – falei irritada. -Você não entende. Você não entende que Frank é maduro. Ele se comporta de modo mais intelectual. E eu estou começando a agir assim também.

-Então, é um problema seu.

-Também acho – retruquei acidamente.

Paul soltou um suspiro.

-Eu estou muito triste pela campanha – falei. -Você sabe que eu faria isso por você se as coisas fossem diferentes.

-Eu sei – disse ele. -Não se preocupe. Apenas se divirta hoje e me liga amanhã.

-Ligo – hesitei. -E obrigada por...bem, por entender.

-Tchau, Erica.

-Tchau.

Ao desligar o telefone minha mão descansou sobre o corpo do Garfield por um instante. Estava me sentindo péssima por não ajudar Paul. Mas eu não podia fazer nada. Ele havia sido o segundo a me pedir ajuda.

E eu queria ajudar Frank. Queria impressioná-lo. Queria trabalhar junto dele em algo fora do *Postscript*. Eu gostaria de poder ajudar ambos, mas tinha dúvidas se eles

concordariam com isso. Afinal, eles estavam competindo.

Sentei na minha penteadeira e vasculhei na bolsa de maquiagem. Um pouco de rimel, um pouco de blush, um pouco de brilho nos lábios. Escovei o meu cabelo, depois pensei em prende – lo no alto da cabeça em um coque sofisticado. Mas me pareceu demais.

-Erica – chamou minha mãe, da sala. -Frank está aqui.

Agarrei o suéter azul e fitei o espelho. Não havia a menor possibilidade de que eu me passasse por uma caloura de faculdade. Eu seria a pessoa mais nova lá? Talvez eu devesse ficar em casa.

“Pare com isso”, disse a mim mesma. “Se você estivesse indo ver essa palestra com Paul, não estaria se preocupando desse jeito. Você se sente tão confortável ao lado de Frank como de Paul . A única diferença é que você sente uma coisa por Frank que nunca sentiu por Paul. É só por isso que você está nervosa.”

“É normal ficar nervosa desse jeito por alguém que você gosta não é? Não é assim que você deve se sentir?”.

-Concluindo – dizia monotonamente a professora Muzacz, olhando suas fichas com anotações - , -a decisão de como você irá expressar as suas opiniões em um meio jornalístico é digna de uma intensa consideração, uma vez que as conseqüências do que foi dito podem ter realmente uma grande projeção.

Ela finalmente saiu do púlpito, e a platéia aplaudiu, então eu comecei a bater palmas também. Frank estava radiante de admiração e aplaudia com bastante força.

-Ela não é incrível? – exclamou Frank, enquanto nos levantávamos e seguíamos os outros em direção a uma sala adjacente, onde salgadinhos e bebidas estavam sendo servidos. Nós éramos os únicos alunos do segundo grau lá, apesar de Frank passar facilmente por um universitário com suas calças pretas e seu suéter de lã.

-É, foi uma palestra surpreendente – repliquei, apesar de estar surpresa apenas com a capacidade da palestrante ser tão chata. Ela havia sido bastante seca durante toda a conferencia e tinha lido as anotações no cartão na maior parte do tempo. Mas Frank parecia estar ao impressionado que achei melhor esconder minha verdadeira opinião. Estava aliviada de ver toda aquela comida. Peguei um dos pequenos pratos de plástico e enchi de frutas frescas. Eu havia deixado de jantar, já que estava muito nervosa para comer antes do encontro, e no momento em que coloquei o primeiro morango em minha boca, percebi que estava faminta.

“Será que tem algum problema se eu comer um monte dessas coisas?”, pensei ao ver Frank colocando apenas dois pedaços de fruta e algumas torradinhas em seu prato. Provavelmente tinha, senão eles teriam colocado pratos maiores. Tentei não mostrar minha empolgação ao ver uma bandeja com todos os tipos de cookies possíveis.

-Eu quero que você conheça umas pessoas – sussurrou Frank, me guiando em direção a um grupo de adultos. “Pelo menos nós estávamos ficando mais perto dos cookies”, pensei, temerosa de ser apresentada aquelas pessoas com jeito de professores da faculdade.

-Professor Grasi – disse Frank, colocando sua mão sobre o ombro de um homem alto e careca.

-Frank London! – exclamou o homem. Então, ele virou – se para as pessoas que estava conversando. -Frank é um aluno do segundo grau que participou de um curso de férias de jornalismo aqui na faculdade comigo – explicou ele. -Ele escreveu uns artigos ótimos.

Tentei evitar de arregalar os olhos. Frank havia impressionado um professor de

faculdade? Uau.

-Bem, você sabe o que dizem – Frank sorriu, sem nem ao menos piscar ao receber um elogio que teria me reduzido a uma retardada completa. -Ter um professor que exige o melhor do aluno já é meio caminho andado.

O professor e o grupo que o acompanhavam sorriram.

-Então, quem é sua amiga? – perguntou ele a Frank, sorrindo pra mim.

“Por favor não fiquem vermelhas”, implorei as minhas bochechas, já sentindo um calor subindo pelo rosto.

-Esta é Erica Park – anunciou Frank,colocando os braços ao redor dos meus ombros e me puxando mais para o centro do grupo.

-Erica é minha nova co – editora no nosso jornal da escola – continuou ele. -Você deveria ler um dos seus artigos. Ela é incrivelmente talentosa.

“Bem, depois desse elogio era oficial, é impossível não ficar com as bochechas vermelhas.”

O professor Grasi levantou uma sobrancelha.

-Um elogio do Frank? Você deve escrever muito bem.

-Eu... eu espero que sim – gaguejei. “Que péssimo”, eu me repreendi.

-Então, gostaram da palestra da professora Muzacz? – o professor nos perguntou.

-Absolutamente fascinante – proclamou Frank. Enquanto ele expunha como as idéias da professora o ajudariam a compor um artigo que estava fazendo, minha atenção foi desviada para bandeja de cookies.

Dei uma escapulida, o que parecia não ter problema algum, uma vez que eu já tinha ouvido sobre o tal artigo. Na mesa de cookies, fiquei em dúvida entre o de chocolate e o de chocolate com gotas de chocolate. “Ai, que difícil!”, pensei pegando dois de cada e colocando em um guardanapo.

Quando retornei pro lado de Frank, toda feliz por estar mastigando, ele ainda falava sobre o artigo. Olhei ao redor e voltei a minha atenção para um casal que estava de pé num dos cantos da sala, um bem próximo ao outro. O rapaz estava tirando uma torrada com cobertura de queijo do seu prato e dando pra garota. Ela sorria e abria a boca de uma maneira sedutora. Depois, levou uma outra torrada em direção a boca da namorada, rindo dela.

Então esse tipo de coisa não se limitava as escolas de segundo grau? Muito interessante. Eles estavam claramente apaixonados ou se apaixonando. E pareciam estar se divertindo muito.

“É isso, divertiam – se debochando um do outro”, pensei. Não era por que eu estava começando a entender a razão dos casais se comportarem dessa maneira que isso deixava de ser idiota, certo?

Quer dizer, eu não conseguia imaginar Frank colocando uma torradinha cheia de queijo em minha boca nem mesmo em um momento de ultra intimidade.

Retornei minha atenção para ele. Frank estava rindo de algo que o professor falara. “Ele fica tão confortável entre essas pessoas”, notei, meu olhar se concentrando no cacho de cabelo loiro que pendia sobre sua testa. “Ele é tão seguro, confiante e esperto.Para não falar gostoso.”

-Foi um prazer te conhecer, Erica – disse, repentinamente, o professor, estendendo a mão em minha direção. Eu rapidamente engoli o pedaço de chocolate que tinha dentro da boca.

-O prazer foi meu – falei, apertando a mão dele. Enquanto Frank observava o grupo deles se afastar, sua expressão era de profunda admiração. Eu me dei conta que nunca o vira desse jeito antes. Esse era o seu meio.

-Como estão os cookies? – perguntou Frank.

-Muito bons – disse, engolindo.

-Estou surpreso que tenham servido cookies – falou Frank, levantando a mão para tirar algo que estava no canto da minha boca. -Um farelo – explicou com um sorriso. -Esse pessoal normalmente só come frutas, queijos e torradas.

Droga. Eu sabia que não devia ter ido atrás daqueles cookies. Frank era tão bom nesse tipo de situação. Ele sabia como agir, o que falar, quando rir, quando ouvir. Eu me sentia como uma criança.

-Então, por que não vamos? – sugeriu ele. -Nós podemos voltar andando pelo parque. Concordei com a cabeça. Atravessamos o corredor e saímos pela porta da frente.

-Olha aquilo! Mais parece um monte de monstros dançando! – exclamei, assustadas com as formas esquisitas que as sombras projetadas pelos galhos de um grande carvalho faziam sobre o gramado. Paul adorava quando as coisas formavam silhuetas engraçadas. Ele poderia ficar a vida toda admirando nuvens, árvores e sombras de pessoas.

-Você é uma gracinha, Erica – falou Frank.

Mais uma vez eu me senti como uma criança. Cookies, monstros... talvez eu devesse convidar Frank para assistir um desenho animado lá em casa.

Na verdade, eu mesma não era tão madura e sofisticada quanto Frank. E o que aconteceria quando ele percebesse isso? Decidiria que não gostava mais de mim?

-Aquele professor parece gostar muito de você – falei, andando rápido pra poder acompanhar o passo de Frank.

-Eu adorei o curso dele. Você deveria fazer nas próximas férias. Tenho certeza que ele ficara impressionado de ter outro aluno que consegue construir uma frase.

-Mesmo? Eu? – sorri e mordi o meu lábio. Um curso de jornalismo na faculdade? Isso seria tão extraordinário. Especialmente se tivessem mais alguns alunos do segundo grau na sala, eu me dei conta. Mas por que um aluno do segundo grau faria um curso de férias na faculdade, afinal de contas?

Frank parecia não apreciar as pessoas em geral, mas parecia ter consideração por mim. Estranho. Há apenas duas semanas atrás, essa “exclusividade” teria me feito pular de felicidade. Mas por alguma razão não me sentia mais assim. Metade de mim amava ser respeitada por ele. Mas a outra metade não gostava de nunca ouvi – lo falar coisas legais sobre os outros.

De repente, ele parou.

-Estou tão feliz que você tenha vindo hoje a noite – falou suavemente, levantando a mão para tocar minha bochecha. -E eu quero muito ver você e os seus amigos amanhã no cinema.

Tum – tum – tum. Tum – tum – tum.

Os dedos deles passaram pela minha pele. Ele chegou mais perto.

E mais perto.

Ele iria me beijar?

Ele inclinou o seu rosto lindo perto do meu, e todos meus pensamentos desapareceram. Aquelas duas metades de mim que antes estava em conflito, repentinamente, fundiram – se, amando tudo que vinha do Frank.

Os lábios dele se encostaram nos meus e eu fechei os olhos. Quando ele se afastou, eu tropecei levemente pra trás, tonta, perplexa.

Quando abri os olhos, Frank estava sorrindo docemente pra mim.

-Que gracinha – disse ele. -Você agiu como se fosse seu primeiro beijo.

“Gracinha.”

“Ótimo. Agora ele acha que eu nunca beijei antes.”

Será que algum dia eu me sentiria suficientemente preparada para ele?

Ele voltou a caminhar e eu me apressei para acompanhá-lo. Esperei que ele segurasse

minha mão, mas as mãos dele não saíam de dentro do meu bolso.
Eu acho que estava certa sobre Frank London. Mesmo em um momento de intimidade, ele não era um cara de DPAs.
E não era exatamente um cara assim que eu sempre quis?

SEIS

-Que gracinha – comentou Frank, quando Paul e Katie sentam – se no mesmo lado da mesa da lanchonete T – Boné.

Frank e eu não tínhamos outra saída senão nos acomodarmos um do lado do outro. Até era romântico, mas a situação não estava nada confortável.

Paul me lançou um olhar que eu ignorei. De repente, fiquei muito interessada nas pequenas letras do cardápio.

Essa coisa de sentar um do lado do outro era mais um exemplo do comportamento bizarro de casais para o meu artigo, que, alias, não havia começado a escrever.

Por que eu não estava me deliciando em escrever todas essas besteiras de casal? Por exemplo, a maneira como Paul havia dado pipoca para Kate durante toda a sessão de Intimo e Pessoal. A maneira com a qual ela apoiou a cabeça no ombro dele. A maneira com que ele não largou a mão dela desde que saímos do cinema e entramos no restaurante.

-Você já esteve aqui antes, não é? - perguntei a Frank.

O T – Boné era um grande ponto de encontro da escola Emerson, mas eu não conseguia me lembrar de te – lo visto em nenhuma das vezes em que fui me empanturrar com meus amigos.

-Lanchonetes não fazem muito o meu gênero – disse Frank pegando um dos cardápios gigantes. -Prefiro restaurantes. Mas eu sei que lanchonetes fazem muito sucesso com alunos do segundo grau. É uma gracinha, na verdade.

Kate e Paul trocaram olhares. O sorriso forçado na cara de Paul não iria durar por muito tempo. Eu o conhecia bem.

-Frank me levou para um restaurante italiano superelegante no fim de semana passado. – contei.

Eu senti que precisava explicar, faze – los entender que o gosto dele era apenas mais refinado que o nosso. Havia algo de tão terrível nisso? Por que eles não conseguiam enxergar o quanto Frank era maduro?

Katie balançou a cabeça, e Paul começou a estudar o cardápio. Frank examinava o cardápio com a mesma concentração adorável que surgia sempre que lia algo.

De repente, a lembrança do beijo surgiu na minha mente. Ou melhor, dos beijos. Na noite anterior, ele tinha me acompanhado até em casa e me beijado novamente antes de nos despedirmos. Só que nessa segunda vez eu tentei agir como se aquele beijo não fosse algo muito extraordinário.

Mas foi.

Este era o nosso terceiro encontro oficial. Frank estava definitivamente a caminho de se tornar o meu namorado.

-Então, Frank, o que achou de Intimo e Pessoal? – perguntou Paul ao fechar o cardápio. Lancei um olhar de advertência a Paul, conhecendo o tom de rivalidade em sua voz.

Frank suspirou, fechando o cardápio e retirando o cabelo da frente do rosto.

-Foi ok. Pra esse tipo de filme.

Kate franziu o nariz.

-O que você quer dizer com isso? – perguntou ela.

“Era impressão minha ou ela e Paul se ajeitaram para ficar bem mais grudados?”, notei.

-Bem, você não pode esperar que a versão de Hollywood para o jornalismo seja muito acurada, certo?

-Mas o enredo era decente. – cortou Paul, colocou os seus cotovelos sobre a mesa e inclinando – se para a frente.

Frank deu uma risada.

-Totalmente batido – ele balançou a cabeça. -Nada como a boa e velha história sobre a garota do interior que quer vencer na vida. Ela vai para a cidade grande, encontra o homem dos seus sonhos, e nas horas vagas, torna – se a maior jornalista da América. Eu soltei uma risadinha e sorri para Frank. Então reparei o mau humor no rosto de Paul.

-Ah, vai – argumentei. -Até mesmo você tem que admitir que aquele filme tinha um sentimentalismo acima da média.

Paul fitou os meus olhos e mentalmente, eu aleguei que ele deveria desistir daquela discussão.

-Então todos já sabem o que vão pedir? - perguntou ele.

Suspirei mexendo em meu garfo. Agora Frank e Paul tinham ainda menos tolerância um com o outro.

-Ei, crianças, o que querem?

Paul sorriu para mim. Nossa garçonete favorita estava com o lápis sobre o seu bloco de papel.

Maxi usava toneladas de maquiagem e roupas bem extravagantes. Paul e eu a amávamos. Frank levantou a cabeça para olha – lá, deu umas duas piscadas, então virou – se para mim, sorrindo e revirando os olhos.

-Cheeseburger e um milk shake de chocolate – disse Paul.

-O mesmo, mas com milk shake de baunilha. – pedi.

Katie deu uma risadinha.

-O mesmo, mas com milk shake de chocolate e queijo nas batatas fritas também.

Frank fechou bruscamente o seu cardápio.

-O prato light de frutas e um chá gelado – ele abaixou sua voz. -Vocês deviam ficar longe da carne vermelha e do queijo. É como assinar uma sentença de morte.

-Eu vou me lembrar disso – Paul falou secamente. Ele virou – se para Maxi. -E faz mal passado, por favor.

-Ê pra já, crianças – disse Maxi, escrevendo o pedido com empolgação.

Depois disso, Paul e Katie começaram a ter sua conversa particular, então Frank e eu começamos a discutir sobre a palestra da professora. Era como se nós fôssemos dois casais separados que não se conheciam e estavam sendo forçados a dividir uma mesa.

-Aqui está, crianças – anunciou Maxi, colocando três milk shakes de chocolate e o chá gelado do Frank sobre a mesa. Eu olhei para a taça na minha frente, então me virei para Paul. Ele hesitou, como se estivesse esperando que Frank notasse que a garçonete havia errado o meu pedido. Todos que me conheciam sabiam que eu amava milk shake de baunilha. E que eu não me sentia a vontade para falar com garçonetes.

Frank tomou um grande gole do seu chá gelado.

-Maxi? – Paul chamou assim que ela foi saindo.

Ela virou – se.

-O que foi, querido?

-Ah, você sabe o quanto a senhorita Park gosta de milk shake de baunilha, Maxi. – disse Paul. -O chocolatra aqui sou eu.

Ela sorriu para mim e empurrou a taça que estava na minha frente para o lado de Paul.

-Então você vai beber esse aqui também, por minha conta. – falou ela. -Eu já volto com o seu milk shake Erica.

-Ela poderia ter se desculpado. – comentou Frank. -Ela já pode desistir de receber uma

boa gorjeta.

-Maxi é uma ótima garçonete. – disse Paul pegando o seu milk shake, ele parecia chateado.

-Ela é uma amiga nossa. – acrescentei, rapidamente. Eu sabia que Frank só estava querendo me defender. Paul não conseguia perceber isso?

Frank revirou os olhos.

-Deixa pra lá. De qualquer modo, Paul, você tem trabalhado no seu discurso para o debate de historiador da escola?

-Humm – replicou Paul. -Eu já fiz um bom primeiro rascunho. Tenho mexido nele de vez em quando.

-Certo. – disse Frank. -Eu escrevi o meu ontem, entre as aulas.

-olha, eu tenho que te cumprimentar por isso – falou Paul. Lancei um olhar nervoso pra ele. -Deve ser duro fazer um texto satisfatório quando se escreve apenas durante intervalos – ele sorriu inocentemente.

Frank franziu a testa.

-Não se você for um escritor.

Eu dei um suspiro, desistindo oficialmente da esperança de que Paul e Frank pudessem se dar bem.

Ficamos todos aliviados quando os nossos pratos foram servidos. Afinal, não precisávamos mais conversar. Podíamos nos ocupar estufando a barriga.

Ainda me surpreendia que Paul e Katie continuavam aninhados, gurdados um ao outro, mesmo quando comiam cheeseburger e batat fritas. Enquanto isso, entre eu e Frank havia espaço para uma pessoa inteira se sentar. Isso significava algo também? Talvez, no final de contas, ele não gostasse mesmo de mim.

“Não se esqueça daquele beijo incrível e de todas as coisas legais que ele tem falado pra você. É lógico que ele gosta de você. DPAs não fazem o gênero dele, só isso. E não faziam o seu gênero também. Até que você se juntou a Frank.”

Finalmente acabamos de comer, e quando Maxi deixou a conta sobre a mesa, nos precipitamos sobre ela como se fosse a chave para sairmos de alguma prisão.

-Por que eu não coloco isso no meu cartão e vocês me dão o dinheiro? – sugeri Frank, levantando – se para pegar a carteira de dentro do bolso de trás da sua calça.

Os queixos de Paul e Katie caíram, quase do mesmo modo que o meu caiu no La Dolce Vita. Então eles trocaram mais um daqueles olhares “qual é a dele?”, provavelmente o milonésimo da noite. Tudo bem era estranho que um cara da nossa idade tivesse um cartão de crédito, mas eles precisavam ser tão duros com Frank?

-Esse lugar não aceita cartões de crédito – falou Paul, com um tom de triunfo na voz.

Frank ficou pálido, e olhou para mim, com sua boca encolhida.

-Ah...

-De qualquer modo, eu te devo um dinheiro mesmo. – falei de sobressalto, imaginando que não havia nada na carteira de Frank, além de plástico. Eu não ia deixar Paul pensar que Frank estava me deixando mal por eu ter que pagar pra ele.

-Espera um minuto – disse, abrindo a minha bolsa e procurando minha carteira da Hello Kitty, que também tinha sido outro presente do Paul. -Aqui – falei colocando o dinheiro sobre a mesa.

Eu me recusava a olhar para Paul.

Nos contamos a quantia certa e Paul colocou o suficiente para pagar a parte dele e a parte da Katie, então Frank recolheu tudo e caminhou para a caixa registradora.

-Eu vou ao banheiro – disse Katie, levantando e largando a mão de Paul.

Assim que ficamos sozinhos, eu me virei para Paul com uma expressão furiosa.

-Qual é o seu problema? – explodi. -Por que você está sendo tão idiota?
-Eu? – exclamou Paul, com seus olhos arregalados. -E o seu namorado?
-Primeiro de tudo ele não é meu namorado – falei. -Ainda. Mas espero que isso mude.
Por que não pode dar uma chance a ele? Eu estou tentando ser legal com a Katie, certo?
-Isso não é difícil – retrucou Paul.
-Bem, eu não fiz nenhum comentário sarcástico apesar de você e Katie terem ficado praticamente colados um ao outro durante todo tempo! – percebi que estava quase gritando e abaixei minha voz. -Por que você não consegue ficar feliz por mim?
-Eu só... – deu uma pausa, olhou na direção de Frank, depois para mim. -Eu só acho que ele não é o cara certo pra você. Mas... eu não sei, quer dizer... Talvez eu ache que ninguém possa ser, entende?
Preguei os olhos nele, chocada. Por que aquilo tinha sido a coisa mais confortante que eu ouvira toda a noite? Eu estava aliviada por perceber que ele ainda alimentava sentimentos especiais em relação a mim.
Mas por quê?
Ele era o mesmo velho Paul de sempre. Meu melhor amigo. O cara que eu conhecia, melhor do que qualquer pessoa. O cara que me conhecia melhor do que qualquer pessoa. O cara com que eu nunca teria que ficar nervosa.
-Olha, esqueça isso - disse ele. -Eu apenas nunca serei um grande fã de Frank, ok? Mas eu prometo que eu vou tentar lidar com ele na medida que ele te fizer feliz.
Eu sorri.
-Obrigada. E eu prometo que não vou revirar os olhos sempre que vir você e Katie se contorcendo como duas lombrigas.
-Mas isso... você tá realmente incomodada com esse nosso lance? – perguntou, enquanto um intenso e estranho brilho surgiu em seu olhar. -Ou todas as DPAs te incomodam do mesmo jeito? Eu pensei que você havia mudado sua opinião agora que está apaixonada. Mas pelo jeito que as coisas são entre vocês dois, eu acho que não. Foi como se eu tivesse sido atingida por um caminhão ou algo parecido. Paul havia me perguntado tantas coisas de uma vez só, que eu nem sabia as respostas.
-Ei, desculpa por ter demorado tanto! – ergui a cabeça e vi Katie em pé ao lado da nossa mesa. Ela sorria para Paul, mas havia algo em seus olhos que fazia o sorriso parecer forçado.
Paul levantou, envolveu – a com o braço e puxou – a para perto de si.
Frank voltou do caixa.
-Bem, acho que já podemos ir.
Todos sorrimos aliviados.

Deixei meu corpo cair pesadamente na cama e me cobri com o edredom. Um caderno repousava sobre a minha barriga. Eu tinha que começar a escrever o meu artigo sobre o dia dos namorados. Mas não conseguia me concentrar, não conseguia entender com todas aquelas opiniões fortes que eu tinha.
O mais assustador é que eu havia começado a sonhar com o que eu ganharia de Frank no dia dos namorados.
Naquela noite, depois que nós saímos da lanchonete, Paul e Katie viraram para a esquerda; Frank e eu viramos para a direita. Ele me acompanhou até em casa e nossa conversa se concentrou no filme em que havíamos assistido – que, por sinal, Frank havia odiado. Mas ele não falou nada negativo sobre o encontro em si, o que eu achei super legal da parte dele.

Meus dedos começaram a formigar com a lembrança do beijo. Nós havíamos ficado em pé diante da minha casa, nos olhando fixadamente. Então, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ele pegou meu queixo com a mão e inclinou – se lentamente, encostando suavemente seus lábios nos meus.

Senti meu corpo inteiro amolecer. Seus braços me envolveram enquanto ele me beijava mais intensamente...

Garfield miou, me retirando de minhas memórias. Eu pulei da cama para agarrar o telefone, esperando a voz grave de Frank a me desejar bons sonhos.

-Ei.

-Oi, Paul.

-Escute, eu estou realmente arrependido por hoje a noite.

-Tudo bem. – falei distraidamente. -Eu acho que você e Frank não foram feitos para serem grandes amigos mesmo.

-Você está bem?

-To ótima – falei, quase piando. Paul me conhecia bem o bastante para saber que toda vez que eu soava como um passarinho era por que não estava bem de fato.

-Ah, que bom. Bem, de qualquer modo, me fala o que você achou da Katie. Eu queria muito ouvir sua opinião.

Isso era estranho. Ele nem havia percebido a minha voz de periquito?

-Ela parece ser bem legal – disse, bem sincera. -Mas eu não conversei muito com ela.

-Quer sair com a gente amanhã a tarde? – perguntou ele. Você pode aproveitar para conhece – lá melhor. Acho que vocês iriam se dar bem.

Eles se viam em dois dias seguidos? Era sério mesmo.

-Amanhã? – hesitei. Eu tinha planejado ajudar Frank em sua campanha durante a tarde, mas não queria mencionar isso a Paul. -A que horas?

-Por volta das duas. Eu vou levar Katie ao Bowl – a Rama.

Dei uma piscada.

-Ah – tentei falar algo. De algum modo aquilo soou estranho, Paul levando Katie ao nosso ponto de encontro. -A Katie gosta de jogar boliche? – perguntei. Fiquei imaginando se Frank já teria alguma vez jogado boliche. Até então, nós não havíamos conversado sobre nada a não ser jornalismo.

-Ah, na verdade, não – ele deu uma pausa. -Quer dizer, ela nunca jogou boliche, é isso. Mas eu imaginei que nós pudéssemos ficar na sala de fliperamas.

Eu soltei uma gargalhada.

-E você quer que eu te dê uma “surra” na frente de Katie?

-Perdão? Eu sou o campeão reinante dessa amizade, Erica, e... – fez um clique no telefone. -Ah, espera um minuto.

Esperei enquanto Paul respondia a outra chamada.

-Ei, Erica? A Katie está na outra linha. Eu tenho que desligar.

-Ah, tudo bem – falei.

Mas eu estava chocada. Paul nunca havia desligado o telefone no meio de uma ligação comigo, por ninguém. “As coisas são diferentes agora”, lembrei a mim mesma. “E isto é bom”.

-Vejo você amanhã – continuou Paul. -Você pode me encontrar lá certo?

Mordi o lábio.

-Ah...certo.

-Ok, até lá.

Eu fitei o aparelho eletrônico.

Outra garota havia tomado o meu lugar na vida de Paul.

Transcrição da entrevista com Sharon Martell

Erica: Você tem alguma recordação especial do dia dos namorados?

Sharon: Infelizmente não. Eu nunca ganhei um presente no dia dos namorados. Bem, exceto um presente da minha mãe, mas isso não conta.

Erica: Mas você já namorou diversos garotos, por que o dia dos namorados é tão importante?

Sharon: Ah, vai é super difícil. Você tem que olhar todas as outras garotas com bombons, bichinhos de pelúcias e flores, e além disso os casais ficam ainda mais grudados. O pior é ver o cara que você está a fim entregando presentes para a namorada dele. Alex terminou comigo em janeiro do ano passado, aí, um tempo depois, no dia dos namorados, eu entrei na aula de inglês e lá estava a nova namorada dele com um buquê enorme que ele havia dado. Foi muito doloroso.

Erica: Tudo bem, então talvez nos devemos focar no futuro. Quais são os seus planos para o próximo dia dos namorados?

Sharon: Eu tenho que encontrar um par para o baile, aí eu não vou me sentir uma perdedora completa. Mas, acredite em mim, a coisa mais difícil desse dia é ver o cara que você gosta com outra garota.

SETE

Paul estava debruçado sobre uma máquina de fliperama, e Katie estava em pé ao lado dele, sorrindo. A calça creme e o suéter de tricô preto que ela usava a deixavam com uma aparência muito delicada para o local. Dei uma espiada na minha roupa, calça jeans e camiseta azul-marinho de mangas compridas, e me senti um tanto mal vestida ao lado dela.

– Oi, pessoal.

– Espera só um... – resmungou Paul, apertando os botões para manter aquela pequena bola de metal em movimento. – Arrgh. Detonei! É, bem, de qualquer modo a Katie não é muito ligada em fliperama.

– Isso me deixa com dor de cabeça – admitiu ela.

– Agora que você chegou, nós podemos jogar Super Pinball – disse Paul.

Eu percebi um certo nervosismo nos olhos de Katie.

– Não é tão difícil assim – eu lhe disse, enquanto seguíamos Paul em direção aos fundos da sala de jogos.

Ela sorriu agradecida e chegou um pouco mais perto de mim.

– Eu nunca havia vindo num lugar como esse antes – sussurrou ela – O que você já deve ter reparado. O Lee me preveniu para tomar cuidado com o lugar onde eu vou me sentar com essa calça.

Paul tinha apresentado a Katie ao Lee? Eu senti uma outra pontada daquela dor estranha. Lee era meu amigo, meu e de Paul, e ele já estava dando conselhos a Katie de como evitar uma conta na lavanderia?

“Pare de bobear”, eu me repreendi. Lee conversava com diversas pessoas além de Paul e eu. Então, qual o problema se Katie era uma delas agora?

– Chegamos – falou Paul, tomando a mão de Katie. – Ta vendo? Parece com uma pequena pista de boliche, não é? – ela concordou com a cabeça. – A diferença é que você não vai ficar tentando derrubar nada, apenas deixar as bolas caírem naqueles buracos com o maior número de pontos. Entendeu?

Ela balançou a cabeça, olhando tensa para mim. Será que ela estava com medo de bancar a idiota na frente de Paul? “Ela realmente deve gostar muito, muito dele”, pensei.

– Vamos fazer um jogo-teste juntos – sugeriu Paul. Ele enfiou uma ficha na máquina, então ficou de pé atrás de Katie e segurou o seu braço, guiando-a para balançar a bola. Eu balançava o corpo para frente e para trás sobre os meus pés, mordendo os lábios, enquanto observava o modo gentil como Paul segurava o braço de Katie e a ensinava as etapas do jogo.

Ele era tão amável. Tão paciente. Tão carinhoso.

Tão bonito.

“Espere aí. De onde veio esse pensamento?”

Sim, Paul era bonito. Mas ele sempre havia sido bonito, era apenas mais um fato. Então, por que eu estava percebendo isso de um modo diferente agora?

“É só porque ele está aqui com Katie e você está observando a maneira como ele olha pra ela. Isso faz sentido.”

Fiquei pensando como seria estar ali com Frank, mas não conseguia imaginar nós dois trocando carinhos como Paul e Katie.

Finalmente Katie pegou o jeito do jogo, e eu fui para a máquina ao lado de Paul.

Durante os primeiros minutos Paul continuou fazendo pausas para ajudá-la, mas logo ele ficou envolvido pelo jogo e nós começamos a nossa disputa habitual.

– Olha isso! – eu cutuquei o ombro de Paul e marquei 520 pontos no meu placar.

– Como você fez isso? – ele perguntou surpreso.

– Fiz quinhentos! – anunciei orgulhosa.

– Ok, agora você está em maus lençóis por causa disso – falou Paul, sorrindo pra mim.

– Eu vou dar um tempo – Interrompeu Katie. – Tem um garoto lá esperando por essa máquina, e eu to com um pouco de sede mesmo.

Paul olhou para mim e, em seguida, para Katie.

– Ah, tudo bem – falou ele. – Você quer que a gente te acompanhe?

– Não – ela assegurou a ele. – Eu volto já. Só vou pegar um refrigerante.

– Tudo bem – Paul olhou aliviado. Ele a beijou na bochecha e ela foi embora.

Paul e eu reassumimos o jogo e, pouco tempo depois, nós já estávamos rindo e fazendo piadas.

– Droga, acabaram minhas fichas – falei.

Ele enfiou a mão no bolso e retirou duas fichas, colocando-as em uma das máquinas.

– São as minhas últimas – falou. – Vamos rachar.

Eu sorri. Pelo menos algumas tradições continuavam sendo só nossas, como jogar o último jogo juntos. Nós ficávamos nos revezando na mesma máquina, assistindo às jogadas um do outro.

– Empatamos! – anunciei.

– Uau! Nós dois somos muito bons! – Paul me deu um grande abraço, e colocou meus braços ao redor do seu pescoço, sorrindo. Então ele começou a me girar, tirando os meus pés do chão. Nós rimos tanto que quase caímos. Mas então, subitamente, ele me colocou no chão e deu um passo para trás.

Eu me virei, e lá estava Katie, nos observando com uma expressão de “vou-começar-a-chorar”. Paul andou em sua direção, mas ela correu para a lanchonete.

– Deixe que eu converso com ela – falei para Paul. – Posso explicar isso. Ele assentiu com um movimento de cabeça, e eu fui atrás dela. Ela estava sentada em um banco da lanchonete, rasgando um guardanapo. Parecia que ia começar a chorar a qualquer momento.

– Katie, – falei suavemente, sentando-me ao lado dela – eu sei que deve ter parecido estranho, mas...

– Erica, – interrompeu ela – eu sei que vocês dois são apenas amigos. Paul já me falou isso – a expressão do rosto dela estava definitivamente na zona de perigo, mudando do vermelho para as lágrimas. – Mas o jeito como ele fala de você, e o modo como vocês ficam juntos...

Eu balancei a cabeça.

– Nós nos conhecemos desde que brincar em montes de lama era a coisa mais importante na vida. – expliquei. – Então, nós apenas... quer dizer, nós temos essa maneira natural de nos comunicarmos, como se estivéssemos um na mente do outro às vezes. E é por isso que eu sei que ele está totalmente maluco por você.

Ela virou-se pra me ver.

– Mesmo? – perguntou.

– Sim, mesmo. Você deveria ver o modo como ele se empolga ao falar de você. Katie, você tem feito ele tão feliz... – eu emperrei. Talvez toda aquela conversa melosa estivesse afetando o meu cérebro. – Não há nada com que você tenha que se preocupar, acredite em mim.

”É, porque Paul adquiriu esse novo hábito de me dispensar – que havia acabado de acontecer literalmente – sempre que você liga ou aparece.”

– Eu vou lá pedir desculpas – disse Katie. – Obrigada, Erica. Eu to me sentindo uma idiota.

– Sem problemas – garanti a ela.

Mas por que, de repente, eu senti como se também precisasse ser confortada?

Ela saltou do banco.

– Você não vem?

– Ah, acho que não – respondi. – Eu tenho que encontrar o Frank daqui a pouco. Dê “tchau” pro Paul por mim, ta bem?

Ela concordou com a cabeça.

– Obrigada novamente.

Ainda que eu estivesse indo encontrar Frank, me senti deprimida ao sair do Bowl-a-Rama. Paul havia trazido Katie para o nosso ponto de encontro, para o nosso mundo, e ela nem mesmo gostava daquele lugar. Como alguém podia não amar fliperama e boliche?

E mais importante, como Paul podia amar uma garota que não amava todas essas coisas?

Aaaa... tchim! Ugh. Como era embaraçoso espirrar – um grande, barulhento e horrível espirro – na frente do Frank! Aaaaaa... tchimm!

Ele continuava a digitar em seu *laptop*. Estávamos em seu quarto, que era imaculado de tão arrumado. A única exceção era a bagunça que eu havia feito com cartolina, giz de cera, cola e purpurina sobre o carpete ao lado da cama dele. Ou a mãe dele era uma exímia faxineira ou Frank era muito, muito, muito organizado.

Era tão legal estar na casa dele, no quarto dele. Eu pensei que poderia conhecer um pouco mais sobre ele, vendo os pôsteres nas paredes ou as coisas favoritas que ele mantinha ao redor, mas só havia coisas comuns de se encontrar num quarto e alguns poucos livros sobre jornalismo.

– Aaaa... Tchimm!

– Posso pegar um lenço? – perguntei a ele.

Sem respostas.

– Frank? Um lenço? – repeti.

Ele agarrou a caixa e a passou pra mim sem nem virar a cabeça.

– Obrigada – retirei alguns poucos lenços, extremamente atenta à quantidade de barulho que fazia para assoar o nariz. Isso era tão embaraçoso! E tão idiota. Quer dizer, eu até poderia imaginar a Linda ficando preocupada por soltar espirros barulhentos diante de um namorado. Mas eu? Paul teria rido da minha cara se pudesse ler meus pensamentos nesse momento. Eu já devia ter espirrado um milhão de vezes na frente dele durante esses nove anos, sem uma ponta de constrangimento.

Era justamente esse tipo de coisa que eu pretendia ridicularizar em meu artigo anti-Dia dos Namorados. Tenho certeza de que Linda e mais zilhães de outras garotas saíam correndo do baile em estado de pânico se comesçassem a espirrar dessa maneira na presença de seus pretendentes. E eu achava isso a coisa mais estúpida do mundo.

Antes de conhecer Frank.

Eu só esperava não ter pego uma gripe. Faltavam apenas seis dias para o Dia dos Namorados.

Coloquei minha atenção de volta no cartaz da campanha que estava fazendo. Eu não era uma grande artista – cola, papel e purpurina estavam espalhados por toda parte. A única técnica que eu dominava era o giz de cera.

– Então, como vai indo a edição do seu discurso? – perguntei para as costas dele.

– Ah-hã – respondeu ele.

Suspirei. Quando Frank me convidara para ajudar em sua campanha, a última coisa que eu imaginara era ficar sentada no chão de seu quarto com manchas brilhantes grudadas no dedão. Eu havia me imaginado trabalhando em seu discurso, usando o cérebro em vez das minhas mãos claramente ineficazes.

“Como se Frank London necessitasse de alguém para ajudá-lo a escrever. Isso seria como se Salvador Dalí pedisse a alguém... bem, como eu para ajudá-lo a pintar.” Se bem que eu acho que poderíamos dizer que meus cartazes estavam saindo com um certo toque surrealista.

Repentinamente, Frank inclinou sua cadeira para trás e deu um giro.

– Tenho que dar um telefonema – disse ele. – Pode dar uma revisada nisso pra mim? – ele apontou a tela do *laptop*.

Meu coração pulou. Ele queria mesmo os meus conselhos. Eu me levantei, arrancando vários instrumentos de arte em cima de mim e colocando nas toalhas de papel que cobriam o tapete. Ele abaixou o olhar para aquele pequeno desastre e franziu o nariz.

– O que você fez? – perguntou ele com uma voz horrorizada.

Minhas bochechas queimaram.

– Eu, ah, é um tipo de trabalho em processo – falei, sem convencer muito. – Quer dizer, são alguns trabalhos em... processo.

Frank encolheu os ombros.

– Deixa pra lá. Eu já volto, ok?

Eu apertava mecanicamente as teclas e o corretor ortográfico do computador fazia o seu trabalho. Na verdade, eu me senti bem pouco importante enquanto pedia ao computador para substituir ou ignorar todas aquelas palavras absurdas do vocabulário do Frank. Será que alguém da nossa sala conseguiria entender uma palavra do que ele estava falando?

Eu já havia terminado quando Frank retornou, e fiquei pensando se deveria mencionar alguma coisa sobre a escolha das palavras. Eu não queria que ele pensasse que eu não conseguia entender o discurso.

Ainda que eu já estivesse bastante certa de que Frank gostava de mim, ainda ficava preocupada em fazer algo que demonstrasse que eu não estava no mesmo nível que ele. -Obrigado – disse ele, parando atrás de mim, esfregando os meus ombros. Ele abaixou sua cabeça para perto da minha orelha. -Eu realmente fico feliz com toda sua ajuda. Tudo bem, falar alguma coisa naquele momento era definitivamente impossível com toda aquela purpurina brilhando pelo meu corpo.

E naquele exato momento, eu espirrei. “Ótimo. Logo quando ele está me tocando. Muito romântico, Erica!”

-Ah, Frank. Pode me passar aquela caixa de lenços novamente? – pedi.

Ele alcançou a caixa e a entregou a mim, então se sentou na beirada de sua cama, fitando o meu rosto. Eu assoei rapidamente o nariz de novo.

-Passei o olho pelo seu discurso enquanto estava usando o corretor.

-Bastante bom, não é? – ele me olhava como se minha opinião fosse importante.

-Estava ótimo, é obvio – comecei. Frank concordou com a cabeça. -Mas eu realmente acho que você deve suavizar um pouco a linguagem.

Ele franziu a testa.

Imediatamente eu me arrependi de ter dito alguma coisa. Agora Frank pensaria que por trás daquela máquina de espirros existia uma completa idiota.

-Bem.. acho que você está certa – reconheceu ele. Eu soltei a respiração aliviada. -Eu esqueci que os Qis dos nossos colegas não correm o perigo de chegar aos três dígitos. Eu mordi o lábio. Aquilo tinha sido grosseiro.

-Bem, não foi isso que eu quis dizer – falei cuidadosamente. -Não é por que as pessoas são idiotas ou não entendem o seu discurso. Mas nem todo mundo está preocupado com todos esses detalhes. E bem, acho que você prefere expor suas idéias de um modo que interessem a eles... e não fazer com que precisem olhar o dicionário mais próximo, não é?

Frank concordou, balançando a cabeça.

-Essa foi uma boa sugestão. É engraçado, você falou exatamente como o Doug. Ele sempre diz que eu tenho que simplificar meus textos – falou Frank, me olhando profundamente. -Eu tenho tanta sorte de ter você ao meu lado.

A intensidade do olhar dele estava ficando quase exagerada; eu desviei o rosto e, em seguida voltei a encara – lo. Eu o havia realmente impressionado a falar as mesmas coisas que o Sr. Serson.

“Eu tenho sorte”, pensei, enquanto ele dava um passo para frente e me beijava, retirando um punhado de purpurina do meu cabelo. “Eu sou uma garota sortuda. Sortuda e com problemas artísticos.”

Aaaaa...tchimmmm!

OITO

-Isso é uma droga – declarei ao desligar a televisão. Eu havia passado todo o meu dia assistindo a programa de entrevistas e novelas, não agüentava mais.

“É claro que eu precisava ficar doente exatamente no dia em que tanto Charlie quanto Ellen tinham atividades depois da escola”, pensei, me sentindo uma miserável. Naquela hora eu poderia estar jogando vídeo game com meu irmãozinho. Ao menos haveria algum tipo de contato tridimensional.

Eu estiquei o braço para pegar um lenço de papel da caixa que já estava quase vazia quando o telefone tocou. Pulei do sofá e corri da cozinha para atender – lo.

-Alom? – tentei falar. “Nariz entupido incomoda tanto.”

-Oi, Erica?

“Frank”

Obviamente ele tinha percebido que eu não tinha ido a escola e estava me ligando pra saber como eu estava me sentindo! Como era carinhoso!

-Você está resfriada? – perguntou ele.

-To. Eu acordei hoje de manhã e mal conseguia respirar – respondi ao deixar o corpo cair sobre uma das cadeiras da cozinha, apoiando os meus cotovelos sobre a mesa.

-È mesmo. Você estava espirrando um monte ontem – disse ele. -Como está se sentindo agora?

-Um pouco melhor, eu acho – falei e assoei o meu nariz novamente.

-Que bom. Então, você acha que vai a escola amanhã?

Ele sentiu falta de mim de verdade! A dor do meu nariz vermelho de tanto ser assoado, já estava começando a desaparecer.

-Eu acho que sim – falei. -Mas meu resfriado está bem forte.

-ah...sabe, eu notei que precisava usar mais alguns cartazes pra minha campanha. Eu coleí aqueles que você terminou ontem, mas seu amigo Paul fez uns realmente profissionais. Então, se você for a escola amanhã e não estiver tão mal, talvez pudesse trabalhar em mais alguns cartazes durante a tarde.

Paul tinha cartazes profissionais para a campanha? Hã?

-E eu marquei uma reunião rápida do *Postscript* para hoje – continuou ele. -Dale saiu do jornal por causa de um motivo bobo, então eu repassei o artigo que ele estava escrevendo para você. Se você concordar, é claro. Poderia ser alguma coisa relacionada ao curso de música da escola.

-Ah...certo. Sem problemas. – falei, sem pensar. Por que ele estava falando comigo como se eu ainda fosse sua assistente em vez de sua co – editora? “Não é por culpa dele que você ficou doente e faltou a reunião”, disse a mim mesma.

Certamente Frank não tinha tempo de escrever o artigo, e ele confiava mais em mim do que em qualquer outra pessoa para fazer isso. O que era um elogio.

-Ótimo. – disse ele. -Isso será um grande favor. E como vai indo o seu trabalho sobre o Dia dos Namorados?

Na verdade, era um tanto duro me manter cínica agora que eu também fazia parte dos “cegos de amor”. Por isso eu ainda não havia marcado aquela entrevista com Paul e Katie. Era muito difícil assistir meu amigo fazendo todas aquelas coisas sentimentais e carinhosas que eu desejava que Frank fizesse.

Mas eu apostava qualquer coisa que a visão de Frank havia mudado também. Quer dizer, como poderia não ter mudado depois de todos aqueles beijos de perder o fôlego que havíamos dado? E qual o melhor modo de fazer – lo perceber isso senão entrevistando – o.

-Hum... Frank, eu gostaria muito de entrevista – lo para o meu artigo sobre o dia dos namorados.

-Se eu tiver tempo, é claro – disse ele. -Eu estou realmente ansioso para o baile no sábado a noite. Nós iremos colher um excelente material.

-Com certeza – retruquei, instantaneamente começando a sorrir com o pensamento do baile. “Um excelente material, para nos mostrar o quanto mudamos”. - Eu estou ansiosa por isso também – completei.

Eu tinha a sensação de que depois daquele baile eu e Frank nos tornaríamos um casal de verdade. De certa forma já éramos, mas não oficialmente. Eu não queria levantar nenhuma conversa sobre isso, por que sabia como Frank reagia em relação a rótulos. Mas se eu queria chamá-lo de meu namorado, talvez ele quisesse me chamar de sua namorada também.

“Frank London, meu namorado”

– Eu tenho que estudar para uma prova – continuou Frank. – Até amanhã.
– Até amanhã – repeti, consciente do sorriso sonhador no meu rosto.
A campainha soou no exato momento em que desliguei o telefone.
Espiei através da cortina que cobria a janela de vidro da porta: Paul.
Ele não se importaria com a minha aparência de desastre completo, certo? Claro que não! Ele já havia me visto pior do que isso inúmeras vezes. Dei uma conferida no visual pelo espelho ao lado da porta. Eu estava péssima, mas não havia nada a fazer em relação a isso.
“É só o Paul”, falei a mim mesma. “Qual o problema?” Talvez fosse porta Katie estivesse sempre bonita e arrumada.
Abri a porta. Paul sorriu para mim.
– Eu trouxe um kit completo de saúde para você – anunciou ele, levantando a enorme sacola de compras que carregava. Paul me seguiu até a sala e afundou no sofá, colocando a sacola sobre a mesa de centro. Ele olhou o meu rosto bem de perto. De repente, eu desejei não estar tão feia.
– Parece que seus olhos estão bem – disse ele. – Então, provavelmente não há febre, certo?
Eu balancei a cabeça, rindo do diagnóstico amador dele.
– O único problema é o meu nariz, que está me deixando maluca! – expliquei, sentando-me ao lado dele no sofá. Paul enfiou sua mão dentro da sacola e retirou uma caixa de lenços de papel e uma lata de sopa de galinha.
– Isso deve ajudar – falou, colocando tudo sobre a mesa. – E os lenços têm aquela coisa hidratante que não deixa o nariz ficar machucado.
Ri, maravilhada de como os presentes dele eram perfeitos.
– Paul, muitíssimo obrigada! Isso é exatamente o que eu preciso.
– Bem, você provavelmente não precisa disso – falou, puxando um maço de folhas de papel deixando-o cair entre nós dois. – Eu pedi aos seus professores que me passassem as suas tarefas de casa, pois eu sei que você odeia ficar atrasada. Mas antes que você se preocupe, tem um pouco de diversão também.
Então, ele sacou um vídeo: *Grease, nos tempos da brilhantina*, um dos meus filmes favoritos.
– Que máximo! – exclamei. – Tem pipoca na sua sacolinha de delícias também? – perguntei ansiosa.
– Sinto muito – Paul balançou a cabeça, seus olhos piscando – , mas pipoca não é bom para você.
Eu grunhi.
– Ah, vai doutor, é só um resfriadinho.
Ele colocou a mão na minha testa para checar a minha temperatura.
– É mais do que isso, minha doente.
Eu empurrei a mão dele para longe, mas por causa do remédio para gripe que havia tomado e do movimento brusco, eu cambaleei para frente sobre ele. Ele levantou as mãos para me parar, segurando meus braços. Nossos rostos ficaram a apenas alguns centímetros de distância, e nos olhamos, sem falar nada, sem rir, sem nem sorrir. Eu tive um estranho impulso de acariciar aquele tufo de cabelo que saía de sua nuca. Um estranho impulso...
Tum-tum-tum. Tum-tum-tum.
“Ahn? O que está acontecendo aqui? Este é o Paul. Meu melhor amigo.”
Eu engoli a seco e me movi um pouco para trás.
– Desculpe – murmurei.
– Você sempre ataca seus médicos? – falou, esforçando-se para fazer uma brincadeira.

Mas ele não estava sorrindo, e sua voz estava com um tom mais grave. – Então... eu acho melhor eu ir embora – disse ele, levantando do sofá.

Ele também tinha sentido aquilo. Caso contrário, estaria colocando *Grease* no videocassete, esquentando a sopa e me contando algo engraçado que acontecera durante o almoço.

– Alguma coisa muito estranha tinha acabado de acontecer entre nós. Paul sabia disso e eu também.

Alguma coisa muito estranha tinha acabado de acontecer entre nós. Paul sabia disso e eu também.

- Eu tenho que, eh, encontrar a Katie daqui a pouco – acrescentou ele. – Ela está me ajudando com o meu discurso. Para o cargo de historiador.

Katie. Bom, talvez eu estivesse errada. Talvez eu estivesse completamente errada.

Ela estava ajudando Paul em sua campanha? Ah, então era por isso que ele tinha cartazes profissionais. Katie era ótima com desenhos e arte. Eu deveria ter imaginado que ele pediria ajuda a ela. Será que existia alguma parte da minha vida que essa garota não tinha tomado conta?

- Bom, obrigada por tudo – agradei e me levantei.

- E Katie me contou que está se preparando para ser entrevistada por você para a edição sobre o Dia dos Namorados. Ela disse que amanhã antes da primeira aula seria ótimo para ela. Isso se você for à escola.

A última coisa que eu queria fazer era entrevistar a Katie.

- Humm, é... legal. Tenho certeza de que eu vou me sentir melhor quando acordar.

- Ok, então melhora – ele andou em direção à porta, com uma expressão claramente artificial.

Eu abri a porta, sem querer que ele sáísse, sem querer que ele ficasse. O que eu queria? Ele se inclinou e me beijou na bochecha. Exatamente como já havia feito um milhão de vezes antes.

Mas dessa vez a sensação estava mais presente. Da sua proximidade. Do seu perfume de sabonete. Ele desceu os degraus aos solavancos, virando-se para acenar, e eu sorri para ele.

“Por favor, espero que isso seja o remédio afetando o meu cérebro, o meu sistema nervoso e o meu coração”, eu rezei. Tinha que ser o efeito do remédio para gripe. Tinha que ser.

Transcrição da entrevista com Katie Wing

Erica: Então, na sua opinião qual é o propósito do Dia dos Namorados?

Katie: [Risadas] Bem, isso não é meio óbvio? [Mais risadas] Eu mal posso esperar para ver Paul vestido para o baile. Eu sei que ele vai ficar lindo. Eu acho que ele deveria usar gravata, mas ele falou que...

Erica: Não gosta de gravatas, eu sei. Humm, você tem alguma expectativa em relação a essa data?

Katie: Lógico! Como você pode realmente gostar de alguém e não ter expectativas? É o dia reservado para todas essas coisas românticas e piegas. Bombons, flores, corações, você sabe. E muitos e muitos beijos. Eu já falei que Paul tem o beijo mais maravilhoso que eu já...

Erica: Ok, Katie, muito obrigada. É tudo de que eu preciso.

NOVE

- Você conseguiu - Paul me cumprimentou assim que eu me sentei ao lado dele na aula de história.

- Eu tô me sentindo bem melhor - falei animada. Sorri para ele e ele sorriu de volta.

“Está vendo? Tudo voltou ao normal”, eu me tranquilizei, percebendo que ele vestia o suéter azul-escuro que eu havia dado no Natal. Percebi, também, o quanto ele ficava bem nele...

“Isso não é voltar ao normal, Erica. E ontem à noite você não dormiu sob nenhum efeito do remédio.”

- Tem algo que eu preciso conversar com você – sussurrou ele. – É sobre sábado.

- Sábado?

- É, humm, a convenção de histórias em quadrinhos... – ele enrolava para falar enquanto os seus olhos passeavam ao redor da sala, olhando para todos os lados exceto para mim.

– Bem, é no Dia dos Namorados, e acho que eu deveria passar o dia com a Katie. É importante para ela. Mas você provavelmente sabe disso, já a entrevistou.

Abaixei a cabeça e olhei para o meu caderno vermelho.

- Tudo bem, não é? – perguntou ele, com uma preocupação em seus olhos escuros. – Quer dizer, você provavelmente quer passar o dia com o Frank, certo?

Senti uma pontada atrás das minhas pálpebras. Lágrimas.

Passei o dedo no canto do olho para enxugar as lágrimas e voltei a encarar Paul.

- Claro. Tenho certeza de que Frank vai querer fazer alguma coisa romântica durante a tarde. Então... talvez seja melhor a gente cancelar.

Na verdade, Frank não havia comentado nada sobre o sábado à tarde.

- Quer saber, talvez eu vá à convenção com Frank – contei. – Seria legal mostrar a ele algo que me interessa.

- Essa vai ser a primeira convenção de quadrinhos que nós vamos perder... até hoje – lembrou ele, olhando-me nos olhos. – Vai ser um pouco estranho não ir – continuou. Eu concordei com a cabeça, sem saber o que dizer. – Ah, e eu esqueci de te falar ontem.

Katie me contou sobre o papo de vocês duas no Bowl-a-Rama e o quanto você a fez se sentir melhor. Ela andava preocupada que você fosse minha outra namorada ou alguma coisa do gênero. Mas depois da conversa, ela percebeu o quanto eu tenho sorte por ter uma amiga como você.

“A outra namorada dele. A outra. Como Katie ousava pensar que eu seria apenas uma outra na vida de Paul!”

“Peraí! Calma, Erica. Seja lá o que está acontecendo, está ficando bem estranho.”

- Eu preciso muito de um favor – ele falou baixinho. – Amanhã, depois da escola, eu tenho que comprar o presente do Dia dos Namorados para Katie. Você poderia me ajudar a encontrar algo para ela?

O que era aquela sensação de punhalada no meu peito? Eu engoli seco, aliviada que o nosso professor tinha acabado de entrar na sala.

- Sem problemas – afirmei para ele, enquanto meu coração estava sendo retorcido.

- Bem, vamos deixar as coisas mais claras – falou Linda, empurrando o cabelo para rãs dos ombros. – Agora você está deprimida por causa de Paul e da namorada dele?

Mesmo com Frank London, o deus do jornalismo, caindo de amores por você?

Dei uma pausa, respirando profundamente.

- Eu estou feliz por Paul e Katie, de verdade – argumentei. – É só que, por algum motivo, uma sensação me incomoda. Uma sensação de que ela está tomando conta de tudo que era meu, entende?

Era esse o problema, eu havia decidido durante a aula de história. A questão não era que depois de nove anos eu estivesse tendo sentimentos inesperados por Paul. Não era que estivesse com ciúmes dele e de Katie. E não era que eu estivesse magoada por ele ter me dispensado para passar o Dia dos Namorados com Katie. Eu estava louca pelo Frank. Linda levantou uma sobrancelha.

- Você quer dizer tomando conta de Paul.

- Não – falei, olhando para meus livros. – Eu não quero ser a namorada de Paul. Eu nunca quis, você sabe disso.

- E as coisas andam bem com o Frank, certo? – interrompeu Linda, passando os dedos pelo cabelo como se estivesse olhando no espelho de dentro de seu armário.

- Sim – eu comecei a cutucar os livros nos meus braços – Ele é... incrível. Mas mesmo assim, eu não consigo evitar essa sensação de que estou perdendo Paul ou algo parecido.

Linda balançou displicentemente sua mão pelo ar.

- Escute, essa é a questão. Você está acostumada a ser a pessoa favorita do Paul, e está se sentindo excluída apenas porque não é mais. E isso é tipo um chute no ego, não é? Eu estremei. As palavras ásperas dela tinham feito com que eu me sentisse uma pessoa péssima, especialmente porque eu sabia que ela estava certa.

- Mas – continuou Linda – você vai superar isso logo. Especialmente com alguém lindo como Frank London do lado para aliviar o choque.

Ela sorriu, e eu não tinha outra saída senão retribuir o sorriso. Às vezes, era bom ter uma amiga tão direta.

O sinal tocou.

- Obrigada, Linda.

"Linda é sempre boa para nos trazer de volta à realidade", falei para mim mesma enquanto atravessava o corredor. "Provavelmente só estou estranhando o modo como Paul faz tão bem essas coisas românticas – me levando sopas e lenços de papel quando eu estou doente, preocupando-se com o presente de Dia dos Namorados, comprando o livro de artigos da minha jornalista favorita para comemorar o meu novo cargo de editora do *Postscript*."

Talvez eu esperasse que Frank fosse um pouco mais atento. Um pouco mais como Paul. Não que eu quisesse Paul propriamente dito.

Não era esse o caso, definitivamente. E depois de uma ótima tarde na convenção de quadrinhos com Frank, e da incrível noite no baile, eu teria certeza absoluta disso. Tudo voltaria ao normal.

Eu coloquei minha bandeja sobre uma mesa nos fundos da lanchonete para observar com calma o comportamento dos casais da escola Emerson. Tinha certeza de que colheria um material interessantíssimo, e eu precisava começar a escrever o meu artigo para o *Postscript*. Peguei o meu *cheeseburger* e olhei ao redor.

Meu olhar se fixou em Marie Ikrath, uma garota que eu deveria ter entrevistado. Ela estava sentada ao lado de seu namorado, Clinton Arrowood. Eles conversavam, riam, conversavam, riam, se tocavam, se beijavam. Marie e Clinton namoravam há um tempão. E me lembrei do último Dia dos Namorados: ele tinha trazido um enorme buquê de rosas para a escola e entregado para Marie no meio do corredor, diante de

todos os alunos. Eu havia achado aquilo tão forçado!

Mas agora morreria de felicidade se Frank fizesse a mesma coisa.

Clinton levantou o copo de refrigerante de Marie de modo que a única coisa que ela precisaria fazer era dar um gole. Depois, colocou o copo sobre a mesa e deu um beijo na bochecha dela. Aquilo me fez lembrar o modo como Paul sempre adivinhava quando eu queria algo, mesmo antes de pedir.

Agora, o casal estava de mãos dadas, e, de vez em quando, Clinton puxava as duas mãos em direção a sua boca para beijar os dedos de Marie.

"Se você sentisse aquilo por alguém, não acharia DPA algo tão grosseiro." As palavras de Paul daquele dia fatídico no Bowl-a-Rama voltaram para me assombrar. De fato, não achei que aquilo que Marie e Clinton estavam fazendo fosse grosseiro.

Percebi o quanto era carinhoso, bonito e maravilhoso. Era amor. E era algo que você nem poderia evitar, caso estivesse amando daquela maneira.

Eu virei meu rosto, com a sensação repentina de que estava invadindo um momento de privacidade.

Então, agora sabia por que não havia conseguido entrevistar as pessoas. Por que não havia trabalhado em meu artigo. Como poderia ridicularizar algo que, agora, eu levava tão a sério? Eu passei a entender que DPAs eram algo natural.

E que carinho não era algo para se debochar.

- Ei, Erica. Observando todos esses casais afetados, hã? – Frank sentou-se do outro lado da mesa e desembalou um sanduíche. Obviamente ele havia me procurado pela lanchonete toda antes de me achar escondida ali no fundo. Isso também era romântico. O fato dele não gostar de DPAs não significava que ele não sentisse o mesmo que eu sentia.

"Mas, o que eu sentia, afinal?"

- Bem, você fez aquele artigo sobre o curso de música da escola? – perguntou, tomando um gole do seu chá gelado.

- Nossa, eu me esqueci completamente disso! – admiti, surpreendida com a minha sinceridade. – Eu estava muito doente ontem, e hoje tenho um monte de coisas para colocar em dia...

- Tudo bem – disse ele. – Mas se você conseguir fazer até amanhã...

- Claro – retruquei, sorrindo para ele. Então, percebi que estava esperando ele me perguntar se eu me sentia melhor, se eu precisava de alguma coisa. Mas ele não falou nada. Provavelmente tinha muitas coisas com que se preocupar, como o *Postscript* e a campanha de historiador da escola.

- Sem querer eu ouvi a história mais triste do mundo enquanto estava na fila para comprar meu *cheeseburger* – falei, espremendo um sachê de *ketchup* sobre as minhas batatas fritas. – Quer um pouco? – perguntei.

- Obrigado, mas eu tento evitar essas coisas gordurosas – ele me lembrou. Naquele dia horrível em que saímos com Katie e Paul, ele havia mencionado que não comia fritas ou qualquer outra coisa ensopada em óleo. Acho que eu não tinha registrado essa informação. Como que alguém podia não amar batatas fritas?

- Mas qual história piegas que você ouviu? – ele revirou os olhos. – Eu tenho certeza de que vou perder o apetite – falou, colocando o seu sanduíche sobre a mesa.

- Não, foi realmente comovente – falei a ele. – Um garoto contava para a namorada que quando ele era mais novo havia um costume na escola de dar presentes secretos durante a semana do Dia dos Namorados – contei, enquanto Frank balançava a cabeça, sem demonstrar muito interesse. – Então, os alunos deixavam coisas dentro do armário da pessoa escolhida, todos os dias da semana. Aí, o Anthony...

Frank franziu a testa.

- É importante manter as fontes anônimas – interrompeu ele. – Até mesmo se você estiver apenas me contando algo.

Engoli seco.

- Eu sei.

- Ei, não fique chateada – falou ele, sorrindo. – Mas lembre-se disso para o futuro. "Isso foi um pouco irritante", pensei, dando uma mordida em meu *cheeseburger* para esconder a expressão em meu rosto. Ele sempre tinha que fazer algum comentário profissional? Estávamos apenas eu e ele. Até parecia que eu sempre mencionava os nomes das pessoas em meus artigos.

"Erica, foi exatamente isso que fez você se sentir atraída pelo Frank no início. Ele é um jornalista sério, exatamente como você. Fica fria."

- E aí? – perguntou ele.

- Aí, a fonte passou a checar seu armário todos os dias, excitado com o que iria encontrar. Mas nunca havia nada. E então, essa é a pior parte, no último dia, ele imaginou que haveria algo muiiiito grande para compensar toda a semana. Ele ficou totalmente fixado nessa idéia e...

- Não havia nada no armário – finalizou Frank, balançando a cabeça como se já conhecesse o fim.

- É – falei. – Não é horrível?

- É exatamente por isso que essa data é uma grande bobeira – afirmou Frank.

Franzi a sobancelha, surpresa de que Frank não tivesse se sentido tocado do mesmo modo que eu. Ele não conseguia imaginar a expressão no rosto do pobre Anthony ao abrir o armário vazio na sexta-feira?

- Ah, e sobre a minha entrevista - acrescentou Frank. - Talvez pudéssemos fazê-la durante o baile. Eu vou estar bastante ocupado até lá por causa da minha campanha para historiador da escola.

Concordei com a cabeça. A última mordida daquele *cheeseburger* se transformou numa massa dentro do meu estômago. Então, os pontos de vista de Frank continuavam os mesmos? Eu tinha imaginado que os sentimentos dele por mim fariam com que alguma coisa mudasse. Mas ele soava tão cínico quanto no início. Será que isso significava que ele não gostava realmente de mim?

- Ah, e eu acho que nós deveríamos nos encontrar no sábado à tarde - disse Frank - , assim poderíamos decidir o que iremos cobrir durante o baile.

Uma explosão de excitação tomou conta de mim. Frank queria passar todo o Dia dos Namorados comigo! E ele estava pedindo daquela mesma maneira adorável. Só porque eu me transformara em uma bola de sentimentalismo, não significava que ele também precisava me acompanhar nessas loucuras.

E só porque ele não era um palerma, não significava que não estivesse louco por mim. O jeito de ser de Paul não era o único. As pessoas podiam expressar os seus sentimentos de modos diferentes, e isso era tudo.

Era isso! Era esse o mote para o meu artigo. Por todo esse tempo eu não tinha conseguido imaginar como abordar o assunto, agora que eu entendia os DPAs... certo, agora que eu tinha expectativas em relação ao Dia dos Namorados.

Que alívio! Estava tão inspirada! E era graças ao Frank.

- Ótimo! - falei a ele. - Na verdade, eu quero muito, muito mesmo, ir a um certo lugar no sábado à tarde e eu gostaria que você fosse comigo. É uma convenção de histórias em quadrinhos que eu visito todos os anos, e garanto que você vai se divertir.

Frank me encarou, perplexo.

- Uma convenção de histórias em quadrinhos? - repetiu ele. - Você está brincando?

Será que ele havia percebido a minha cara cair?

- Bem... na verdade... não. É realmente divertido.

Ok, talvez eu e Frank não concordemos em absolutamente nada. Mas isso significa uma relação mais saudável, certo?

- Mas se não estiver a fim, então...

- Eu vou - disse Frank. - Apesar de ter que admitir que estou surpreso de saber que uma pessoa como você passaria uma tarde olhando desenhos - ele riu.

- Histórias em quadrinhos - murmurei suavemente, mordendo o meu lábio.

- O quê? - perguntou ele.

Balancei a minha cabeça e sorri para ele.

- Bem, se é importante para você, então é claro que eu irei ele me fitou, aproximando-se de mim. - Erica, eu realmente valorizo isso. Essa conexão que nós temos. Você sabe disso, não sabe?

Eu olhei para aqueles olhos verdes cheios de sinceridade.

- Sei - falei timidamente. - E, bem, vai ser no Dia dos Namorados.

Frank sorriu.

- Ah, e nenhum casal de estudantes que se preze perde a oportunidade de fazer alguma coisa nessa data - brincou ele, seus olhos brilhavam.

"Casal de estudantes." Meu coração começou a fazer passos de balé dentro do peito.

Frank havia nos chamado de casal sem pestanejar.

Isso era definitivamente um rótulo.

Transcrição da entrevista com Paul Garabo.

Erica: Bem, eu ainda não entendi por que você insistiu que eu te entrevistasse. Eu imaginava que você fugiria aos berros desse gravador. E mais, você não está preocupado com o que irá comprar para Katie para o Dia dos Namorados?

Paul: Para que servem os amigos, não é? Isso é para te ajudar com o seu artigo. Ah, a gente tem que dar uma olhada naquela loja.

Erica: Uau, olha só todas aquelas coisas na vitrine! Eu nunca havia visto tantas caixas de bombons em formato de coração e tantos bichinhos de pelúcia em toda a minha vida. Ei, mas quer dizer que agora você está disposto a dividir as suas opiniões, mesmo que anonimamente, com toda a escola?

Paul: Para ajudar você sim, senhorita editora.

Erica: Humm, Ok. Então, você, tem alguma recordação especial do Dia dos Namorados?

Paul: Peraí, você sabe tudo o que aconteceu na minha vida.

Erica: Você entende qual o significado da palavra entrevista? [suspira profundamente] Ok, próxima pergunta. Na sua opinião, qual é o propósito do Dia dos Namorados?

Paul: É fácil. É um dia para liberar os seus sentimentos e fazer que alguém em sua vida sintasse especial.

Erica: Dando a essa pessoa chocolates e flores mais caros do que o habitual?

Paul: Não, compartilhando símbolos tradicionais do amor como um modo de representar os seus sentimentos.

Erica: As lojas estão te pagando alguma coisa? Ei, pare, sem bater na sua entrevistadora. [barulhos de confusão] Então, espera, você está falando que aquelas pequenas caixas de bombons em formato de coração são especiais pelo fato de não serem únicas?

Paul: Ei, sem chutar o entrevistado! [mais barulhos de confusão] É, é exatamente o que estou falando. Veja dessa maneira: quando um homem pede uma mulher em casamento, ele sempre dá a ela um anel de diamantes, certo? É uma coisa universal. Não é, de modo algum, único. Mas é exatamente o significado por trás desse velho gesto repetido inúmeras vezes que torna o anel de diamantes algo importante.

Erica: [silêncio]

Paul: Nenhum comentário irônico? Você provavelmente está achando que é a coisa mais estúpida que já ouviu na vida, certo? Piegas e sentimental.

Erica: [barulho de páginas de caderno sendo folheadas] Eu estou entrevistando você, Sr. Garabo. Próxima pergunta. Como você, hum, planeja celebrar o Dia dos Namorados esse ano?

Paul: Com a garota que eu ... bem, com Katie.

Erica: [silêncio por um longo intervalo de tempo, depois fecha rapidamente o caderno] Ok, obrigada, Paul.

Paul: Mas eu pensei que você tinha mais ...

Erica: Não, eu tenho tudo de que precisava. Vamos logo resolver essas compras, certo?

DEZ

- O ursinho ou o diabinho vermelho? – falou Paul, levantando os dois bichinhos de pelúcia na frente dele.

Eu grunhi. O ursinho era realmente adorável.

- Eu não sei, Paul. Eu não a conheço muito bem.

O sorriso dele desapareceu.

- O ursinho é, sem dúvida, mais romântico – concluiu, jogando o diabo de volta na prateleira. – Por que eu ainda te pergunto sobre bichinhos de pelúcia? Você odeia essas coisas!

“Odiava. Eu provavelmente me derreteria caso Frank me desse um lindo ursinho de pelúcia.”

- Isso está sendo uma tortura para você, não é? – perguntou ele, rindo. – O maior dos pesadelos: fazer compras para o Dia dos Namorados.

Então ele achava que era por isso que eu estava tão irritada? Pelo menos, Paul não percebera nada: eu já estava farta de rodar pelo shopping procurando o presente absolutamente perfeito... para Katie.

- Ele tem olhos mai atraentes que os do diabo – comentei, entregando o ursinho para Paul.

- Você acha mesmo? – Paul estudou o rosto do brinquedo muito seriamente.

- Você já tá pronto? – falei, tentando acelerar a decisão. Nesse momento, uma mulher que corria para a seção de cartões deu um esbarrão em mim e eu tropecei. O lugar parecia um campo de batalha naquele dia.

Paul olhou indignado para ela.

- Você está bem? – perguntou ele, virando-se para mim com um olhar de preocupação. Ele colocou a mão sobre o meu ombro e, mais uma vez, fiquei atenta à sensação do toque e peso de sua mão. Um arrepio subiu pela minha coluna até chegar na nuca. O que está acontecendo comigo? Esse tipo de sentimento deve ser reservado apenas para o Frank. O toque dele pode fazer isso comigo, não o de Paul.

“Era como Linda dizia”, pensei. “Algum tipo de ego machucado, agora que eu não posso tê-lo. Agora que eu não sou mais a primeira. Agora que ele está apaixonado por outra garota.” Era a única explicação que fazia algum sentido.

- Tô bem – assegurei a ele. – Está muito cheio. Talvez nós devêssemos ir embora agora que você já tem tudo.

Ele assentiu com a cabeça, observando novamente o ursinho que havia colocado na cesta da loja e dando uma olhada na sacola que segurava com a outra mão. Caminhamos para o final da longa fila do caixa.

- bem, eu já tenho os bombons, o bichinho de pelúcia, o papel de presente e as fitas para embrulhar – disse Paul.

- E o cartão que você demorou uma hora para escolher – lembrei a ele. – Acho que está tudo resolvido.

Virei a cabeça e avistei um monte de balões a gás com mensagens de amor. “Minha paixão.” “Só quero você.” “Eu te amo.” Há duas semanas atrás eu tiraria uma foto e escreveria uma legenda sarcástica sobre o quanto era ridículo ver aquelas palavras num balão. Mas agora eu queria os balões! Eu queria tudo naquela loja!

- Você não acha que eu devia comprar algo mais pessoal para ela? - perguntou Paul.

"Não, eu não acho. Você só está saindo com ela há uma semana e meia. Ela não merece um tipo de presente mais pessoal que, até hoje, você só havia comprado para mim."

- Bem, talvez algo pequeno - concordei, percebendo que ele estava realmente falando sério sobre isso. - Se você acha que deve.

"Ele deve gostar muito de Katie. Talvez ele até esteja apaixonado."

Ele me fitou por um segundo, então me puxou para perto dele, no momento em que um grupo de mulheres enlouquecidas passou aos solavancos em direção ao estande vermelho, rosa e branco abarrotado de chocolates.

- Desculpe se eu fui muito brusco.

Dávamos uns passinhos para frente conforme a fila andava.

Paul sorriu de maneira sem graça.

- É, eu imagino que você e Frank nem vão trocar presentes, não é?

- Bem, ele não curte muito esse tipo de coisa – justifiquei rapidamente. "Na defensiva, na defensiva." - As pessoas expressam os seus sentimentos de maneiras diferentes, Paul- falei o meu mais novo lema, minha opinião oficial sobre o "assunto Dia dos Namorados". Mas então por que aquilo soava tão falso?

Ele deu de ombros:

- Então me ajuda a pensar o que mais eu posso dar pra Katie.

Finalmente chegamos até o caixa da loja, e alguns minutos depois, eu estava suspirando aliviada por ter saído daquele lugar.

- Por que não damos uma volta e vemos se alguma coisa chama a nossa atenção? -

sugeri, enquanto avançávamos pelo meio da multidão. - O que ela gosta?

- Ela é uma excelente artista - falou ele. - Ela adora desenhar. Talvez eu devesse comprar algum material de pintura. Ah, isso é tão difícil... - desabafou. - Eu nunca tive nenhuma dificuldade para comprar algo para você.

Nesse momento, nós havíamos chegado ao enorme poço dos desejos, bem no centro do shopping. Paul retirou uma moeda de seu bolso e jogou lá dentro. Ficamos observando todas as moedas no fundo do poço.

- Qual foi o seu desejo? - perguntei suavemente.

- Não posso falar, bobinha - disse ele. - Senão não se realiza.

Eu tinha certeza de que era algo relacionado a Katie.

- Aqui - disse ele, passando uma moeda para mim. - Faça um pedido.

Eu peguei a moeda, que ficou bem quente em minha mão, e fechei os olhos. "Eu quero..."

"O que eu quero?"

- Ah, eu esqueci - disse ele. - Fazer pedidos não faz muito o seu gênero.

Por que será que aquilo me magoou? Nunca havia feito o meu gênero mesmo e Paul sabia disso. Então por que ele tinha me dado aquela moeda?

- Eu vou guardar para a passagem de ônibus - brinquei, jogando-a dentro do bolso da minha calça.

- Katie e eu estamos ficando íntimos - falou Paul, sentando-se num banco diante do poço. - Nós podemos nos considerar um casal agora. Tudo aconteceu tão rápido, sabe? Sentei-me ao lado dele, com uma sensação de aperto dentro do peito.

- Uau. Que bom, Paul.

- Eu gostaria de saber o que mais posso dar a ela - continuou ele.

- Então foi isso que você pediu - brinquei. - Para nós, é fácil comprar presentes um para o outro porque nos conhecemos muito bem. E nós amamos as mesmas coisas.

Ele olhou para mim, depois para o chão.

- Sabe, tinha uma música tocando no lugar em que eu e Katie fomos, em nosso primeiro encontro, que ela adorou. Eu poderia dar aquele cd.

Agora eu também estava fitando o chão.

- Péssima idéia? - Paul me perguntou ansiosamente.

- Não, é perfeito - eu quase sussurrei. - É encantador.

Paul sorriu, se levantou e agarrou suas sacolas.

- Vem. Vamos até a loja de cds.

Também me levantei e enfiei as mãos no bolso. Pude sentir a moeda, ainda com o calor da mão de Paul.

Vinte minutos depois, Paul tinha uma outra sacola e uma expressão de alívio.

- Quer dar uma parada na Book Nook? - falou, apontando para a minha livraria predileta.

Eu sorri. Paul sabia que eu nunca ia ao shopping sem ficar um longo tempo bisbilhotando todos os livros que eu gostaria de comprar. Entramos. Primeiro eu dei uma olhada nos lançamentos, depois fomos para a seção de jornalismo no fundo da loja. Subitamente eu fiquei paralisada. Frank estava parado no corredor, virado de costas para nós; ele estava segurando o livro que eu havia dito a ele que estava doida para comprar. Dei um giro e agarrei Paul, puxando-o para trás da pilha de livros mais próxima.

- O que você está fazendo? - ele gemeu.

- Shh - sussurrei, colocando o dedo na frente dos meus lábios. Nos esprememos atrás dos livros, com os ombros grudados. Mais uma vez eu estava bastante atenta ao toque de Paul, atenta à sensação de ter sua mão nas minhas costas. Olhei para ele, e suas bochechas estavam vermelhas, seus olhos mais escuros que de costume. Ele me fitava

com aquela mesma expressão que tivera no dia em que revelou seus verdadeiros sentimentos por mim.

Mas esse não era o caso agora. Ele estava claramente interessado na Katie. Tudo o que ele sentia por mim naquele momento era preocupação. Além do mais, apenas uma psicótica o teria agarrado e jogado atrás dos livros sem nenhuma explicação.

- É o Frank - sussurrei, dando uma espiada ao redor. Ele não estava mais em pé no corredor. Virei a cabeça para o outro lado e dei uma bisbilhotada. Agora Frank estava no caixa da loja, comprando o livro.

Eu o observei indo embora, então me levantei. Meus joelhos doíam por ter ficado agachada. Paul também se levantou, me olhando como se eu estivesse maluca.

- O que foi tudo isso? - perguntou ele.

- É, é estúpido, mesmo - gaguejei. - Eu vi Frank lá atrás e imaginei que ele estivesse comprando algo para mim pelo Dia dos Namorados. Eu não queria que ele me visse e acabasse a surpresa.

De repente, aquilo parecia pouquíssimo relevante. Eu ainda estava tentando controlar as batidas do meu coração e fazer com que minhas mãos parassem de tremer. Ter ficado tão perto de Paul havia causado algo muito estranho em mim. Algo bem diferente de "sentimento-por-um-melhor-amigo". Meu pescoço não estava acostumado a sentir arrepios só porque havia ficado perto dos lábios de Paul.

Paul balançou sua cabeça.

- Desde quando você se comporta desse jeito por causa de um cara?

- O quê? - perguntei, engasgando. "Peraí, ele está falando do Frank", percebi aliviada.

- Ok, foi bobo - admiti, passando os dedos sobre a capa de um livro no estande de promoções perto de mim. Meus dedos ainda estavam tremendo um pouco, mas meu pulso estava lentamente voltando ao normal. - Mas eu só fiquei surpresa de vê-lo comprando um presente para mim, só isso.

Eu havia contado a Frank o quanto eu queria aquele livro e que não tinha dinheiro para comprá-lo porque era uma edição de capa dura.

- Mas tudo bem. Afinal, é seu namorado - falou e em seguida bateu a mão em sua testa.

- Oops, eu já ia me esquecendo. Vocês dois não acreditam nesse lance de comprar presentes, ou em qualquer outra coisa romântica.

- Não fique tão certo disso - falei zangada, endireitando a coluna. - Ontem ele até nos chamou de casal. Ele também tem um lado romântico ... só não gosta de mostrá-lo muito.

- Um lado romântico? - Paul soltou uma gargalhada, seus dentes brancos brilhavam. - Isso não vai contra tudo em seu artigozinho?

Eu vacilei.

- Eu não ... isso não é... - gaguejei, depois soltei um suspiro. - Esqueça, tá bem? - falei e dei as costas para Paul, envergonhada das lágrimas que escorriam dos meus olhos. -

Podemos ir pra casa?

- Erica, eu não quis ...

Olhei para ele, e ele se calou. Saímos da livraria num silêncio absoluto.

Linda havia errado. Esse lance com o Paul não tinha nada a ver com ciúmes ou com meu ego. Era muito mais do que isso. Eu havia mudado. Tudo estava diferente. O modo como eu me sentia em relação a namoros, romance, bichinhos de pelúcia, cartões de amor e... Paul.

"É válido cobrar uma taxa para participar da banda da escola? E como podemos comparar o valor dessa experiência com, por exemplo, a oportunidade de integrar o time de handebol?"

Olhei fixamente as palavras até elas ficarem desfocadas sobre a página, então amassei o papel e joguei-o no chão onde os restos das minhas últimas vinte tentativas já formavam uma pilha.

Desde que Frank havia se referido a nós como um casal, eu não conseguia escrever uma frase de um artigo sem surtar imaginando qual seria a opinião dele sobre o meu texto. Arranquei uma página em branco do meu caderno e tentei novamente, esforçando-me para captar o estilo de escrever de Frank. Mas isso soava tão forçado, tão "outra pessoa"...

"É impossível", pensei frustrada, fitando o nada.

- Querida? Você está bem?

Levei o olhar para a porta do meu quarto. Minha mãe me observava com a testa franzida.

- Tô bem - abri um sorrisinho para ela. - Só tem ... umas coisas acontecendo.

- Que tipo de coisas? - perguntou ela, sentando-se ao meu lado na cama.

- Eu não sei - gemi. - As coisas com o Frank estão indo superbem, mas eu não tenho certeza se nós temos muito em comum.

- Você quer dizer, como você e Paul têm - ela sorriu para mim.

"Por que as mães sempre sabem tanto? Eu mal contei a ela sobre Frank, apenas disse que nós estávamos saindo juntos e que eu realmente gostava dele."

Concordei com a cabeça.

- É estranho, mas eu sempre pude conversar com Paul sobre jornalismo também, ainda que isso não fosse algo muito importante na vida dele. E do mesmo modo como eu gosto de ficar com Frank, não está sendo confortável como estar junto de Paul. Frank e eu não nos divertimos juntos de fato, sabe?

- Bem, querida - ela falou gentilmente -, Frank não é o Paul. As coisas serão diferentes com ele. Mas você também não disse que ainda não havia mostrado a ele as coisas de que gosta? Como quadrinhos, boliche, fliperama e um monte de batatas fritas? Talvez vocês se divertissem juntos se fizessem as coisas de que gosta.

Ela estava certa.

"Obrigado, mas eu realmente tento evitar essas coisas gordurosas..."

Ok, então ele não gostava de batatas fritas. Mas assim que visse todos aqueles quadrinhos incríveis da convenção, ele definitivamente entenderia porque eram legais. Ele até poderia se tornar um grande fã, e então ele e Paul teriam algo em comum também. E que cara não gosta de fliperama e boliche?

"Frank não é o Paul."

O Garfield miou.

- É a minha deixa - falou minha mãe, levantando-se. - Venha conversar mais tarde se precisar.

- Obrigada, mãe - falei enquanto ela saía. Depois pulei para agarrar o telefone. Era Katie.

- Eu estava pensando se você não poderia me dar um conselho - disse ela - sobre o que comprar para Paul pelo Dia dos Namorados.

Prendi a respiração por uns segundos. Por acaso isso era algum tipo de teste? Porque eu já estava quase chegando no meu limite. Frank e eu não tínhamos muito em comum além do jornalismo, mas mesmo assim eu não precisava consultar ninguém sobre o que dar a ele no Dia dos Namorados. Eu estava planejando dar-lhe um diário com capa de couro e uma caneta bacana.

- Bem - falei lentamente, enquanto sentava em minha cadeira -, o que você estava pensando?

- Eu não sei - confessou Katie. - É por isso que pensei em te ligar. Quer dizer, afinal você o conhece melhor do que qualquer um.

Aquelas palavras foram como dardos sendo lançados sobre mim ao acaso, sendo que a última frase havia acertado na mosca.

"Melhor do que qualquer um..." Será que isso ainda era verdade?

- Você sabe que ele gosta de boliche - falei, batendo meus dedos sobre a mesa. - E videogames. E... histórias em quadrinhos.

- Ahã. Infelizmente - ela deu uma pausa. - Deu pra perceber o quanto eu odiei cada minuto lá no Bowl-a-Rama?

- Hã? Eu sabia que você não estava muito animada - falei. - Mas odiar?

- Por favor, não conte a Paul. Tenho certeza de que ele ficaria magoado, mas eu não ligo muito para aquelas coisas.

- Ok, então você não irá dar a ele um daqueles pares de sapatos horrorosos para boliche. Katie soltou uma gargalhada.

- Sem chance.

- E que tal um vídeo? Ele adora essas comédias absurdas – sorri ao me lembrar de como era engraçada a imitação que Paul fazia do Monty Python.

- Eu sei - disse Katie. - Ele tem um excelente senso de humor, até mesmo com todas aquelas piadas sem-graça que vive contando.

Piadas sem-graça? Essa era uma das melhores qualidades de Paul! O que a Katie via nele se não conseguia apreciar o quanto ele era engraçado?

- Eu não sei mais o que sugerir - falei.

- Deve estar parecendo que eu quero acabar com o Paul - falou ela. - Mas eu gosto muito dele. Ele é... ele é tão doce.

É, doce, e engraçado, e maluco, e aventureiro, e milhares de outras coisas que Katie não apreciava.

"Pare com isso", eu me repreendi. "Se Katie e Paul estão felizes juntos, não é da minha conta julgar nenhum dos dois."

- Eu tive uma idéia - contei a ela. - Por que você não desenha algo para ele? Paul falou que você é uma ótima artista.

- Mesmo? Ele falou?

- É. Tenho certeza de que ele gostaria se você fizesse um desenho ou um quadro, sabe, especialmente para ele - respondi, enfiando os meus dedos no carpete. Já podia imaginar a alegria de Paul ao ver o desenho, o modo como os seus olhos enrugariam nos cantos com o enorme sorriso que tomaria conta de seu rosto.

"Eu estou fazendo a coisa certa", disse a mim mesma, torcendo minhas duas mãos sobre o meu colo.

- Obrigada, Erica, é uma excelente idéia.

- De nada - respirei.

- Ok, tchau, e obrigada novamente.

- Ahã. Tchau.

Ouvi satisfeita o barulho do telefone sendo desligado e, imediatamente, cobri o rosto com as mãos.

ONZE

- Isso é para a seção de esportes - o Sr. Serson disse, enquanto Jolie se sentava. - Editores?

Frank se levantou, e eu comecei a segui-lo, mas ele colocou sua mão sobre o meu ombro.

- Eu faço isso - falou.

Olhei surpresa para ele. Nós éramos co-editores. Isso significava que deveríamos anunciar os artigos juntos. Ele sorriu e piscou para mim, depois passou por todos até chegar na frente da sala.

- O que foi isso? - sussurrou Linda.

Eu dei de ombros.

Frank limpou sua garganta:

- Depois da próxima edição sobre o Dia dos Namorados começou ele, com um ar de repugnância na voz -, nós iremos finalmente focar algo importante: o problema da violência e segurança nas escolas de segundo grau. O editorial será dedicado a isso. "Como?"

- Carrie, eu sei que você é da produção, mas nós podemos ter uma ajuda extra para a pesquisa. Se você pudesse coletar diferentes pontos de vistas na caixa de opiniões dos alunos e...

Meu pensamento começou a voar, meu queixo estava caído em estado de choque. Eu não tinha ouvido nada sobre isso. Minhas mãos se fecharam e todo o meu corpo ficou tenso de raiva.

Linda deu um cutucão forte nas costelas.

- Qual é o problema? - falou baixinho.

- Eu te falo depois - murmurei. Eu não queria fazer um escândalo no meio da reunião.

Escutei, perplexa, enquanto Frank continuava anunciando todos os assistentes e explicando tudo o que queríamos para a edição. Quando ele finalizou o assunto e sentou-se ao meu lado, meu sangue estava fervendo.

Comecei a bater o meu pé no chão e cruzei os meus braços sobre o peito. Minhas unhas afundavam em minha pele, através do fino suéter que estava usando.

- Ok. - anunciou o Sr. Serson. - É tudo por hoje. E eu prometo: não acontecerão mais reuniões na hora do almoço - terminou, enquanto todos se levantavam. - Erica e Frank, fiquem mais um minuto, por favor.

- Eu te ligo mais tarde - cochichou Linda.

- Por que você foi lá em cima falar sozinho? - o Sr. Serson perguntou a Frank depois que todos já tinham saído da sala. Minhas orelhas se levantaram, esperando por uma explicação.

- Ah, Erica não sabia sobre o assunto - disse Frank. - Os outros editores e eu tivemos essa idéia na segunda. E Erica faltou porque estava doente.

"Você poderia ter me contado sobre isso", pensei irritada. "Em alguns dos dias entre segunda-feira e hoje."

Por que eu não conseguia dizer isso em voz alta? Eu nunca havia tido problemas em chamar a atenção de Paul quando ele fazia algo que me incomodava.

- Na verdade, eu gostaria que você tivesse me contado - falei.

- Desculpe - começou Frank -, mas você estava doente, e eu sabia que precisava colocar várias coisas em dia, como as tarefas da escola e aquele artigo sobre o curso de música da escola, que, por sinal, estava excelente.

Excelente?

Então ele tinha gostado da minha versão final? Isso me deixou aliviada. Afinal, eu tivera bastante dificuldade com aquele texto. Mas era estranho ele achar excelente enquanto eu achava idiota.

- Eu pensei estar te fazendo um favor resolvendo esse assunto sozinho - explicou Frank, de modo bastante sincero.

Olhei para o Sr. Serson que estava balançando a cabeça lentamente.

- Você teve as melhores intenções - ele assegurou a Frank. - Mas daqui para frente, vocês dois devem fazer tudo juntos. É por isso que existem dois editores, certo?

Frank concordou com a cabeça.

- É claro. Erica, me desculpe.

Eu abri um sorriso forçado. Frank começou a organizar uns papéis e, assim que o Sr. Serson saiu, ele pegou a minha mão.

- Eu realmente não imaginei que ficaria tão chateada por causa disso - falou.

Olhei para o chão, acompanhando as linhas do piso de borracha com a ponta do meu tênis.

- Erica? - perguntou ele suavemente, colocando as mãos em meus braços.

Olhei para ele, tentando achar verdade em sua expressão. Seus olhos verdes estavam sérios, e eu senti a minha raiva começar a desaparecer.

Mordi O meu lábio. Nós não precisávamos ter uma grande discussão bem antes do Dia dos Namorados.

- Fico feliz que você tenha gostado do meu artigo sobre o curso de música.

- Estava brilhante - respondeu ele. Frank deu um passo para frente e pegou meu queixo com sua mão.

Eu dei um passo para trás, e sua mão caiu. "Que atitude estranha a sua, Erica", eu pensei. Mas eu estava um pouco chateada, então acho que era compreensível eu não querer que ele me beijasse ou coisa parecida.

- Você está assim tão irritada comigo? - perguntou Frank.

- Eu supero - falei, sorrindo. - Olha, vamos esquecer isso, tá bem?

- Tá bem - concordou ele. - Bom. Como eu tenho que fazer umas coisas por aqui e não vou poder pendurar os outros cartazes que você fez, então pensei que você não se incomodaria de ...

Minhas sobrancelhas se levantaram. Ele estava usando aquele momento particular para pedir favores?

- Erica, me desculpe por estar pedindo isso – continuou ele. - Mas eu preciso estudar para uma prova, e amanhã de manhã é o debate, então eu queria ensaiar o meu discurso mais uma vez. Você fez um excelente trabalho com os cartazes, por isso eu acho uma pena não colocá-los na escola.

Eu suspirei, esfregando as minhas têmporas, pois minha cabeça começava a latejar.

- Onde estão eles? - perguntei, com um sorriso forçado.

Frank procurou embaixo da cadeira e puxou uma sacola.

- Muito obrigado, Erica. Você está salvando a minha vida.

Sorri.

- Boa sorte com o seu trabalho. Eu dou uma passada aqui quando já tiver terminado.

- Ok, ótimo, até mais tarde - ele sentou-se e ligou o *laptop*.

Dispensada.

Ele não deveria estar rastejando pelo meu perdão? Tentando me dar beijos carinhosos de agradecimento por eu estar deixando de almoçar para colar cartazes?

Deixa pra lá. Talvez uns momentos de silêncio e solidão com as paredes da escola Emerson me ajudassem a entender melhor as coisas.

"Ali. Pronto." Finalmente eu fixei o último cartaz. Recuei um pouco, olhando com aprovação o meu trabalho. Bem, talvez eu não fosse a melhor artista do planeta, mas o meu perfeccionismo não deixaria que eu pendurasse um cartaz minimamente torto.

Peguei as coisas e fui em direção da lanchonete. Eu estava faminta!

Assim que virei o corredor, escutei risadinhas. Tive a sensação de que eu estava prestes

a interromper uma sessão de carinho entre namorados. Há apenas duas semanas isso teria me feito perder o apetite. Agora só me deixava melancólica.

Olhei o casal... e paralisei.

Paul e Katie.

Paul e Katie... se beijando.

Engoli seco, e meus braços ficaram moles. A sacola com o rolo de fita adesiva caiu no chão fazendo um ruído alto. Pelo menos, foi um pouco de barulho no meio do silêncio que repentinamente tomou conta do corredor. Paul e Katie deram um salto e olharam assustados para mim.

- Me-me ... desculpe - gaguejei, assistindo à fita adesiva ir rolando pelo chão na direção deles. O corpo não estava respondendo aos comandos que o cérebro enviava. "Boca, pare de abrir. Braços, abaixem-se e catem as coisas." A parte mais importante não estava funcionando: "pernas, movam-se, agora."

Apenas os meus olhos funcionavam - e muito bem, por sinal. Eles não paravam de fitar as mãos de Katie e Paul, ainda juntas.

Eles tinham colado cartazes também, conclui, notando dois deles que estavam no chão aos pés de Katie. A paralisia se dissipou, e os meus olhos começaram a seguir o rolo de fita adesiva.

- Oi - disse Katie, com o rosto vermelho. Fiquei imaginando que o meu rosto devia estar do mesmo jeito. - Nós estávamos colando uns últimos cartazes.

- É, eu também - falei, evitando olhar para Paul.

- E onde está o Frank? - perguntou ele.

- Ele tem um trabalho importante pro jornal - contei -, então eu me ofereci para terminar de colar os cartazes dele.

Foi incrível como achei muito mais fácil mentir sem olhar diretamente para Paul.

- Legal você ter feito isso - opinou Katie.

Dei uma espiada no cartaz de Katie, admirada com a qualidade. As cores todas combinavam perfeitamente, e o olhar era guiado para as informações mais importantes: as razões que tornariam Paul um bom historiador da escola.

Katie olhou para mim, depois para Paul.

- Bem, hum, talvez nós devêssemos ir andando - disse ela.

As bochechas de Paul ficaram totalmente vermelhas.

- É, é melhor ir - ele concordou, livrando-se de um pigarro. - Vemos você mais tarde, Erica.

Ele apanhou as coisas deles, depois colocou o braço ao redor de Katie e a acompanhou pelo corredor. Eles desapareceram dentro da lanchonete e as grandes portas laranjas fecharam-se atrás dos dois.

Eu me agachei e peguei o rolo de fita adesiva.

"O que há de errado comigo?", me perguntei, apoiando o meu peito sobre os joelhos.

Por que o fato de ter visto Paul e Katie se beijando paralisou totalmente o meu cérebro?

Corri de volta ao escritório do *Postscript*, ansiosa para contar a Frank que os cartazes já estavam pendurados e que eu iria comer o meu sanduíche e relaxar um pouco antes da próxima aula.

Eu estava prestes a entrar na sala quando ouvi a voz de Paul, cheia de raiva, vindo do escritório.

- Você está se aproveitando dela, e eu acho isso repugnante!

"Sobre o que ele está falando? E com quem ele está conversando?"

Eu cheguei mais perto da porta entreaberta, tomando cuidado para que ninguém pudesse me ver ali.

- Eu não devia ter deixado isso ir tão longe – continuou Paul - , mas eu tinha a esperança de que Erica fosse sacar tudo sozinha - completou.
Eu não podia acreditar no que estava escutando. Como Paul ousava tentar interferir na minha vida desse jeito, sem me falar nada!

- Você está contrariado só porque sabe que não tem nenhuma chance de ganhar a eleição para historiador - retrucou Frank.

- Estou falando de Erica - devolveu Paul.

Eu balancei a minha cabeça com raiva, sem acreditar no que estava acontecendo. Mesmo namorando Katie, Paul ainda achava que podia se intrometer e manter o cara longe de mim! Eu escolhia os meus namorados, não Paul!

- Você convidou Erica para sair antes da eleição ser anunciada oficialmente - falou Paul, com frieza. - Ótimo momento para ficar interessado em alguém que escreve tão bem. Especialmente uma pessoa que, por acaso, era amiga de seu adversário. Você sabia que eu estava pensando em concorrer ao cargo de historiador. Eu havia mencionado isso algumas vezes nas reuniões do livro anual dos alunos.

"Ai, meu Deus."

Paul achava que Frank estava me usando? Era isso o que o meu suposto melhor amigo pensava de mim?

Eu me recusei a ouvir mais. Abri a porta violentamente.

- Bem, bem - falei com os dentes cerrados, olhos fixos em Paul. - O que está acontecendo?

Frank olhou para Paul e levantou suas sobrancelhas.

- Não é nada - respondeu Paul firmemente.

- Você se importaria de nos dar um minuto a sós? – perguntei para Frank.

Ele deu de ombros.

- Sem problema. Eu já tinha terminado tudo mesmo – apanhou suas coisas e caminhou para a porta, parando para me dar um rápido beijo de despedida.

- Estou muito triste por isso - sussurrei antes que Frank saísse.

- Não se preocupe - disse Frank, balançando a cabeça. - Os cartazes estão todos pregados?

Fiz que sim com a cabeça, sentindo uma estranha torção no meu estômago. "Ele só quer saber dos cartazes quando acaba de ter uma enorme discussão com o meu melhor amigo?"

"Não", falei a mim mesma. "Não deixe que as acusações ciumentas de Paul atinjam você."

- Ótimo. Eu ligo para você mais tarde. Você pode me entrevistar hoje à noite para o artigo do Dia dos Namorados. Isso nos dá uma boa desculpa para ficar muito tempo conversando pelo telefone - falou Frank. Ele lançou um olhar para Paul, depois saiu do escritório batendo a porta.

- O que você está pensando? - eu berrei com Paul. – Você é tão imaturo que precisa ter tudo o que quer? Frank está certo eu balancei a minha cabeça. - Você está com ciúmes. Por causa da campanha para historiador e porque eu gosto dele!

- Isto não tem nada a ver com ciúmes - ele gritou de volta. - É verdade, eu não suporto esse idiota. E comecei a odiá-lo muito antes de saber que você gostava dele, Erica. Mas não tenho a menor dúvida de que ele está te usando. Ele só quer ter certeza de que você não está me ajudando com a minha campanha. Eu apostaria qualquer coisa nisso. Então, me desculpe por não querer te ver machucada! - falou irritado e começou a caminhar a passos largos em direção à porta.

- Espere um minuto! - agarrei o braço dele. – Como você ousa? É tão difícil acreditar que Frank London possa realmente gostar de mim? Muito obrigada, Paul. Você é um

invejoso! Você é...

- Sou o quê? - ele interrompeu com frieza. - Alguém preocupado com você? - ele soltou o braço da minha mão. - Eu acho que já é hora de você se virar sozinha.

Dei um passo em falso para trás como se tivesse levado um tapa na cara. Minhas pernas dobraram, e despenquei numa cadeira.

Paul nunca havia falado comigo daquela maneira antes. Nunca.

Ele respirou profundamente.

- Eu não queria dizer isso.

- Mas disse - falei, com um sorriso sem graça.

- Escute, talvez a gente só esteja precisando dar um tempo, entende?

Eu olhei para ele totalmente desnorteada.

- Um ... tempo? - perguntei com um fio de voz.

- Um tempo separados - respondeu, balançando a cabeça.

- Tudo bem - concordei, ainda que não fosse "tudo bem" de fato.

- Então ... até logo.

E então ele saiu.

Transcrição da entrevista com Frank London

Erica: Eu acho que não preciso perguntar se você tem alguma recordação especial do Dia dos Namorados.

Frank: Você precisa cobrir todos os lados da história, Erica, por isso vale a pena perguntar.

Erica: Certo, então ...

Frank: Anote isso, para você. [lentamente] "Todos os lados de história."

Erica: [escrevendo alguns rabiscos num papel] Anotei. Então?

Frank: Eu me lembro de ter vomitado um dia no primário depois de comer toda a caixa de bombons que um cara tinha dado para minha irmã.

Erica: [tentando não soltar uma gargalhada] Então, na sua opinião, qual é o propósito dessa data?

Frank: É claramente uma ocasião criada pelo sistema capitalista para gerar vendas durante um mês em que não acontece nenhuma outra comemoração importante.

Erica: Mas todo mundo acaba comprando essa idéia. Na sua opinião, por que isso acontece?

Frank: Todas as pessoas estão desesperadas por símbolos vazios de sentimento. Eles se agarram ao Dia dos Namorados como uma chance de fingir que existe alguma substância real em seus relacionamentos.

Erica: Algumas pessoas dizem que aqueles símbolos são apenas maneiras de expressar sentimentos que muitas vezes são difíceis de serem demonstrados. Assim, rosas vermelhas e ursinhos de pelúcia teriam uma função parecida com a de uma aliança de

casamento. Nós presentamos com essas coisas porque elas podem ser facilmente reconhecidas como sinais de amor e carinho.

Frank: [risadas abafadas] Quem está te ensinando essas frases?

Erica: [engole seco] Eu só estou, eh, bancando o advogado do diabo. Tomando o outro ponto de vista, o outro lado, para mostrar que ele existe.

Frank: Muito bem. É uma habilidade importante de se dominar.

Erica: Certo, então ...

Frank: Anote isso. [lentamente] "Bancar o advogado do diabo."

DOZE

- E é por esta razão que vocês devem votar em mim, Frank London! - ele terminou, descendo do púlpito enquanto as palmas tomavam conta do auditório. Eu aplaudia mecanicamente.

Paul e Katie estavam sentados na primeira fila.

Eu havia chegado tarde para a assembléia, na tentativa de evitar um encontro com Linda e Sharon. Assim que elas me vissem perceberiam que havia alguma coisa errada. E se eu contasse o que acontecera com Paul no escritório do *Postscript*, acabaria me desmanchando em lágrimas. E não queria que isso acontecesse. Por isso, tinha me sentado na última fila.

Nós já havíamos assistido aos discursos de Jamie Waters e de Jennifer Connell. Agora seria a vez de Paul. Frank tinha se saído melhor do que Jamie e Jen, e todos em nossa sala já o enxergavam como um cara superinteligente, ainda que ele não fosse popular. Eu havia notado com satisfação que Frank seguira o meu conselho e suavizara a linguagem do discurso.

- O próximo e último candidato é Paul Garabo – anunciou o Sr. Kensington.

Paul levantou-se, depois abaixou a cabeça para ouvir algo que Katie cochichou em seu ouvido. Enquanto ele subia os degraus para o palco, meu coração foi ficando apertado. Agora ele me odiava. E deixara isso bem claro.

- Eu sou provavelmente a última pessoa que todos esperavam ver aqui em cima - começou Paul, apoiando os seus braços no púlpito. - Normalmente eu não concorro a cargos importantes ou tento me esforçar para conseguir algum destaque aqui em Emerson. Na verdade, é exatamente por isso que a possibilidade de ser o historiador da escola me atrai tanto.

Ele fez uma pausa, olhando na direção de Katie. Eu conseguia imaginar o sorriso de apoio que ela estava lançando para ele.

- Vejam só - continuou Paul -, eu não quero me destacar. Eu quero fazer parte de uma turma de várias pessoas. Uma turma em que todos têm os seus talentos especiais, habilidades e qualidades. Eu quero representar o nosso grupo como um todo. Então, é por isso que em vez de falar sobre quem eu sou e sobre o que eu posso fazer, prefiro falar sobre quem nós somos, sobre a nossa escola.

Eu escutei sobre todas as diversas conquistas de nossos alunos e sobre as idéias dele para o próximo livro anual. Estava tocada pela sinceridade de sua paixão e por tudo que aquela oportunidade significava para ele. Talvez Paul não soasse tão refinado quanto Frank, mas era muito mais real.

Eu suspirei, recostando em meu assento e cutucando minhas unhas nervosamente. "Eu deveria querer que Frank ganhasse", falei a mim mesma. "Frank é meu ... namorado. E depois de tudo o que aconteceu, Paul já quase não era mais um amigo." Mas, ao assistir Paul lá em cima, tão cheio de energia e entusiasmo, tudo o que eu queria era fazê-lo feliz. E estremei ao perceber que esta sensação talvez não se encaixasse mais na categoria de amizade.

- Ei Erica - uma voz me chamou quando eu saía da aula de matemática. Eu dei uma volta e vi Sharon correndo atrás de mim. - O Paul estava impressionante, não é? - perguntou ela, me observando de perto.

- O quê? - perguntei, andando para o lado do corredor a fim de não atrapalhar a passagem de ninguém.

Sharon revirou os olhos.

- O discurso dele, hoje de manhã!

- Ah, sim - respondi enquanto Sharon continuava a olhar para mim atentamente, apertando seus grandes olhos azuis.

- É, ele estava muito bem - falei, ajeitando minha mochila no ombro. - E o Frank também, não é? - essas palavras saíram numa voz esganiçada, e eu sabia que estava destruída.

- Vamos lá, solte - ordenou Sharon.

Eu suspirei, apoiando o corpo na parede.

- Paul e eu não estamos nos falando - confessei, observando Sharon arregalando os olhos.

- Vocês não estão o quê? - perguntou ela.

- É... é uma longa história - dei uma espiada no meu relógio. - A aula já vai começar.

- Eu sei - retrucou ela. Seu olhar suavizou. - Ei, você está com uma aparência péssima, e parece que o Frank não é mais tão importante assim...

- Não - eu interrompi. - Isso não ... quer dizer, ele é muito importante. Mas é difícil porque eu estou muito confusa com essas coisas do Paul, entende? Tenho que admitir que os meus joelhos já não ficam moles toda vez que eu encontro Frank - confessei.

- Mas isso é normal, não é? É apenas um sinal de que estamos mais confortáveis juntos. Como se aquilo fosse verdade! Eu já não sentia meus joelhos virarem geléia, mas ainda tinha uma pontada de constrangimento quando conversava com ele.

Por que eu não havia contado a Frank o quanto ficara chateada com o modo como tomou todas as decisões sobre o editorial sem falar comigo? Ou como fiquei triste com a discussão que ele e Paul tiveram? Ou como me sentia totalmente miserável por Paul não estar mais falando comigo?

De repente, avistei Katie vindo em nossa direção. Ela levantou o olhar no exato momento em que eu a avistei. Nossos olhos se cruzaram, ela sorriu nervosamente e veio ao nosso encontro.

- Oi, Erica - disse ela, apertando os livros contra o peito. - Humm, obrigada novamente pelo seu conselho. Sabe, sobre o que eu poderia dar a Paul no Dia dos Namorados. Será que Paul havia falado a ela sobre a nossa briga? Tinha minhas dúvidas.

Eu ignorei a expressão de surpresa no rosto de Sharon.

- Ah, não foi nada - falei. - Eu fico feliz de ver que vocês dois estão tão bem.

É, feliz. Eu estava tão feliz que chegava a estar... triste.

Eu olhei para os lados, examinando qual seria a melhor maneira de sair rapidamente dali. Foi então que eu vi Cami, uma garota da cantina da escola, aproximando-se com um saco de bombons em suas mãos. Meu coração começou a pular. Um saco de

bombons do Dia dos Namorados! Talvez Paul não estivesse falando sério quando disse que deveríamos dar um tempo. Afinal por que ele manteria a tradição de me enviar um daqueles sacos de bombons da cantina no Dia dos Namorados?

Um enorme sorriso tomou conta do meu rosto conforme eu antecipava que tipo de mensagem supercarinhosa dizendo "você-é-minha-melhor-amiga" ele teria inventado neste ano. Eu guardava várias dessas mensagens na gaveta da minha escrivaninha. "É uma maluquice pensar que Paul realmente deixaria a nossa amizade terminar", disse a mim mesma enquanto Cami chegava perto de nós. Com certeza eu havia exagerado os acontecimentos.

- Aqui - disse Cami, esticando a mão com o saco de bombons. Mas ela estava olhando para ... Katie. Eu congelei, o sorriso foi se desmanchando nos meus lábios. - Para Katie, do Paul - leu Cami, entregando os chocolates para Katie.

Os olhos de Katie se iluminaram. Ela apertou o saco de bombons com uma das mãos, depois abriu o cartão. Então abriu um sorriso assim que leu a mensagem.

- Ele é tão carinhoso - disse ela, olhando para mim.

- Ahã - eu me forcei a responder.

O que havia de errado comigo? É óbvio que Paul mandaria um saco de bombons do Dia dos Namorados para a namorada dele, e não para mim, sua ex-melhor amiga.

O sinal tocou. Katie sorriu e correu para a sala. Sharon olhou para mim com uma simpatia que praticamente saía dos seus poros.

- Eh - começou ela - , você e Paul não estão falan...

- Eu tenho que ir - cortei-a e saí apressada pelo corredor. Eu não conseguia acreditar que estava sendo tão idiota.

Eu sempre havia caçoado cruelmente de Paul por causa daqueles estúpidos sacos de bombons, e agora eu estava quase chorando porque ele não havia me enviado um!

Isso significava que ele falava sério sobre dar tempo na nossa amizade. Ele não queria mais ser meu amigo.

Eu coloquei o pé no escritório do *Postscript*, ansiosa para começar a trabalhar em meu artigo sobre o Dia dos Namorados e esquecer o resto do mundo.

Frank estava sentado em sua mesa. O lindo, inteligente e dedicado Frank. Avistá-lo deveria ter me alegrado consideravelmente. Mas naquele momento... não.

- Ei, Erica! Que bom que você está aqui.

- Mesmo? - eu larguei a minha mochila e me apoiei na beira de sua mesa.

- Ahã. Eu fiquei pensando que nós precisamos escrever sobre esses sacos de bombons do Dia dos Namorados. Talvez uma daquelas listas estúpidas das dez razões que tornam os sacos de bombons a maneira mais estúpida de expressar como você se sente.

Eu tive um sobressalto.

- É, eu acho que a gente podia fazer isso - concordei. Afinal de contas, eu odiava aqueles sacos de bombons agora.

Frank espremeu os olhos para me observar.

- Tem alguma coisa errada? - perguntou ele.

Eu dei de ombros.

- É uma longa história. Mas, na verdade, eu vim para trabalhar naquele artigo, então eu acho que é bom que nós dois estejamos aqui - dei uma pausa, respirando profundamente. - Por que não começamos com os sacos de bombons? O que poderíamos dizer?

- Poderíamos lembrar que as pessoas pagam quase o triplo do que esses sacos insignificantes realmente valem - sugeriu ele.

Abri um sorriso. Eu sempre havia feito o mesmo comentário para Paul. É claro que isso foi antes de eu me sentir destruída por não valer um desses malditos saquinhos.

"Então essa era a questão", eu me dei conta. "Valer." Demonstrações de afeto existiam basicamente para mostrar às pessoas o quanto elas significavam para você. Seja um saco de bombons comprado com algumas moedas ou um colar de milhões de dólares ou algo que você mesmo faz sem gastar nada. Tudo existe para fazer com que a outra pessoa se sinta querida.

Eu recostei em minha cadeira.

- Não se esqueça de mencionar as garotas que passam o fim do dia chorando no banheiro porque não ganharam nada.

Frank revirou os olhos.

- Você está falando sério? - perguntou.

Engoli seco.

- É, é a verdade - falei. "Especialmente quando o seu melhor amigo não te envia um porque ele..." Por que Paul e eu não estávamos nos falando? Tinha feito sentido quando ele me disse que queria um tempo, por causa da briga e da tensão, mas agora isso parecia tão estranho!

Teria sido por que a gente não estava se dando bem? Por causa do Frank? Por causa da Katie? Por que ele havia mudado e agora estava apaixonado?

Ou por que ele realmente pensava que Frank estava me usando e por que eu havia gritado com ele, acusando-o de ter ciúmes?

"É você que está com ciúmes. Você está triste porque Paul não se sente mais daquela maneira em relação a você, justamente quando você começou a se sentir daquela maneira em relação a ele. Quando você percebeu que tudo aquilo com que você vinha sonhando não era o que queria."

"O que você quer é um saco de bombons do cara com quem você realmente se diverte. O cara que te dá todas as razões para amá-lo. O cara que leva lenços de papel e sopa quando você está doente, e repreende o seu namorado quando nota que ele está te magoando. O cara que faz com que você se sinta totalmente cem por cento, bem."

Eu me dei conta de que meus olhos começaram a se encher de água. Mas eu não podia chorar ali, na frente de Frank...

- Acabei de me lembrar que eu tenho que sair - falei rapidamente, agarrando a minha mochila.

- O quê? - Frank olhou espantado para mim, balançando sua cabeça. - Mas você acabou de chegar.

- É, eu sei. Eu... eu me lembrei de que tenho uma coisa para fazer em casa.

- Ok. Eu acho que te vejo amanhã, não é?

"Amanhã."

Dia dos Namorados.

TREZE

- Ah, olhe! - eu gritei, apontando para um balcão do outro lado do corredor. - Tem um *stand* inteiro para a Mulher Maravilha.

Frank franziu o nariz.

- Mulher Maravilha? - ele perguntou com uma repulsa evidente.

Eu suspirei. O nariz de Frank já tinha se exercitado bastante naquele dia. Toda hora que eu tentava mostrar a ele alguma coisa da qual eu gostava, ele espremia o rosto como se eu estivesse tentando convencê-lo a catar lixo comigo.

- Existe alguma coisa aqui que você quer ver? - eu soltei, já sem paciência.

Frank suspirou.

- Erica, você sabe que isso não é o tipo de coisa que eu gosto - falou, dando um passo para trás, enquanto uma pessoa vestida de Homem-Aranha passava na nossa frente. - Sinto muito, mas eu não vou ficar animado com... histórias em quadrinhos - falou, franzindo mais uma vez o nariz.

- Então, por que você concordou em vir? - perguntei.

Ele me olhou surpreso.

- Por você - explicou, ainda que isso fosse totalmente óbvio.

Eu me senti culpada. Eu já sabia daquilo. Eu havia ficado muito satisfeita que ele estivesse disposto a passar um dia olhando coisas que odiava só para me fazer feliz. Então, por que eu tinha que esperar mais dele, uma vez que já estávamos lá? Por que eu precisava forçá-lo a ser alguém que não era? Frank não se importava com revistas antigas do Super-Homem, nem comparava o modo como diferentes artistas desenharam o Curinga. Frank não era ...

Paul.

Mordi o lábio. Por que todos os assuntos sempre terminavam em Paul?

- Desculpe - falei. - Você está certo, eu estou sendo injusta - admiti, forçando um sorriso. - Você quer sair daqui?

- Eu adoraria - respondeu, seus olhos enchendo-se de alívio.

- Tudo bem - concordei, desapontada por ter que sair tão cedo. Eu não estava tendo o menor êxito no meu primeiro Dia dos Namorados de verdade. - Só me deixe pegar ...

- Erica!

Eu me virei e vi o rosto sorridente de Matthew Wilde, outro freqüentador assíduo da convenção de quadrinhos que Paul e eu tínhamos conhecido através dos anos.

- Onde está Paul? - perguntou ele.

Meu corpo paralisou por um instante.

- Ele, ah, não está aqui - murmurei, enquanto sentia o corpo de Frank ficando tenso ao meu lado. - Frank, este é o Matt - apresentei, constrangida. - Matt, este é o meu... humm, este é o Frank.

Matt cumprimentou Frank, balançando a cabeça.

- Como assim, Paul não está aqui? Ele iria morrer de inveja disso! - falou, mostrando uma pilha de revistas dos X-Men, as favoritas do Paul.

- Ele está com a namorada hoje - expliquei. - Ela não gosta de quadrinhos.

- Eu também não - falou Frank, soltando uma gargalhada. - Erica? Nós já estávamos de saída - ele falou para Matt.

Matt olhou para as minhas mãos vazias.

- Mas você ainda não comprou nada? Você sempre saía daqui carregada...

- Foi um prazer te conhecer - interrompeu Frank - , mas nós temos mesmo que ir.

Ele abriu um sorriso forçado para Matt, então colocou um braço ao redor dos meus ombros e foi me guiando para frente.

- Qual é o problema? - perguntei assim que saímos. - Existe algum motivo para você ter me empurrado daquele jeito? Aquilo foi muito grosseiro, não acha?

- Só que é frustrante o modo como você e seus amigos levam essas coisas juvenis a sério - explicou.

Eu parei e ajeitei minha jaqueta.

- O quê?

- Olhe, me desculpe - falou ele. - Eu não deveria ter comparado você a eles. Eu sei que você não é tão imatura quanto as pessoas com quem sai. Só não consigo entender como consegue agüentar a companhia deles, só isso!

Eu prendi a respiração.

Frank deu um passo para perto de mim, retirando uma mecha de cabelo da frente do meu rosto. Seus dedos encostaram em minha bochecha.

- Não vamos mais falar sobre isso, tá? - perguntou gentilmente. - Vamos esquecer toda essa tarde e pensar somente em hoje à noite, no baile - ele me fitou, com um sorriso nos lábios. - Eu acho que vamos nos divertir muito.

"Por que eu achava tão difícil imaginar que nos divertíssemos em algum lugar?"

"Pelo menos ele está tentando novamente", falei para mim mesma. "Ao me contar que estava pensando no baile, Frank me deixava mais ansiosa em relação àquela noite. E ele não estava mais usando o trabalho editorial do *Postscript* como uma desculpa. Hoje, a noite seria especial. Ele tem até um presente para mim!"

Eu sabia que Frank gostaria do diário com capa de couro vinho e da caneta retrô que eu havia comprado para ele naquela manhã. Eu até tinha escolhido um cartão fofo de Dia dos Namorados para ele. Nada muito meloso, é claro. Mas de bom gosto e quase masculino e...

- Ei, eu esqueci de te contar - disse Frank, cortando os meus pensamentos. - Eu fui na Book Nook um dia desses e comprei aquele livro de capa dura que você havia recomendado. É muito bom mesmo. Eu te empresto depois que terminar de ler. Só não quebre a lombada do livro. Eu odeio quando isso acontece. Você também não acha ruim?

Meu sangue parou de circular.

Eu era a maior idiota do mundo.

Eu me forcei a balançar a cabeça e concordar com Frank. Continuamos a andar em direção ao ponto de ônibus, apesar de não conseguir acreditar que minhas pernas estavam se movendo.

Talvez ele quisesse ir ao baile apenas por causa do *Postscript*. Talvez aquele papo de fazer uma pesquisa para o nosso artigo fosse verdadeiro e não uma desculpa bonitinha para dançar comigo.

Ou talvez ele apenas não fosse do tipo que dá presentes no Dia dos Namorados, eu me lembrei.

"Dãh. Isso não significa que ele não esteja querendo levar você ao baile com intenções românticas."

Eu sinceramente não tinha a menor pista do que esperar daquela noite. Por um lado, eu já não estava mais certa do que sentia por Frank. Por outro, queria que Paul estivesse errado em relação a ele. Talvez não quisesse perceber que eu estava errada em relação a ele.

Eu o espiei com o canto do meu olho.

Repentinamente, aquele ar intenso que eu sempre havia achado adorável parecia... frio. Eu não conseguia encontrar mais desculpas para o modo como os meus sentimentos em relação a Frank haviam mudado durante a última semana.

Não era por causa dos sentimentos estranhos que eu tinha desenvolvido por Paul. Era porque Frank não me fazia bem. Tudo aquilo que Paul havia falado sobre ele estava, pouco a pouco, parecendo terrivelmente verdadeiro.

"Até mesmo", eu pensei com uma grande agonia, lia possibilidade de que Frank esteja me usando por todo esse tempo. Para impedir que eu ajude Paul"

"Bem, você sempre quis que ele respeitasse a sua capacidade de escrever, Erica. Se ele estiver te usando, pelo menos você terá certeza de que ele realmente acha você talentosa."

Ah, sim. Como se isso realmente fizesse com que eu me sentisse melhor.

- Você está linda - disse Ellen, balançando a cabeça. Ela estava sentada sobre a minha cama com as pernas cruzadas, assistindo enquanto eu caprichava no visual para ir a um baile que eu temia com cada pedaço do meu ser.

- Tem certeza de que essa saia não deixa as minhas coxas enormes? - perguntei a ela. Eu tinha minhas dúvidas se Frank faria algum comentário sobre todo o cuidado que eu havia tido com a minha roupa e o meu penteado. Mas Paul e Katie estariam no baile, e eu precisava mostrar a eles que eu estava me sentindo maravilhosa. Bem, eu precisava mostrar isso a Paul, pelo menos.

Ellen soltou uma gargalhada.

- Como se isso fosse possível - retrucou ela, puxando as suas próprias pernas fininhas em direção ao peito. - Vai dar uma conferida.

Eu me olhei no espelho de corpo inteiro que fica atrás da porta do meu armário. Vau! A minissaia preta fazia as minhas pernas ficarem bem longas ... e as coxas não ficavam enormes, de fato. E o *top* justo marrom que Linda insistiu que eu comprasse durante um passeio no shopping era ao mesmo tempo festivo e *sexy*. Eu estava com sapatos de salto alto também. Era o completo oposto das roupas monótonas que eu usava diariamente.

- Vê? Você tá incrível! - exclamou Ellen.

A campainha tocou e eu congelei.

- É o Frank - falei sem pensar, enquanto meu estômago começava a revirar. Meus sentimentos por ele tinham mudado, mas eu estava ansiosa para ver o que ele estaria vestindo. Ele normalmente se vestia muito bem, então imaginei que estaria um arraso.

- Eu quero todos os detalhes depois - Ellen me intimou, depois fugiu para o quarto dos nossos pais.

Eu respirei fundo, peguei minha pequena bolsa de festa, e fui em direção da escada.

Outra respiração profunda na porta da frente.

Coloquei um sorriso no rosto e abri a porta.

Meu sorriso desapareceu.

Frank vestia exatamente a mesma roupa que estava usando durante a convenção: calça *jeans* e uma camisa pólo verde de mangas compridas.

O rosto de Frank empalideceu alguns tons e seus olhos se arregalaram assim que viu a minha roupa. Eu rapidamente dei um passo para trás, de modo que a porta cobrisse o máximo possível do meu corpo. Então, um largo sorriso se abriu em seu rosto.

- Eu adorei isso! - exclamou ele.

Eu o fitei, confusa. Era essa a estranha maneira dele elogiar a minha aparência?

- Você está indo disfarçada - ele afirmou corriqueiramente. - É uma pena que eu não tenha pensado nisso. É brilhante! Você vai parecer mais uma daquelas garotas bobas em seus vestidinhos, assim vai ter muito mais facilidade para espionar as conversas estúpidas delas para o nosso artigo! Eu, no entanto, vou parecer um estranho no ninho. Eu esperei ansioso por essa missão de pesquisa durante toda a semana e nem pensei nisso!

- É isso mesmo - falei, colando um sorriso falso no meu rosto. - Esta sou eu, sempre pensando sobre o nosso artigo! - completei. "Será que esse idiota reconhecia um comentário sarcástico quando ouvia um? Ou ele apenas nunca ouvia nada.?"

Ele sorriu para mim.

- E é uma gracinha que você tenha se esforçado tanto para parecer *sexy*!

"Você é o cara mais estúpido que eu encontrei em toda a minha vida", pensei, enquanto olhava para ele.

Pelo menos agora eu tinha certeza. E era engraçado ... eu nem conseguia odiar o Frank. Ele nunca havia escondido o fato de que era um completo imbecil. Eu é que não havia

reconhecido isso. Nós estávamos indo ao baile para fazer uma pesquisa para o nosso artigo. Era algo estritamente profissional.

No momento em que Paul visse Frank de calça *jeans* e eu naquela roupa, ele poderia falar "eu te avisei".

"Bem, talvez seja bom que ele não esteja falando comigo.

CATORZE

- Olha só esse lugar! - Frank exclamava cheio de repugnância, enquanto entrávamos no ginásio da escola.

- É, eu sei - falei pensativa, olhando ao meu redor.

Tiras rosas e vermelhas estavam penduradas em todas as paredes e espalhadas pelo chão, e balões flutuavam sobre a gente. Parecia o cenário perfeito para se estar com alguém que você amava, alguém que ...

- O que eles fizeram, assaltaram uma floricultura? – continuou Frank.

Eu observei todas as mesas com delicados arranjos de rosas. Talvez houvesse uma época em que eu teria zombado disso também, mas, agora, aquela decoração e as flores me deixavam sem ar. Elas eram lindas.

- Por que não nos sentamos? - perguntei, ansiosa por não ficar mais em pé no meio da entrada. Frank estava carregando dois blocos de anotação. Ele era tão atencioso que havia trazido um extra para mim.

- Vamos ver, qual a posição mais estratégica? – perguntou Frank, analisando o ambiente. - Ah, olhe, parece que seus dois amigos estão bem felizes.

Segui o seu olhar e avistei Paul e Katie dançando uma música lenta ao lado do palco. Senti o meu coração se contorcer. Paul estava lindo. Ele vestia uma camisa social cinza de mangas compridas, combinando com uma calça preta. Katie estava bonita como sempre, em um moderno vestido vermelho.

Lágrimas surgiram em meus olhos e eu pisquei-os furiosamente. "Como deveria ser ficar' nos braços dele?", imaginei. "Sentir o corpo tocando o meu? Beijá-lo..."

Ele me odiava agora, mas eu ainda queria que ele fosse feliz. "Eu acho que é assim que você se sente quando realmente..."

"Quando realmente ama alguém."

Eu me forcei a desviar o meu olhar, respirando com força. Então, avistei Linda agarrada ao Dave, e Sharon dançando colada com sua nova paquera, um cara que sua irmã havia lhe apresentado. As duas pareciam estar muito felizes, aconchegadas nos braços dos seus pares como se aquele fosse o lugar mais maravilhoso para se estar. Como eu pude pensar que carinho é algo para ser ridicularizado?

E por que eu pensei que agüentaria vir ao baile? Eu deveria ter batido a porta na cara de Frank e dito para ele pesquisar sozinho. Mas não tinha sido capaz de fazer isso. E eu não poderia abandonar o baile agora. Eu não suportaria dar a Frank a satisfação de saber que ele havia me magoado. E também não suportaria deixar que Paul soubesse o quanto eu me sentia miserável.

- Que tal naquele canto lá? - perguntei a Frank. Um calafrio passou pela minha coluna quando eu me virei para olhá-lo. "Eu não consigo imaginar que já estive maluca por você", eu pensei.

Frank franziu a testa quando viu o local para onde eu apontava.

- É um pouco distante demais, mas podemos começar fazendo algumas anotações sobre o ambiente.

Frank começou a escrever desde o minuto em que nos sentamos à mesa. Enquanto escrevia mantinha um sorriso afetado no rosto. Abri o meu bloco e fitei a folha de papel

em branco. Então, levantei a cabeça e espiei a pista de dança, incapaz de resistir à vontade de olhar para Paul.

Por que eu me torturava assim? Era melhor esquecer isso. Ele estava apaixonado por ela. E nós nem éramos mais amigos.

- Você não acha que nós deveríamos dançar? – perguntou Frank.

-Ah?

- Bem, nós colheríamos um material melhor se ficássemos lá com eles.

Eu abri um sorriso amarelo. Houve um tempo em que eu pensaria que ele só estava dando uma desculpa para dançar comigo.

Frank afastou a sua cadeira para trás e se levantou.

- Então, vamos? - perguntou novamente.

Pisquei os olhos, pensando em uma desculpa para não ter que dançar com ele. Eu não conseguiria ficar lá no meio do ginásio, nos braços de Frank, sentindo nada. E, o que é pior, rodeada por pessoas que realmente se gostavam.

- Nós viemos para espionar, lembra-se? Você não vai desperdiçar todo esse disfarce que você fez, certo? - ele pegou a minha mão e me guiou para a pista de dança.

"Certo, eu posso fazer isso", disse a mim mesma.

Frank colocou um braço ao redor da minha cintura e segurou a minha mão do modo como se faz quando dançamos com um parente ou uma pessoa por quem não temos nenhum interesse. "Isso teria acabado comigo, caso eu ainda gostasse dele", eu me dei conta, agradecida por já ter enxergado a luz.

Balançamos de acordo com a música. Eu fechei os olhos fingindo que o rapaz com quem eu dançava não era o Frank. Era alguém de quem eu gostava, cujos braços eu queria sentir ao redor do meu corpo. Eu suspirei e apertei as mãos ao redor do seu pescoço, imaginando que estava dançando com ... Paul.

Eu abri os olhos e, de repente, lá estava ele. Paul. Logo atrás de Frank, dançando com Katie e olhando diretamente para mim.

Eu me desvencilhei dos braços de Frank e comecei a dar passos para trás, esbarrando em um casal que estava atrás de mim.

- Me-me desculpe - gaguejei para eles.

- Qual é o problema? - perguntou Frank.

- É uma, bem, é uma inspiração - soltei de uma vez. – Eu tenho que ir escrever - falei e saí às pressas da pista de dança, desviando dos casais.

Eu localizei o meu bloco de notas, meu único presente de Dia dos Namorados, sobre a mesa. Agarrei-o e depois corri na direção do portão de saída. A música romântica que tocava no ginásio foi sumindo até virar um som distante. Eu me desmanchei em lágrimas assim que as duas portas do ginásio se fecharam atrás de mim.

Eu não sabia para onde ir, nem o que fazer. A única pessoa que sempre me consolava desde que eu tinha cinco anos estava dentro do baile, dançando com a garota que amava. E não haveria mais nenhum consolo vindo de Paul, nunca mais.

A porta do ginásio se abriu atrás de mim e a música voltou a ficar audível. Enxuguei minhas lágrimas, constrangi da de que alguém pudesse me ver chorando no Dia dos Namorados. Como isso seria patético!

- Erica?

"Paul"

Ele estava falando comigo.

Fiquei receosa de me virar. Receosa de que, no momento que visse toda a preocupação e carinho nos lindos olhos castanhos dele, eu recomeçasse a soluçar.

Ele caminhou ao meu redor, parando exatamente na minha frente. Então, levantou meu queixo com seus dedos.

- O que foi que aquele idiota fez? - perguntou.
- Nada - murmurei, evitando olhar em seu rosto. – Você esteve certo sobre ele desde o princípio - falei com a voz embargada, em meio aos soluços. - Bem, agora você pode falar "eu te avisei" Eu mereço.
- Eu sinto muito - Paul falou suavemente. - Eu nunca quis te ver triste. Ele não merece as suas lágrimas, Erica.
- Ele não merece porque eu... - interrompi meu desabafo. "Cale a boca, Erica. Apenas cale a boca. Paul não merece que você despeje tudo em cima dele. Ele não precisa saber como você se sente em relação a ele. Isso só vai fazê-lo culpado por te machucar, agora que ele ama Katie. Se você realmente o ama, você irá ficar de boca calada."
- Por quê? - ele perguntou. Ele deixou sua mão cair, e eu ainda não conseguia levantar a cabeça. Como ele podia continuar sendo tão maravilhoso depois do modo como eu o tratei no escritório do *Postscript*? Ele levantou o meu queixo mais uma vez. - Erica? Você vai me olhar? Por favor. Sou eu, Paul.
"É, eu sei"
O toque dele era tão macio e quente que o meu único resquício de receio se dissolveu e eu me desfiz em lágrimas, meu corpo sacudia enquanto eu soluçava. Ele me envolveu com seus braços e me puxou para perto, dando um abraço apertado. Eu afundei a minha cabeça em seu peito.
Eu precisava tanto dele, e não queria de modo algum sair dali. Mas eu tinha que sair. Os soluços começaram a cessar. Paul recuou lentamente erguendo o meu rosto e enxugando as lágrimas das minhas bochechas.
- Está tudo bem - murmurou ele em meu ouvido. – Está tudo bem. Shh.
Eu finalmente encarei os olhos dele. Prendi a respiração e minhas mãos começaram a tremer. Eu pude ver todos os anos da nossa amizade, nossa incrível amizade, refletidos em seus olhos sensíveis.
Meu coração estava tão disparado que eu podia até ouvir as batidas. Então, ainda fitando os olhos de Paul, eu avancei um pouco em sua direção. Ele também aproximou o seu rosto do meu, até que o espaço entre nós ficou tão pequeno que era possível sentir a respiração dele em minha bochecha.
Seus lábios quase tocavam os meus. Um centímetro a mais e eles ficaram juntos. Eu podia imaginar a suavidade de sua boca, a doçura do seu beijo...
Ai, meu Deus! Meu coração começou a bater ainda mais forte. Agora fazia sentido beijar Paul... fazia totalmente sentido. Era algo natural. Fazia sentido ser tocada por Paul. Fazia sentido segurá-lo perto de mim. Fazia sentido querer beijá-lo. Eu engoli seco. Frank nunca havia me deixado desse jeito... ninguém havia. Eu tive vontade de beijar Frank, sim. Mas ninguém me conhecia tão profundamente quanto Paul. Ninguém tinha o poder de me comover mesmo quando eu tinha certeza de que nada me emocionaria. Paul era o meu melhor amigo.
"E eu estou apaixonada."
"Não despeje isso sobre ele."
"Não despeje isso sobre ele. Não faça isso. Se você realmente o ama, não faça isso. Não depois de ele já ter encontrado uma outra pessoa. Uma pessoa que ele ama. Ele está apenas consolando você agora. Ele não te ama. Não mais."
- Eu... eu tenho que ir - gaguejei, me afastando dele. Ele permaneceu me fitando, cheio de confusão naqueles lindos olhos. E então eu corri.

Quer Ser o Meu Namorado?

Uma lição aprendida tarde demais

Por Erica Park

"O Dia dos Namorados é o melhor ... é o único dia dedicado inteiramente ao amor." Esta é apenas uma das respostas que eu colhi quando entrevistei alguns de vocês para este artigo. Minhas perguntas foram elaboradas para mostrar a todos o quanto o Dia dos Namorados é uma data ridícula, uma ocasião inventada para as pessoas expressarem emoções superficiais por meio de presentes piegas e sentimentais.

Mas eu estava errada.

Enquanto eu ouvia cada um de vocês, percebi que não importa o motivo que levou à criação do Dia dos Namorados. Nem como nós escolhemos celebrar esta data. Não importa se há um milhão de ursinhos de pelúcia nas vitrines agarrando caixas de chocolate em formato de coração com suas patas. Veja bem, diamantes são valiosos porque são raros de serem encontrados - assim como um verdadeiro amigo, ou uma pessoa que conhece você profundamente. No entanto, os diamantes também são especiais porque eles não são incomuns. O significado deles é imediatamente reconhecido por quem os recebe. Um anel de diamantes simboliza amor e comprometimento porque é um presente tradicional nos momentos em que há a promessa de uma vida a dois.

Isto também é verdade para os presentes trocados no Dia dos Namorados. O que rosas vermelhas, chocolates e adoráveis bichinhos de pelúcia representam? Eles são maneiras simples e diretas de mostrar a uma pessoa o quanto você gosta dela, assim como duas mãos dadas sob a mesa ou um beijo roubado no corredor. Gestos de carinho como esses e palavras sentimentais que existem desde sempre, como "eu te amo", são símbolos do que se passa dentro de você. O fato de não serem únicos e originais não os torna menos verdadeiros ou importantes. Quando você ama alguém, demonstra isso de todas as maneiras possíveis: seja entregando a sua última ficha de fliperama para essa pessoa, abraçando-a quando ela está triste ou dando a ela uma caixa gigante de trufas.

Qual a diferença se as palavras em seu cartão foram escritas por Shakespeare ou pela loja do shopping? Elas significam a mesma coisa para a pessoa que deu o cartão a você. Eu só consegui entender isso há bem pouco tempo, quando descobri o que é um verdadeiro amor. Eu aprendi que é fácil ridicularizar mensagens carinhosas nos sacos de bombons enviados para você ano após ano. Até o ano em que você não recebe um. É então que você percebe o quanto aquilo a fazia se sentir aquecida por dentro. É fácil falar sobre a tolice dos casais que se tratam carinhosamente - até você sentir algo forte o suficiente por alguém e entender como é querer segurar essa pessoa e nunca mais deixá-la ir embora.

Finalmente, é fácil rir do Dia dos Namorados - até você entender que esta é uma data para valorizar aquilo que você conquistou e, às vezes, perceber aquilo que perdeu.

QUINZE

Respirei aliviada quando entrei no escritório do *Postscript* na terça-feira de manhã. A edição do jornal sobre o Dia dos Namorados já havia sido distribuída pela escola e eu estava pronta para encarar Frank. Ele tinha deixado recados para mim no sábado à noite e duas vezes no domingo, e eu evitara encontrá-lo durante toda segunda-feira. Tudo o que eu precisava falar a ele estava em meu artigo, que eu tinha entregado diretamente ao Sr. Serson no dia anterior.

- Quer dizer que a senhorita anti-sentimentalismo também tem um coração - falou Linda ao entrar no escritório, sorrindo para mim.

- Pois é ... - murmurei. Levantei o olhar para a porta no momento em que outras pessoas da equipe começavam a entrar, inclusive Frank.

O artigo que ele escreveu sobre a história da evolução do Dia dos Namorados havia ficado bem frio e chato. Assim como ele.

- O que você estava tentando fazer? - perguntou ele, olhando de modo feroz para mim enquanto jogava um exemplar do *Postscript* sobre a mesa.

Eu sorri para ele.

- Tentando fazer? - repeti. - Eu não entendo - disse, cruzando os meus braços.

- Com o seu artigo - disse ele, revirando os olhos. - O que foi toda aquela bobagem sobre carinho e comprometimento? Eu pensei que você fosse diferente. Mas, obviamente, você e eu não temos nada em comum. Você deveria imaginar como eu reagiria ao ler o seu artigo. Então, eu vou tomar isso como um rompimento.

Linda, David e Carrie escutavam tudo a uma certa distância. Pelo jeito que balançavam a cabeça e reviravam os olhos, parecia que não se surpreendiam com o que Frank falava. Será que só eu não havia percebido o quanto ele era idiota?

- Eu nunca disse que você não era inteligente, Frank - falei enquanto ele franzia a testa.

- Você está absolutamente certo - continuei. - E estou muito feliz por não termos nada em comum. Eu nunca conseguiria ser tão rude quanto você é. A única coisa que você faz é menosprezar os outros. Eu só me arrependo de ter te ajudado com a campanha para o cargo de historiador. Você nunca poderia representar o nosso corpo de alunos porque você não tem respeito por nenhum de nós.

Ele engasgou, me olhando com espanto.

- Eu amo esse jornal - continuei. - E não existe a menor possibilidade de que eu desista de algo pelo qual batalhei tanto apenas porque terei que trabalhar com você. Mas, sim, você pode certamente tomar o meu artigo como um rompimento. É uma gracinha que você já tenha entendido isso.

Frank deu um sorriso afetado.

- Seja o que for - murmurou, depois deu uma volta e sentou-se em sua cadeira, de costas para as pessoas.

Linda correu em minha direção.

- Você está bem?

Sacudi os ombros.

- Apenas exercitando as minhas habilidades de edição - disse, enquanto Linda me olhava com uma cara de espanto. - Tava praticando como fazer cortes importantes na minha vida - expliquei com o meu primeiro sorriso sincero desde sábado à noite.

Caminhei para o meu armário depois das aulas, aliviada de ver que Linda e Sharon não estavam por perto. As duas me pressionaram o dia inteiro para saber o que tinha acontecido com Frank e Paul. Linda já havia contado a Sharon sobre a minha discussão com Frank no escritório do *Postscript*, e ambas estavam loucas para saber o que havia causado aquilo.

Eu apenas não estava no clima de explicar. Frank tinha deixado três mensagens para mim durante o fim de semana, enquanto Paul não deixara nenhuma. E ele não tinha assistido à aula de História naquela manhã. Eu também ainda não havia encontrado Katie. Talvez os dois estivessem se esforçando para não me encontrar. O que fazia muito sentido.

Eu não esperava mesmo falar com Paul depois de ter saído correndo do baile no sábado à noite; afinal era Dia dos Namorados e ele *pertencia* a Katie. Provavelmente eles haviam ficado grudados no domingo também. Pelo menos, de certa maneira, Paul e eu tínhamos feito as pazes naquela noite. Pelo menos ele não me odiava mais. No entanto, eu sentia que ele ainda preferia dar um tempo.

Eu abri o armário e empurrei meus livros para dentro. Foi quando me surpreendi com um papel dobrado, na estante superior. "O que é isso?", me perguntei. Meu nome estava escrito nele com uma caligrafia que eu conhecia tão bem quanto a minha. A de Paul. Prendi a respiração por um momento, abrindo lentamente o bilhete.

"Erica, me encontre depois da escola no *Pac-Man*."

Olhei novamente para aquele bilhete de uma linha, certificando-me de que havia lido corretamente. Por que Paul me convidaria para encontrá-lo perto da máquina de *Pac-Man*? Aquele jogo eletrônico não estava funcionando há seis meses, e todos do Bowl-a-Rama insistiam que ele não seria consertado.

Talvez ele tenha imaginado que um canto mais quieto da sala de fliperama fosse o local perfeito para me contar que não poderíamos mais ser amigos. Que a nossa amizade desfeita não poderia ser recuperada. E o Bowl-a-Rama, onde nós tínhamos passado tanto tempo nos últimos nove anos, era provavelmente o lugar mais doce que ele poderia imaginar para dizer adeus.

Respirei fundo, então empurrei a porta da sala de fliperama do Bowl-a-Rama.

Eu me desequilibrei para trás.

Paul estava sentado atrás de uma mesa no centro da sala, rodeado por flores, balões, bandeirolas e caixas vermelhas de chocolate. Um cd *player* apoiado sobre a máquina de *Space Invaders* tocava suavemente uma música romântica.

- Feliz Dia dos Namorados atrasado - disse ele para mim.

- Eu não estou entendendo - exclamei.

- O Lee me ajudou a arrumar tudo isso aqui - sorriu Paul levantando um saco de bombons.

Peguei aquele saco de bombons e abri o pequeno bilhete que estava fixado nele.

Minha querida Erica,

Eu vou simplificar as coisas este ano. Você é tudo para mim, e sempre será. Não existem flores ou chocolates suficientes para simbolizar o quanto estou apaixonado por você, mas aqui está um começo.

Com amor, Paul.

Minhas mãos tremiam e eu olhei para ele.

- Mas e Katie... - eu comecei a falar.

- Katie terminou comigo na manhã do Dia dos Namorados - explicou Paul. - Eu perguntei se ela se importaria em dar um pulo na convenção de quadrinhos, e ela ficou louca. Disse que aquele era o último lugar que gostaria de ir, especialmente num Dia dos Namorados.

Meu queixo caiu.

- Então - continuou ele -, ela me falou que tinha a sensação de que, o verdadeiro motivo para eu querer ir era porque você estaria lá. Ainda que estivesse com Frank. E estava certa, mas eu não contei isso a ela.

- Ela deve estar tão triste - tentei comentar. O choque de ter acabado de ouvido tudo aquilo me deixou paralisada.

- Não - falou ele. - Ela me contou que realmente gostava de mim como um amigo, mas não achava que eu era o cara certo para ela. Disse que não tínhamos nada em comum.

- Mas vocês foram ao baile juntos - falei. - Eu vi vocês dançando música lenta.

- Nós fomos como amigos - retrucou Paul, levantando-se e aproximando-se de mim. - Não há definitivamente sentimentos mais fortes em qualquer um dos lados. Além do mais, nenhum de nós conseguiria um outro par tão rapidamente - ele sorriu, chegando ainda mais perto.

- Se ao menos eu soubesse disso naquela noite! - exclamei.

- Fico feliz que não. Ou não teria escrito o artigo daquela mesma maneira. Com o coração aberto.
Ele segurou as minhas mãos.
- Bem, então você já sabe - falei. - Sobre como eu sinto, que eu escrevi aquilo sobre nós. Quer dizer, sobre eu e... bem, sobre o que eu... - respirei profundamente.
- Talvez seja melhor você falar isso diretamente, assim não fará nenhuma confusão - sugeriu ele.
- Eu te amo, Paul - falei. - Eu me apaixonei muito por você. Estou completamente apaixonada, da maneira mais antiquada possível.
Ele me fitou.
- Diga alguma coisa! - gritei.
Um largo sorriso se abriu em seu rosto, e seus olhos brilharam.
- Como o quê? - perguntou ele. - A garota que eu quis durante toda a minha vida acaba de confessar que está perdidamente apaixonada por mim. Qual é a resposta certa?
Comecei a gargalhar.
- Erica- ele disse suavemente - , eu nunca poderia fazer outra coisa senão te amar. É por isso que pedi que me encontrasse perto do *Pac-Man*. O que nós temos nunca poderá ser quebrado, nunca.
Todo o meu corpo parecia se derreter com aquelas palavras.
- Eu estava com tanto medo de ter te perdido - falei com a voz embargada. - Eu tenho tanta coisa para te contar, sobre tudo o que eu aprendi, percebi...
- Shh - sussurrou Paul, tocando seus dedos em meus lábios. Eu pisquei, enquanto uma sensação de arrepio percorria todo o meu corpo até os dedos dos pés. Então ele me envolveu com seus braços, puxando meu corpo contra o dele.
- Nós temos todo o tempo do mundo para isso - falou ele.
Eu apoiei minha cabeça sobre o seu peito largo, suspirando enquanto seus braços me abraçavam. Nós dançamos seguindo o ritmo lento da música. Eu levantei o meu queixo, e ele abaixou o dele.
Pela primeira vez em nove anos, nós nos beijamos. Realmente nos beijamos. Seguramos tão forte um ao outro que parecia que viraríamos uma única pessoa. Eu saboreei a perfeição e o carinho daquele momento. Meus olhos se encheram de lágrimas de pura felicidade.
Parecia que o beijo havia durado uma eternidade. Mas num dado momento, nos afastamos um pouco, com os braços ainda presos.
- Valeu a pena esperar? - brinquei, surpresa em ouvir um tremor em minha voz.
Paul sorriu, depois balançou a cabeça.
- Eu te amo - ele sussurrou.
E então ele abaixou a cabeça e me beijou de novo, suavemente. A sensação do seu toque era ao mesmo tempo familiar e nova, como se eu tivesse acabado de encontrar algo que deixara escapar por anos.

Dez razões para amar

*Por Erica Park,
para seu jornal particular*

10. Receber constantemente chocolates, mesmo que falem uns 360 dias para o próximo Dia dos Namorados.
9. Dar beijos nos corredores da escola.
8. A aula de História se torna muito mais interessante.

7. Sharon, Linda e eu podemos ficar horas conversando sobre isso sem enjoarmos.
6. Você pode sair junto com um outro casal, como Katie e seu novo namorado David, o diagramador do jornal.
5. Estudar junto passa mais rápido.
4. Alguém sempre guarda um lugar para você na lanchonete.
3. Você não precisa ter dias monótonos porque todos os dias são diferentes.
2. Amar é simplesmente incrível.
1. Você pode comemorar a vitória do seu namorado para o cargo de historiador da escola da maneira mais romântica possível: jogando boliche ou fliperama e comendo uma porção dupla de batatas fritas.

***** FIM *****